



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

---

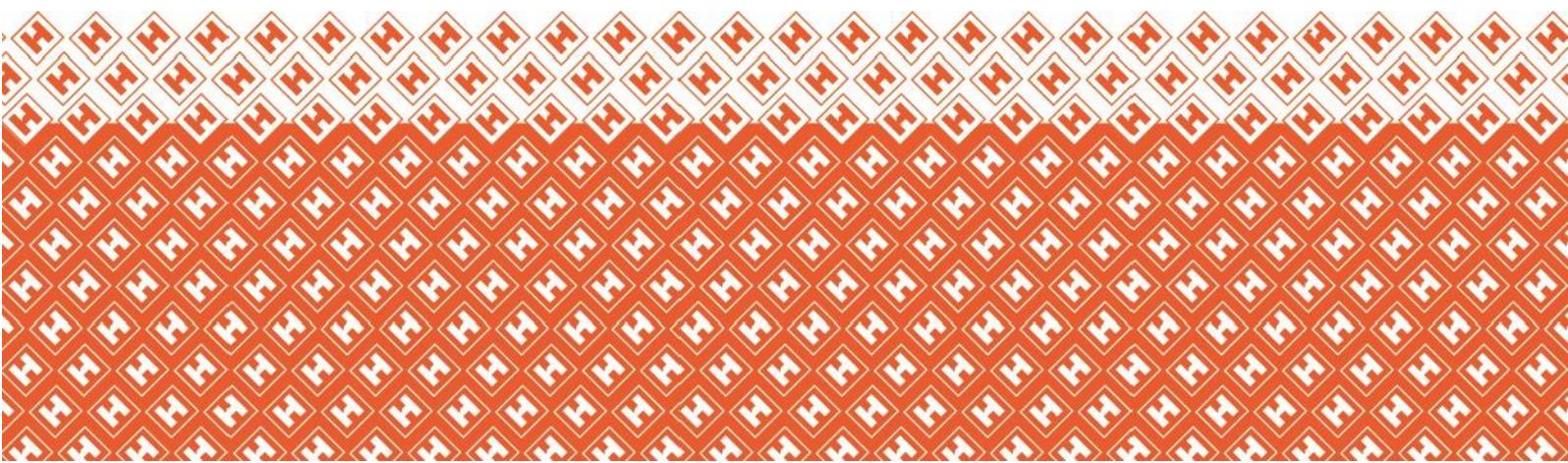
**DÉBORA BARROS DOS SANTOS**

**Há escola para os *Calen*? Questões e propostas para o acolhimento  
ao povo cigano em Ouricuri - Pernambuco**



**Universidade Regional do Cariri-URCA**

Junho, 2024



Débora Barros dos Santos  
Há escola para os *Calen*? Questões e propostas para o acolhimento ao povo cigano  
em Ouricuri - Pernambuco

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória da Universidade Regional do Cariri como parte da obtenção do título de mestre.

**Linha de pesquisa:** Saberes históricos em diferentes espaços de memória

**Orientadora:** Dra. Rosilene Alves de Melo

Crato, Ceará  
2024

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema  
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Dos Santos, Débora Barros

D722qe Há escola para os Calen? Questões e propostas para o acolhimento ao povo cigano em Ouricuri - Pernambuco / Débora Barros Dos Santos. Crato-CE, 2024.

215p. il.

Dissertação. Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosilene Alves de Melo

1.Ensino de História, 2.Povos Ciganos, 3.Interculturalidade, 4.Decolonialidade;  
I.Título.

CDD: 907



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ  
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR-SECITECE  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA

**ATA DA BANCA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM  
ENSINO DE HISTÓRIA - URCA DA ALUNA DÉBORA BARROS DOS SANTOS**

Aos dois dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às 15:00 horas, por videoconferência - Plataforma google meet, realizou-se em sessão pública a banca de defesa da aluna DÉBORA BARROS DOS SANTOS, intitulada "HÁ ESCOLA PARA OS CALEN? QUESTÕES E PROPOSTAS PARA O ACOLHIMENTO AO POVO CIGANO EM OURICURI - PERNAMBUCO," sob orientação da Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A Banca Examinadora foi composta pelos docentes: Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Orientadora, Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Avaliadora externa, Profa. Dra. Paula Cristiane de Lyra Santos, da Universidade Regional do Cariri (URCA) e Prof. Dr. Thiago de Abreu e Lima Florêncio, da Universidade Regional do Cariri (URCA), Avaliadores Internos e integrantes do Corpo Docente do Mestrado Profissional em Ensino de História URCA. A sessão foi aberta pela Profa. Rosilene Alves de Melo, orientadora. A Banca Examinadora procedeu às atividades de arguição. Encerrada a arguição, foi emitido o parecer final da Banca de Defesa, sendo a aluna **APROVADA**.

Na ocasião a banca procedeu as seguintes observações e/ou recomendações: a banca destaca a originalidade do trabalho e recomenda a sua publicação De acordo com o Regimento do Mestrado Profissional em Ensino de História, a aluna deverá efetuar as modificações sugeridas, que serão conferidas por sua orientadora. Nada mais havendo a tratar, a Presidente da Banca deu por encerrada a sessão, da qual, para constar, eu, Tatiane Pereira da Silva, secretária do ProfHistória URCA, lavrei e assinei a presente ata juntamente com os demais Membros da Banca Examinadora em 02 de setembro de 2024.

gov.br  
Documento assinado digitalmente  
ROSILENE ALVES DE MELO  
Data: 03/09/2024 09:49:07-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo  
Universidade Federal de Campina Grande

gov.br  
Documento assinado digitalmente  
ROSEMERE OLIMPIO DE SANTANA  
Data: 02/09/2024 17:22:07-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana  
Universidade Federal de Campina Grande  
(Avaliadora Externa)

Profa. Dra. Paula Cristiane de Lyra Santos  
Universidade Regional do Cariri

gov.br  
Documento assinado digitalmente  
THIAGO DE ABREU E LIMA FLORENCIO  
Data: 03/09/2024 10:49:10-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Thiago de Abreu e Lima Florêncio  
Universidade Regional do Cariri  
(Avaliador Interno)

*Tatiane Pereira da Silva*

Tatiane Pereira da Silva  
Secretária do ProfHistória/URCA

### Dedicatória

À comunidade Calon da cidade de Ouricuri-PE, com a esperança de que esta pesquisa contribua para práticas educativas mais democráticas.

À minha tia Maria da Conceição (*In memorian*), com a mesma intensidade, amor e cuidado que ela representou em minha vida.

Ao meu pai, Daniel José dos Santos (*In memorian*).

## AGRADECIMENTOS

A cultura cigana costuma estar associada à vida itinerante e à busca por novas experiências. Ao externar gratidão a todas as pessoas que contribuíram durante esse percurso, aproveito para estabelecer relações entre as travessias Romani, ao longo do tempo, e minha própria jornada. Desde o meu nascimento em 1986, na região do Recôncavo Baiano, em Santo Amaro, é possível retroceder no tempo e constatar quantos foram os movimentos e experiências nesses últimos trinta e oito anos.

A primeira travessia ocorreu quando, com apenas onze meses de idade, me mudei para Parnamirim, no sertão de Pernambuco, devido à separação dos meus pais, onde vivi até os quatorze anos. Na adolescência, mudei-me a cidade de Salgueiro para viver com uma tia, onde cursei o Ensino Médio, e em seguida mudei para Crato, no Ceará, para dar continuidade aos meus estudos. Aos vinte e cinco anos retornei a Parnamirim e, aos trinta e um anos mudei-me para Ouricuri. No ano seguinte retornei a Parnamirim novamente. Finalmente, aos trinta e cinco anos, mudei “pela última vez” para Salgueiro, Pernambuco, onde atualmente resido e leciono.

Na convivência com a família materna, em especial com duas professoras da Educação Básica, fui gradativamente ganhando apreço pela educação escolar. Certa vez, por volta dos anos 2000, um tio da minha mãe, deficiente visual, tocou minhas mãos de forma carinhosa e falou: “você vai ser professora”. Respondi esbravejando de forma grosseira com um sonoro “não, jamais, Deus me livrasse”. Quando chegamos em casa, minha mãe me alertou acerca da minha postura rude, pois no contexto em que aquele senhor havia crescido, ser professora era sim uma profissão de prestígio.

Havia um certo temor dentro de mim quando se tratava de escolher seguir o caminho da docência, especialmente diante do quadro de pouca valorização que os profissionais enfrentam no contexto brasileiro. Porém, lembro-me com carinho de como, no meu tempo de criança e juventude, ocupar o papel de professora e “ensinar” nas brincadeiras sempre proporcionou grande contentamento. Influenciada pelas minhas tias, professoras Odete e Fátima Tavares, o apego à Educação começou a brotar e tomar espaço nos meus planos de futuro. Prestes a finalizar o Ensino Médio, recebia leves indagações de minha mãe a respeito da carreira que eu almejava abraçar. Além disso, ela sutilmente me incentivava a considerar a área educacional,

afirmando que em nossa localidade havia melhores perspectivas para quem lecionava do que para outras carreiras. Embora não completamente convencida nem animada com essa sugestão e considerando apoio implícito, decidi atender à orientação materna. Foi assim que tomei a decisão e, no ano de 2005, matriculei-me no curso de História na Universidade Regional do Cariri.

No primeiro semestre do curso, fiquei impactada com a quebra de expectativas em relação ao curso de História. Uma garota de uma pequena cidade do interior de Pernambuco ingressa em uma universidade pública com uma visão reducionista da História. A ideia que tinha em relação ao curso de História era de que, a partir de então, as disciplinas me levariam a mergulhar no universo das datas, mitos, contos e fatos heroicos com os quais eu estava familiarizada no Ensino Médio. A decepção foi considerável. Naquele momento, ainda não tinha maturidade necessária para entender a ruptura do ensino superior com a escola que havia deixado para traz. Assustada e refém de uma timidez exacerbada, o caminho percorrido na graduação foi muito conturbado, e muitas vezes duvidei da minha capacidade intelectual. No entanto, aos poucos fui me adaptando a uma “nova história” ensinada na universidade, marcada por reflexões teóricas e métodos, quando comecei a me apaixonar pelo ofício de historiadora e vislumbrar na docência uma possibilidade.

Com a conclusão da graduação e enfrentando a maternidade solo, tornei-me professora da Educação Básica em uma escola de educação integral. Cursei especialização, fui aprovada em concursos públicos e, finalmente, ingressei no ProfHistória em um momento em que não acreditava ser possível retornar à academia, muito menos em um curso de mestrado profissional. Na primeira seleção fui aprovada e, surpreendida com esta possibilidade que se abriu, embarquei nesta nova fase sem ainda compreender se adquiri a maturidade necessária para a História, se meu sarcasmo espontâneo é compreendido e se minha timidez ainda interfere na imensa vontade de me tornar produtiva na vida acadêmica.

Cursar o ProfHistória e ao mesmo tempo trabalhar 200 horas em uma escola de ensino integral - com três filhos em três fases distintas, viajando semanalmente para o Ceará - foi uma jornada exaustiva física e mentalmente. Porém, nessa experiência desgastante, agradecer é imprescindível para exorcizar as energias acumuladas nesse caminho paradoxal, no qual prazer e desânimo caminharam lado a lado, influenciando e contribuindo com as minhas ideias. E, sobretudo, reconhecer

que ao final dessa jornada nunca estive sozinha. O término deste trabalho somente foi possível por causa do apoio que recebi em diversas circunstâncias e momentos.

Ao agradecer reconheço a importância da presença de todas as pessoas envolvidas nesse processo. Que aquele que comande as energias do universo, sempre me guarde, me oriente, me ilumine. Assim seja! Axé!

Agradeço primeiramente à minha mãe, Dona Lenira, que enfrentou comigo todas as intempéries para que essa escrita pudesse ser concluída.

Agradeço a todos os meus professores, em especial à minha orientadora Rosilene Alves de Melo, que acolheu a minha pesquisa e, com muita paciência, me conduziu na produção deste texto.

Agradeço, sobretudo, à comunidade cigana Calon do bairro São Braz, em Ouricuri -PE, que me acolheu com amor e paciência. Seu Ismar, Dona Vanuza, Dona Lurdes, Ilene, Chico, Mikael, Marciliano, Liduína, Dona Júlia, Seu Genival. Serei eternamente grata pelo privilégio de narrar as suas trajetórias.

À minha irmã Daniela por muitas vezes ter abdicado da sua vida para cuidar da minha, principalmente nestes últimos dois anos.

À minha amiga Rosimeire, que me enviou o edital do ProfHistória em um momento em que eu duvidava da minha capacidade como educadora.

Ao amigo Manuel Carneiro por ter sido o elo necessário no contato com o grupo Calon. Sem a sua disponibilidade e boa vontade, essa escrita não poderia ser concluída.

À tia e madrinha Odete Tavares que sempre cuidou de mim e, sobretudo, me inspirou como educadora, fosse na educação formal ou na vida.

Às tias Alzira e Mauricélia pela parceria nos cuidados com meus filhos e nos socorros recorrentes.

Aos compadres Nadjane Lopes e Carlos Almeida, pelas sugestões, orientações e pelo “júri artístico” nos momentos que precediam as apresentações.

Aos compadres Rute Coelho e Pedro Tavares que me acolheram em sua residência nos momentos de execução da pesquisa.

Aos amigos historiadores: Isabela, Iasmim, Arley, Raphaela e Gustavo, pelo apoio nos momentos de desespero e pelos desabafos compartilhados no decorrer dos nossos percursos.

Às sobrinhas Beatriz e Ana Júlia e ao amigo Marcos Alexandre pelo suporte técnico neste processo, como também por sempre demonstrarem o quanto acreditam nesta pesquisa.

A todos os colegas de trabalho e aos gestores que possibilitaram o desenvolvimento dessa pesquisa.

Por fim, ao apoio de todos os que compõem o ProfHistória – URCA e também ao financiamento da CAPES através de bolsa de mestrado, sem a qual esta pesquisa não seria possível.

*Diz o povo antigo que a família Juron - que é vocês - que Jesus perguntou se eles queriam a salvação deles. A família Juron disse que queria guardar num baú, que tinha onde botar. Jesus perguntou ao cigano onde ele queria a salvação dele, onde botava essa salvação.*

*- Jesus onde nós vamos botar nossa salvação, porque nós não temos um baú? Fique nas suas mãos a nossa salvação.*

*Tem muita gente que tem discriminação com o povo cigano, mas o povo cigano é o bicho mais abençoado por Deus (Lurdes Pereira, Cigana da etnia Calon, Ouricuri, 2023).*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a presença cigana na educação escolar na cidade de Ouricuri. Problematiza a trajetória cigana no Brasil e, em particular, a migração para o sertão Pernambucano, analisando como se constituiu a comunidade Calon no bairro São Braz. Evidencia as dificuldades enfrentadas pelo grupo Calon no ambiente escolar e enfatiza como através do ensino de História é possível construir estratégias que promovam uma educação mais acolhedora e diversa. A pesquisa se fez uso das seguintes metodologias: pesquisa bibliográfica para análise historiográfica sobre a presença cigana no Brasil; história oral, através da realização de entrevistas com pessoas da comunidade Calon de Ouricuri, bem como, entrevistas com educadores. Do ponto de vista teórico, este trabalho dialoga com referências do movimento modernidade/colonialidade, considerando a pedagogia decolonial e a interculturalidade como caminhos mais adequados à construção desta escrita. Além do texto dissertativo, o trabalho apresenta como resultado desta pesquisa dois produtos que pretendem oferecer estratégias para promover e valorizar a história e a cultura ciganas, com ênfase no povo Calon. O primeiro é apresentado no formato de *e-book* destinado aos professores contendo estratégias didáticas. O segundo apresenta o jogo *Menino do Facão*, ambientado na plataforma digital *Fortnite*. Inspirado em narrativas da tradição oral cigana, este jogo visa introduzir e promover elementos da história e cultura cigana no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Ensino de História, ciganos Calon, interculturalidade, decolonialidade.

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze the gypsy presence in school education in the city of Ouricuri. It problematizes the gypsy trajectory in Brazil and, in particular, the migration to the backlands of Pernambuco, analyzing how the Calon community was formed in the São Braz neighborhood. It highlights the difficulties faced by the Calon group in the school environment and emphasizes how through teaching History it is possible to build strategies that promote a more welcoming and diverse education. The research used the following methodologies: bibliographical research for historiographical analysis of the gypsy presence in Brazil; oral history, through interviews with people from the Calon de Ouricuri community, as well as interviews with educators. From a theoretical point of view, this work dialogues with references from the modernity/coloniality movement, considering decolonial pedagogy and interculturality as the most appropriate paths to construct this writing. In addition to the dissertation text, the work presents two products as a result of this research that aim to offer strategies to promote and value gypsy history and culture, with an emphasis on the Calon people. The first is presented in the format of an e-book aimed at teachers containing teaching strategies. The second presents the game Menino do Facão, set on the Fortnite digital platform. Inspired by narratives from the gypsy oral tradition, this game aims to introduce and promote elements of gypsy history and culture in the school environment.

**KEYWORDS:** Teaching History, Calon gypsies, interculturality, decoloniality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – José Salvador e Bonzana (cigano Calon conhecido como Ismar) .....	45
<b>Figura 2</b> – Os ciganos José Salvador, Maria Celina e seu companheiro .....	46
<b>Figura 3</b> – Os ciganos Lurdes, Mikael e Marciliano com os professores Débora e Manoel .....	48
<b>Figura 4</b> - Os ciganos José Salvador e Genival Pereira com a Professora Débora ....	48
<b>Figura 5</b> - Imagem da capa do livro História. Doc- PNLD 2016 .....	72
<b>Figura 6</b> - Imagem da capa do livro Projeto Araribá Mais História PNLD 2020 .....	73
<b>Figura 7</b> - Imagem da capa do livro História Sociedade e Cidadania PNLD 2024 .....	74
<b>Figura 8</b> – Conferência realizada no II Planejamento de Cultura e Planejamento para Educação para Povos Ciganos, Glória do Goitá.....	77
<b>Figura 9</b> - Conferência realizada no II Planejamento de Cultura e Planejamento para Educação para Povos Ciganos, Glória do Goitá.....	77
<b>Figura 10</b> - Apresentação cultural no III Seminário de Cultura e Planejamento para Povos Ciganos, Gravatá–PE, dezembro de 2023 .....	78
<b>Figura 11</b> - Participação no III Seminário de Cultura e Planejamento Para Educação para Povos Ciganos – 2023.....	78
<b>Figura 12</b> - Participação no III Seminário de Cultura e Planejamento Para Educação para Povos Ciganos – 2023 .....	79
<b>Figura 13</b> - Jornalista e multiartista cigano Rói Rogeres Fernandes Filho.....	91
<b>Figura 14</b> - Jornalista e multiartista cigano Rói Rogeres Fernandes Filho.....	92
<b>Figura 15</b> - Poetisa Romani Bronisława Wajs/ Papusza.....	100
<b>Figura 16</b> - Atriz e ativista cigana portuguesa Maria Gil.....	101
<b>Figura 17</b> - Professora cigana da etnia Calon Marcilania Alcântara .....	102
<b>Figura 18</b> - Da esquerda para a direita: Débora Barros e as Calin Maria Celina, Liduína e Maria Júlia.....	104
<b>Figura 19</b> - Da esquerda para a direita: <i>Calin</i> Maria de Lurdes e a professora Débora Barros.....	105
<b>Figura 20</b> - Professora Débora Barros junto à <i>Calin</i> Lindinalva.....	106
<b>Figura 21</b> - Da esquerda para a direita: Débora Barros e a <i>Calin</i> Maria Júlia.....	108

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEC - Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais  
BNCC - Base Nacional Comum Curricular  
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
DCRS - Diretrizes Curriculares  
EJA - Educação para Jovens e Adultos  
GEPEC - Gerencia Educacional para Educação do Campo  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação  
MEC - Ministério da Educação e Cultura  
NEPE - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade  
PCNS - Parâmetros Curriculares Nacionais  
PREPES - Programa de Especialização de Professores de Ensino Superior  
PUC - Pontifícia Universidade Católica  
PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
SEDUC-MT - Secretaria de Educação do Mato Grosso  
UAB - Universidade Aberta do Brasil  
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo  
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais  
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco  
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina  
UNB - Universidade de Brasília  
UNIBH - Centro Universitário de Belo Horizonte  
UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco  
UPE - Universidade de Pernambuco  
URCA - Universidade Regional do Cariri  
UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>2 O “SER” CALON EM OURICURI. IDENTIDADES CIGANAS E SUAS PERSPECTIVAS</b> .....	<b>42</b>
2.1 Dos acampamentos ao estabelecimento em Ouricuri: a chegada dos ciganos e as relações com a sociedade local .....	42
2.2 (Re)Existências Calon em Ouricuri. A identidade cigana através de permanências e ressignificações culturais .....	49
2.3 “Não acho que nós somos invisíveis, nós somos é invisibilizados”. As diferentes faces do anticiganismo .....	56
2.4 O anticiganismo em Ouricuri e suas implicações .....	61
<b>3- CARACTERÍSTICAS GERAIS DO ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS FINAIS EM OURICURI</b> .....	<b>69</b>
3.1 No Currículo Pernambuco há lugar para os ciganos?.....	69
3.2 Ninguém nos conta, só quem nos conta é Deus. Ausência do povo cigano nos materiais didáticos em Ouricuri .....	72
3.3 A docência numa sociedade marcada pela presença Calon .....	82
<b>4 “A ESCOLA DO JEITO QUE ELA É, ELA NÃO NOS CABE”. O POVO CALON NA ESCOLA JURON</b> .....	<b>90</b>
4.1 “(...) a pessoa que não sabe ler e escrever é cega, ela não enxerga”: percepções do Povo Calon sobre a educação escolar .....	90
4.2 Protagonismo <i>Calin</i> na Educação Básica de Ouricuri. Participação de mães ciganas no processo de ensino/aprendizagem .....	97
4.3 Estratégias de acolhimento para a promoção de práticas interculturais significativas ao povo Calon .....	109
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>119</b>
<b>PRODUTO 1- E-BOOK: CIGANOS- HISTÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA</b> .....	<b>125</b>
<b>PRODUTO 2- JOGO O MENINO DO FACÃO</b> .....	<b>204</b>
<b>APÊNDICE A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b> .....	<b>207</b>
<b>APÊNDICE B - TCLE- TERMO</b> .....	<b>211</b>
<b>APÊNDICE C – QUESTIONÁRIOS DESTINADOS A CIGANOS E PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE OURICURI- PE</b> .....	<b>214</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa problematiza a presença, na comunidade escolar, de estudantes da etnia Calon na cidade de Ouricuri, localizada no sertão pernambucano<sup>1</sup>, uma região marcada pela diversidade étnica, na qual podemos destacar a presença de pessoas pretas, povos indígenas e ciganos, e onde não se faz impossível considerar a existência de conflitos de ordem racista e discriminatória.

A motivação para esta análise partiu da constatação, como docente da rede municipal, da marginalização econômica e cultural em que se encontra a população cigana Calon em Ouricuri. Os discursos que se reproduzem na cidade acerca da comunidade transmitem ideias genéricas, associando os ciganos à violência e a toda sorte de ilícitudes. A sociedade brasileira é marcada, dentre outras formas de discriminação e preconceito, pelo anticiganismo<sup>2</sup>.

Os povos ciganos fazem parte da história do Brasil desde o início da colonização. As primeiras menções datam por volta do século XVI e as vindas ocorreram através do degredo. As características depreciativas que lhes são atribuídas pelos não ciganos são embasadas em narrativas de cunho religioso e usadas para justificar a segregação. A identidade cigana é associada a atividades ilícitas e essas associações aparecem nas mais diversas representações (letras de músicas, telenovelas e cinema) e, sobretudo, nas práticas de exclusão social dos ciganos no cotidiano. A problemática central deste trabalho é, portanto, analisar como o ensino de História pode oferecer aos estudantes e professores condições para a desconstrução das práticas de racismo, estigmatização e preconceitos étnicos.

A partir da construção de uma proposta de ensino baseada em uma intervenção motivada por uma perspectiva decolonial, espera-se contribuir para o combate à perpetuação de estereótipos e práticas discriminatórias. Intenciona-se estimular o desenvolvimento de estratégias mais efetivas para o fortalecimento da identidade Calon, minimizando preconceitos e possibilitando uma prática pedagógica que contribua para que o espaço da escola seja marcado pelo acolhimento.

---

<sup>1</sup> O sertão pernambucano refere-se ao interior do estado de Pernambuco, Brasil. Caracteriza-se por seu clima árido e semiárido, bem como por sua paisagem única conhecida pela vegetação de Caatinga. Esta região tem um rico patrimônio cultural, com música tradicional, danças e artesanato que refletem o modo de vida local.

<sup>2</sup> O anticiganismo refere-se ao preconceito, discriminação e hostilidade dirigidos aos ciganos com base em estereótipos negativos e marginais históricos (Monem, 2012).

A cidade de Ouricuri situa-se no sertão do estado de Pernambuco, há 617 quilômetros da capital Recife e possui uma área de 2.381,570 km<sup>2</sup>, o que corresponde a 2,25% do Estado de Pernambuco. Junto as cidades de Exu, Araripina, Bodocó, Ipubi e Trindade, compõem a microrregião do Araripe Pernambucano. Duas rodovias federais atravessam o município: a BR-316 e BR-122. A cidade conta com uma população de 65.245 pessoas, de acordo com o último Censo do IBGE<sup>3</sup>. Por suas características naturais, o Araripe Pernambucano é definido pelo bioma da Caatinga e seu clima semiárido, que contribuem para a baixa pluviosidade que atinge a localidade. As principais atividades econômicas estão ligadas à agricultura, à pecuária e ao extrativismo mineral atrelado ao polo gesseiro do Araripe.

A região do Araripe, onde a cidade de Ouricuri está situada, originalmente era ocupada por populações indígenas. Com a chegada dos colonizadores ocorreu o extermínio desses grupos em razão da violência do processo colonizador, marcado pela ocupação dos territórios indígenas, por meio da escravização, das doenças e por meio da ação catequizadora materializada nos aldeamentos das missões católicas.

A palavra Ouricuri designa uma palmeira nativa da caatinga brasileira, cientificamente denominada de *Syagrus Coronata*, mas popularmente conhecida dentre outros termos por dicuri, iricuri, butiazeiro. Esta palmeira serve de alimento para pássaros e humanos. Dela se extrai frutos comestíveis e das sementes em forma de amêndoa é extraído um óleo vegetal. De suas fibras é possível produzir chapéus e demais artefatos. A Ouricuri era considerada uma planta sagrada pelos povos indígenas que habitavam a região. Uma evidência da importância do Ouricuri para as comunidades indígenas é a existência, ainda nos dias de hoje, do ritual praticado pelos povos Fulni-ô, Ouricuri e Xixiaklá, residentes próximos da cidade de Águas Belas, no agreste de Pernambuco. Nos meses da colheita da palha do Ouricuri, entre os meses de setembro a novembro, os jovens destas aldeias se reúnem e celebram a árvore

---

<sup>3</sup> Além destes dados mais gerais, o município de Ouricuri apresenta outros indicadores que merecem ser apresentados. Densidade demográfica 27,40 hab/ km<sup>2</sup>. Escolarização: 92,4% das crianças de 6 a 14 anos são escolarizadas (dados de 2010). Índice de desenvolvimento humano de 0,572 (2010). Mortalidade infantil: 21,25 óbitos por 1.000 nascimentos (2010). Já o PIB per capita é de R\$ 11.076,44 (dados de 2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/ouricuri.html>. Acesso em: 25 jun. 2024.

sagrada, num ritual em que apenas os rapazes participam de algumas práticas junto com os mais velhos, quando trocam experiências.<sup>4</sup>

Portanto, a ocupação deste território pelos colonizadores representou uma grande tragédia para os povos originários. O interesse pela criação de gado e a proximidade com o rio São Francisco atraiu as primeiras levas de colonos. A documentação existente data do século XIX e registra a posse em nome de Brígida de Alencar de uma extensa fazenda de gado ocupava o território que atualmente abrange os municípios de Cabrobó e Exu. Brígida de Alencar casou-se com um português e ambos levaram adiante a criação de gado e aldeamento indígena. Era avó de Bárbara de Alencar e bisavó do escritor José de Alencar (Almeida 2018).

Em 1841 o padre Francisco Pedro da Silva deixou a cidade de Sousa, na província da Parahyba, e comprou uma grande extensão de terra pertencente a Brígida de Alencar. O padre Francisco Pedro da Silva ergueu uma capela consagrada a São Sebastião. No documento de posse da terra, o religioso denominou a fazenda de Ouricuri, em homenagem à palmeira característica da região. Três anos depois, a fazenda foi alçada à categoria de distrito. Em 1849 passou a ser reconhecida como vila e em 1893 alcançou a emancipação política. Somente no século XX, em 1903, Ouricuri passou à condição de cidade (Agra, 2018). Estes acontecimentos compõem a chamada “história única” (Adichie, 2019) de Ouricuri, transmitida através das narrativas e da história oficial.

Embora esta dissertação não tenha como problemática o processo de ocupação do território hoje pertencente ao município de Ouricuri, é importante recuperar esses acontecimentos para mostrar o quanto a história da cidade é marcada por conflitos entre os donos dos currais e a população indígena que já habitava este território, ocasionando inúmeras situações de violência.

A presença cigana em Ouricuri é outro capítulo de uma história de intolerância e violência. A presença dos povos ciganos na região, seja a partir da itinerância ou de forma fixa, é possível ser constatada pela memória da população desde o início do século XX. A partir de meados da década de 1920, muitos ciganos da etnia Calon migraram para as proximidades e, posteriormente, se estabeleceram de forma sedentária.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/cultura-indigena-conheca-o-ouricuri-ritual-religioso-da-etnia-fulni-o>  
Acesso em: 25 jun. 2024.

Na visão da população não cigana, a presença destes grupos sempre era marcada por medo, desconfiança e superstição. Desde criança escutei discursos a respeito dos povos ciganos que transitavam pela região. Corriqueiramente, ao realizarmos alguma traquinagem recebíamos a ameaça de sermos entregues aos ciganos. A partir de então todo imaginário que permeou minha infância e adolescência foi marcado por medo de contato com tais grupos, sempre tratados como “traíçoeiros”, “trambiqueiros”, “libidinosos” e “perigosos”.

No ano de 2016 especificamente, no momento de nascimento do meu segundo filho, tive contato, na enfermaria do hospital em Ouricuri, com duas colegas de quarto que tinham certo contato com alguns ciganos. Estas companheiras de quarto apresentaram uma visão estereotipada dos ciganos de Ouricuri. Nas palavras destas jovens “os ciganos eram homens bonitos, mas extremamente violentos com suas esposas.” A partir desta fala fiquei, na época, com uma visão muito negativa da comunidade Calon.

Meses depois do nascimento do meu filho passei a fazer parte da Educação Básica do município de Ouricuri como professora efetiva nos anos finais do Ensino Fundamental. No dia em que iria tomar posse como professora do município, ao me deslocar para o cerimonial, observei a escola Anísio Coelho, localizada no bairro São Braz, que atende à comunidade do bairro Cohab, e pensei na possibilidade de solicitar lotação para aquela escola. Na época residia no município de Parnamirim e a escola Anísio Coelho está localizada às margens da rodovia BR-316, o que facilitaria meu deslocamento entre Parnamirim e Ouricuri. Em seguida, um amigo de infância que viajava comigo no momento, advertiu que jamais eu deveria pedir para ensinar lá porque a comunidade Calon residia próximo àquela escola e eu iria enfrentar muitos problemas. Mais especificamente, o meu amigo me disse que, quando havia algum problema com uma pessoa da comunidade os demais membros vinham para resolver. Segundo ele, muitos problemas poderiam acontecer comigo.

De início o espanto tomou conta de mim, todos os discursos da minha infância sobre os ciganos, vivos na memória, se uniram àquela fala no presente, provocando um temor em ser designada para ensinar naquela instituição. A Secretaria de Educação me designou para ensinar na Escola Altina Maria de Almeida, localizada no povoado Jatobá, na zona rural de Ouricuri. Embora não tenha sido lotada na Escola Anísio Coelho, passei a ter contato direto com colegas da rede de ensino que

lecionavam naquela escola. Ouvi relatos de docentes que falavam tanto do caráter acolhedor da comunidade cigana, como também depoimentos de experiências negativas com alunos ciganos, que foram determinantes para a motivação e o desenvolvimento desta pesquisa.

Em diferentes contextos, foram proferidas falas como “não quero trabalhar na sede do município, pois tenho receio de receber aluno cigano.” Ao demonstrar interesse de pesquisa pelo grupo Calon, escutei a longa experiência negativa da secretária de uma colega docente, cujo filho entrou em discussão com uma criança e acabou mudando de cidade por medo de supostas represálias. Em outros momentos, foi citado que os ciganos ficavam sentados na praça do bairro São Braz, proferindo ofensas e ameaças a desafetos não ciganos, através do seu “código” (Chibe). Por fim, foi mencionado que outrora os ciganos não eram civilizados, uma vez que na gestão anterior invadiram a escola montados a cavalo a fim de intimidar seus desafetos.

Outro ponto que definiu a escolha da presença da comunidade cigana em Ouricuri foi a participação, no ano de 2019, quando ainda lecionava em Parnamirim, do Programa de Educação do Campo do Estado de Pernambuco. Naquele momento tive a oportunidade de participar de uma formação direcionada a professores de ciências humanas cuja temática se referia aos povos ciganos, organizada pela Gerência de Educação do Campo, vinculada à Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. A formação foi realizada em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).<sup>5</sup> Neste momento conheci, através de palestras ministradas pelo Professor Francisco de Assis, algumas especificidades da rica cultura cigana. Esta formação também me proporcionou uma mudança no olhar para aquelas etnias.

No decorrer da formação foi possível constatar que, mesmo a cidade de Ouricuri possuindo a segunda maior comunidade cigana do Estado de Pernambuco – com 1000 pessoas ciganas distribuídas em aproximadamente 40 famílias que residem

---

<sup>5</sup> O Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade PE, criado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e registrado na base do Diretório Geral de Grupos de Pesquisas do CNPq desde 1996 visa agrupar pesquisadores da temática da etnicidade, dentro de uma perspectiva interdisciplinar tendo como objetivo principal coordenar um fórum de debates, grupos de estudo e pesquisas sobre o tema da identidade, etnicidade e das relações interétnicas como fenômeno-processo social visando subsidiar a produção de conhecimento nas áreas da antropologia indígena, etnologia brasileira, antropologia das populações afro-brasileiras, minorias étnicas, práticas tradicionais de cura, museus indígenas e coleções etnográficas, com objetivo de produzir conhecimento sobre a etnicidade enquanto fenômeno social vivenciado em diferentes contextos situacionais e históricos, dando ênfase nas questões sócio-políticas de povos etnicamente diferenciados.

em diferentes bairros do município - nenhum representante da Secretaria de Educação, assim como nenhum outro representante do município, esteve presente.

Mesmo não lecionando na escola Anísio Coelho, mas como professora da rede municipal e mesmo que de forma intermitente, o fato de ter lecionado a alunos ciganos, pude observar como muitas vezes as práticas discriminatórias de professores e colegas contribuíam para a evasão escolar.

Ao analisar as trajetórias destes grupos é indiscutível refletir acerca de sua marginalização e invisibilidade. A ideia deste trabalho não é apenas apresentar os ciganos como subalternizados, mas sobretudo, através de uma positivação de elementos de suas narrativas, contribuir para que estes jovens ciganos possam ressignificar a sua trajetória, legitimar a sua identidade e construir um futuro diferente daquele que para muitos já estaria determinado.

Uma questão a ser problematizada está no fato de que, no município de Ouricuri, o conceito que ainda se propaga sobre a disciplina História parte de um viés romântico, saudosista, elitista e eurocêntrico, no qual as figuras exaltadas como heróis do passado deveriam ganhar destaque nas narrativas. Como professora do município desde o ano de 2016 nunca presenciei formações que apresentassem uma perspectiva de valorização das diferentes culturas existentes na localidade, como sequer um debate acerca da Lei 10.639/03<sup>6</sup>, corroborando para uma visão limitada da História. Neste sentido, me questiono sobre o ensino de História em uma sociedade tão diversa e multicultural e, sobretudo, sobre qual história deve ser ensinada e qual o objetivo deste ensino.

A História tradicionalmente ensinada na cidade de Ouricuri parte de uma perspectiva eurocêntrica e elitista ao afirmar uma razão universal a partir da Europa e estabelecer uma conquista epistêmica na qual o etnocentrismo europeu representou o único modelo que impôs uma identificação com a “universalidade-mundialidade” (Dussel, 2005).

É comum, em muitos momentos, em formações continuadas, docentes em História fazerem afirmações elitistas e dotadas de preconceitos para com determinadas etnias. No ano de 2018, em um momento no qual se discutia a elaboração do Currículo Pernambuco, um colega graduado em História proferiu a

---

<sup>6</sup> A Lei nº 10.639 torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, públicas e privadas. Em 2008, a Lei nº 11.645 ampliou essa obrigatoriedade incluindo também o ensino da história e cultura indígena.

seguinte frase “Os negros sofrem racismo pois são racistas com eles mesmos.” No ano de 2022, ao comunicar o meu interesse em pesquisar a trajetória da comunidade Calon em Ouricuri a outro colega de profissão, escutei que “se eu tivesse outra pesquisa em Salgueiro, optasse por ela, pois os ciganos são ingratos e não mereciam tanto esforço.” Essas falas revelam a presença do racismo estrutural na sociedade, que se manifesta por meio de estereótipos e preconceitos que permeiam as relações sociais. É essencial implementar um modelo educacional que provoque reflexões e estratégias relevantes sobre a questão étnico-racial, a fim de derrubar preconceitos e fomentar o reconhecimento e a apreciação das culturas afro-brasileira, indígena e cigana, engrandecendo assim a diversidade.

É importante que a rede municipal de ensino ofereça espaços de reflexão e discussão sobre a temática, promovendo formações para os profissionais da educação e incluindo conteúdos relacionados nos currículos escolares. Somente assim será possível combater o racismo e promover uma sociedade mais justa e igualitária. Partindo do ponto de vista de que a escola necessita de contínuas inovações perante a diversidade cultural, e tendo em vista a existência de grupos étnicos subalternizados (afrodescendentes, indígenas e ciganos) que historicamente foram negligenciados nas narrativas oficiais, se torna urgente a promoção de estratégias a fim de se minimizarem as desigualdades existentes.

Segundo Moreira e Candau (2008), proeminentes pesquisadores das relações interculturais no ambiente escolar, parece consensual a necessidade de se reinventar a educação escolar para que se possam oferecer espaços e tempos de ensino-aprendizagem significativos, condizentes com as realidades sociais de cada grupo étnico presente em determinado contexto social. Neste sentido, emerge a temática da interculturalidade que se propõe a oferecer estratégias de ensino que se adequem às necessidades de uma sociedade tão vasta e desigual.

De acordo com Jean-Claude Forquin “o espaço escolar em geral se manifesta como padronizador, e monocultural” (1993). As instituições de ensino tendem a eleger uma cultura ideal a ser trabalhada e, a partir dela, são geradas as expectativas referentes às práticas pedagógicas. Contudo, este mesmo espaço é permeado por múltiplas identidades que, em suas relações, acabam por gerar estranhamentos e conflitos. A Identidade, neste contexto, pode se manifestar como elemento definidor da permanência ou evasão das atividades escolares.

No estado de Pernambuco o documento norteador para as atividades docentes em História é o Currículo Pernambuco. Neste documento são determinadas as competências e habilidades a serem desenvolvidas pelo educando. Tal documento foi construído em um momento no qual a maior parte dos estados construíam seus respectivos currículos à luz do que ensejava a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O currículo Pernambuco aponta inúmeras críticas à BNCC pelo seu caráter eurocêntrico e etnocêntrico e por sua perspectiva neoliberal e tradicionalista dos aspectos cronológicos e temporais.

Em contrapartida, mesmo diante da imposição em relação à perspectiva da BNCC, o Currículo Pernambuco procura oferecer a sua função pedagógica ao proporcionar um caminho que direcione os estudantes à apreensão de si enquanto sujeitos históricos capacitados a interferir no seu próprio contexto e espaço, e a se relacionarem com o outro de forma democrática, solidária, aceitando as diversidades, promovendo a dignidade e os direitos humanos e ajudando a produzir uma sociedade mais justa, solidária e digna (Currículo Pernambuco, 2018, p.520).

Tendo em vista as mudanças propostas a partir do processo de redemocratização, e fortificadas com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e dos documentos norteadores (Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNS, Documento Curricular de Referência - DCRS, BNCC), observa-se que a perspectiva para o ensino de História ainda parte de uma visão do colonizador, na qual os caminhos percorridos pelas produções epistemológicas se voltaram a uma perspectiva baseada na existência de grupos superiores que deteriam o privilégio de ocupar as mais ilustres páginas da História. Neste contexto, constata-se a exclusão de vários grupos étnicos subalternizados, entre eles os ciganos, que são negligenciados das narrativas oficiais, mesmo ofertando igual significância para a constituição da história e cultura mundial.

Dentro desta conjuntura emerge a problemática da sociedade ouricuriense, que no decorrer do tempo vem marginalizando as minorias em favor da valorização histórica das famílias tradicionais. Negros, indígenas e, sobretudo, ciganos, não constam na historiografia produzida pelo município. Uma vez desconsiderados como merecedores da produção epistemológica, também não se fazem presentes nas aulas de História e atividades escolares. Datas comemorativas como desfiles cívicos, festas de São João e aniversários da cidade e das escolas sempre enveredam para as

histórias das elites locais, figuras com um determinado prestígio político são consideradas elementos para estudo e rememoração dos seus feitos. Por outro lado, datas como Dia da Consciência Negra e a recente data para a rememoração dos povos ciganos são desconsideradas como eventos culturais no calendário escolar.

Uma das poucas obras voltadas para a recordação dos eventos passados da cidade de Ouricuri é *Ouricuri, minha cidade, nossa história*, um livro elaborado pelo historiador Giarlam de Sá Agra<sup>7</sup>. Esse trabalho aborda os primórdios dos assentamentos humanos que deram origem à cidade, bem como os acontecimentos que influenciaram a contemporaneidade. O autor expressou pesar em relação à atitude elitista de certas famílias que restringem o acesso a documentos esclarecedores sobre episódios da história de Ouricuri. Mesmo assim, grande parte da obra dedica-se à narrativa da história política, à construção de edifícios públicos como a Igreja de São Sebastião, à criação da bandeira do município e, por último, ao heroísmo atribuído ao grupo de Voluntários da Pátria. Segundo os relatos oficiais, esse grupo é composto por indivíduos que partiram do sertão pernambucano para integrar o Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai.

Também se torna relevante a problematização acerca de estratégias que procurem não apenas a diminuição de preconceitos, mas também metodologias e práticas que transformem o ambiente escolar mais atrativo aos povos de cultura cigana. Levando em consideração as particularidades presentes na cultura Calon, se torna imprescindível que o ambiente escolar ofereça elementos que possam contribuir com a permanência destes alunos nas instituições de educação formal.

Neste sentido, uma pedagogia decolonial<sup>8</sup> se expressa como campo epistemológico a romper com as práticas excludentes. Entendemos que a educação oferece os mecanismos necessários para a emancipação dos grupos subalternizados, sejam eles afrodescendentes, ciganos ou indígenas. As práticas pedagógicas são

---

<sup>7</sup> Giarlam de Sá Agra é graduado em história Pós-graduado em história geral pós-graduado em Maçonologia, História e Filosofia. Cursando técnico em biblioteconomia. Pesquisador e escritor de história local e regional. Fotógrafo profissional. Designer gráfico. Especialista em Photoshop.

<sup>8</sup> Pedagogias que dialogam com os antecedentes crítico-políticos que, por sua vez, se originam nas lutas e práxis de orientação decolonial [...]; pedagogias que se esforcem para transgredir, deslocar e incidir uma negação ontológica, epistêmica e cosmogônica-espiritual que tenha sido -e é -estratégia, fim e resultado do poder da colonialidade. Quer dizer, 'pedagogia(s) decolonial(is)' (Walsh, 2018, p. 15).

imprescindíveis para que os indivíduos consigam romper com as barreiras impostas historicamente à perspectiva eurocêntrica de ensino.

Partindo do pressuposto de que as identidades se manifestam e se afirmam através das nossas vivências cotidianas, podemos considerar que a visão que os ciganos possuem sobre sua cultura a partir da convivência com os não ciganos se torna elemento crucial para a construção e manutenção da sua identidade.

A história das etnias ciganas no Brasil, principalmente no que se refere a educação básica, está praticamente excluída dos materiais didáticos utilizados na rede de ensino. Se faz interessante saber que as comunidades ciganas estão radicadas na sociedade brasileira desde o início da colonização. De acordo com Teixeira (2008, p. 27), os primeiros ciganos que desembarcaram no Brasil foram oriundos de Portugal, e estes não vieram voluntariamente, mas expulsos daquele país.

A invisibilidade da população cigana nas preocupações de agentes públicos, educadores e até mesmo na academia é um fenômeno complexo, que pode ser atribuído a uma série de fatores históricos, sociais e culturais. A marginalização e a estigmatização social dos ciganos contribuíram para que fossem frequentemente ignorados ou retratados de maneira estereotipada nas obras acadêmicas e na cultura popular. A falta de dados confiáveis sobre a população cigana também é um obstáculo, uma vez que muitos ciganos podem não ser registrados em censos oficiais ou podem resistir à categorização por desconfiança em relação às autoridades.

Para superar essa invisibilidade é necessário promover uma abordagem mais inclusiva na pesquisa acadêmica, que reconheça a diversidade e a riqueza das culturas ciganas. Isso implica em desafiar os preconceitos existentes e em desenvolver metodologias que permitam captar as dinâmicas próprias dessas comunidades. O envolvimento direto dos ciganos na produção do conhecimento sobre sua própria história e cultura é fundamental para assegurar que suas vozes sejam ouvidas e que suas contribuições sejam devidamente valorizadas.

Os ciganos eram indesejados no continente europeu. Isto acontecia pela sua pele escura e cultura distinta, como também por um discurso de ordem religiosa<sup>9</sup> que condicionava os ciganos à vida nômade. Estes passaram a desempenhar uma dupla

---

<sup>9</sup> Um dos mitos propagados no continente europeu descrevia os ciganos como um povo amaldiçoado a vagar na terra por ter negado abrigo à Sagrada Família em sua passagem pelo Egito.

função para os colonizadores: degradados por serem considerados indesejáveis em Portugal, por outro lado desempenhavam um importante papel na conquista do Novo Mundo. O primeiro dado sobre os ciganos no Brasil Colônia data do ano de 1574, com o degredo de João de Torres e sua mulher que, de acordo com Teixeira (2008, p. 27): “foram presos apenas pelo fato de serem ciganos”. Deste modo, percebe-se que o degredo se transformou no principal mecanismo para a migração dos povos ciganos no período colonial.

Por muito tempo, no imaginário social brasileiro, se considerou que os ciganos não eram um grupo étnico com traços culturais comuns, mas sim várias comunidades de pessoas desobedientes ao sistema, que viviam em situação de itinerância. Desta forma, muitos direitos lhe foram negados, como também a sua história e a de todos os outros povos acabou sendo segregada das narrativas oficiais.

De acordo com a professora e ciganóloga Débora Karpowicz, os diferentes povos ciganos presentes no Brasil (Rom, Sinti e Calon) se estabeleceram no nosso país em diferentes ondas migratórias. As pesquisas sobre a história dos povos ciganos no Brasil informam que o primeiro grupo étnico cigano a chegar ao Brasil teria sido os Calen, ainda no século XVI, na condição de degradados, mas desempenhado um importante papel no processo de colonização (Karpowicz, 2018 p.22).

A presença dos Ciganos da etnia Rom no Brasil foi registrada a partir da segunda metade do século XIX, no contexto da política de imigração. No que se refere aos ciganos Sinti, não há documentos que mencionem a sua chegada, entretanto acredita-se que estes adentram no Brasil em período concomitante à etnia Rom. Neste período estes grupos foram atraídos para o trabalho nas lavouras de café da região do Centro-Sul do país.

Tendo em vista a pluriétnicidade presente nos povos ciganos, convém apresentar algumas informações obtidas através da pesquisa bibliográfica a fim de não se contribuir com a generalização corriqueira imposta a essas culturas.

O grupo Rom é originário da Europa Oriental, encontrado em quase todo continente europeu e em inúmeras partes do mundo. É o mais numeroso, possuindo diversos subgrupos, como Rudari, Ursari, Matchuaia, Lovari e Kalderash - cada um desses grupos apresenta suas próprias especificidades culturais, profissionais e linguísticas. A maioria, como os Kalderash, fala algum dialeto romani com elementos do romeno, chamado de vlx romani. Outros falam romanês, como os Rudari, por

exemplo. O grupo cigano Rom é um dos principais grupos presentes desde o século XIX no Brasil.

Os ciganos Sinti são encontrados principalmente na Alemanha, Holanda, França, Itália, Áustria, Bélgica e, em menores concentrações, na Hungria, Eslováquia, República Tcheca, Rússia e ex-Iugoslávia. Na França, o termo Manush é aplicado aos Sinti. Também estão presentes em menor proporção na Itália, Holanda e Bélgica. Acredita-se que representantes do grupo Sinti tenham vindo ao Brasil na segunda metade do século XIX.

Por fim, o grupo Calon é originário dos países ibéricos. Os representantes desta etnia imigraram em grandes números para o continente americano (dos Estados Unidos à Argentina) e possuem concentrações na França, Alemanha e Grã-Bretanha. Falam geralmente espanhol ou português, Chibe e Caló. Foram os primeiros a chegarem ao Brasil, como deportados de Portugal, a partir do século XVI, na condição de degredados, compondo uma nova etnia no país.

A partir da convivência com a população não-cigana, as diferenças culturais foram ingredientes para a construção de um imaginário social que desperta sentimentos que, de acordo com Kaporwicz, variam do fascínio ao medo. No universo acadêmico as pesquisas relacionadas aos assim chamados ciganos, ainda se apresentam de forma tímida e suas principais dificuldades se encontram na restrita produção historiográfica sobre a temática.

Neste contexto, é importante considerar a pesquisa desenvolvida por Lourival de Andrade Júnior<sup>10</sup> que, em sua tese de doutoramento, apresentou a história e as características da devoção à cigana da etnia Rom Sebinca Christo, na cidade de Lages, em Santa Catarina. Nessa narrativa, intitulada: *Da barraca ao túmulo Cigana. Sebinca Christo e as construções de uma devoção*. Andrade Júnior, 2018, descreveu

---

<sup>10</sup> Possui graduação em História pela Universidade do Vale do Itajaí (1993), especialização em Teatro pela Faculdade de Artes do Paraná (1995), mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000), doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (2008) e pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Social na Universidade Estadual de Londrina (2016). Também é diretor e ator de teatro e audiovisual, já tendo recebido diversos prêmios no Brasil. É diretor da Trapiá Cia Teatral. Atualmente é Professor Associado III do Departamento de História (DHC) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus Caicó. É professor do Programa de Pós-Graduação em História dos Sertões (UFRN-DHC). É membro do Grupo de Pesquisa História dos Sertões (UFRN/CERES). Integra o GT História: Religiosidade e Cultura/UFSC, o GT História das Religiões e Religiosidades/ANPUH-BR e é editor de seção da Revista Eletrônica de Humanidades - MNEME. Também é sócio da ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais). Desenvolve pesquisas nas seguintes áreas: Culturas dos/nos Sertões, catolicismo não oficial (milagreiros), cemitérios e túmulos, povos ciganos e Umbanda.

os entrelaces que culminaram na construção da devoção à cigana Sebinca, a partir da ótica do catolicismo popular brasileiro, suas reinvenções e conflitos. Através da análise de discursos de ciganos e não ciganos, o autor apresentou as conjecturas nas quais a devoção que se estabeleceu após a sua morte ultrapassou as barreiras impostas pelo anticiganismo.

Rodrigo Corrêa Teixeira apresentou a obra *Ciganos no Brasil: uma breve História* (2008)<sup>11</sup>, a partir da análise de documentos oficiais, faz um apanhado acerca da presença cigana no país, em especial a trajetória de grupos Romani no estado de Minas Gerais. O texto também destaca a participação na economia, como também as representações culturais descritas nas narrativas literárias no Brasil.

Uma lacuna que requer em ser preenchida na historiografia brasileira está na invisibilidade de pesquisadores das etnias ciganas e na possibilidade de suas escritas serem utilizadas como referências nas produções acadêmicas. Nos últimos anos a presença Romás nos centros de pesquisa, desponta com grande relevância a fim de que se construam narrativas mais atentas às necessidades e sentimentos destes povos. Neste sentido Aluízio de Azevedo Silva Júnior (2009)<sup>12</sup>, desenvolveu a sua

---

<sup>11</sup> Rodrigo Corrêa Teixeira, como docente da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, é Professor Permanente no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Geografia - Tratamento da Informação Espacial, e professor do Departamento de Relações Internacionais. Doutorou-se em Geografia, área de concentração em Organização do Espaço, pelo Instituto de Geociências da UFMG. Obteve o título de mestre em História pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG e o título de especialista em Relações Internacionais pela PUC Minas. Foi membro da Comissão Organizadora do MINIONU (Modelo Intercolegial de Simulação das Nações Unidas) entre 2008 e 2019. Entre agosto de 2000 e julho de 2009 foi professor nos cursos de Geografia e Relações Internacionais do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH). Entre 2006 e 2007, coordenou o Curso de História e Cultura Afro-Brasileira, especialização ofertada pelo Programa de Especialização de Professores de Ensino Superior (PREPES) da PUC Minas. No mesmo programa, entre 1999 e 2008, contribuiu para os cursos de Geografia Humana, Estudos Ambientais e Relações Internacionais. É pesquisador do Núcleo de Estudos das Colonialidades e do Grupo de Estudos do Atlântico Sul (Departamento de Relações Internacionais da PUC Minas). O título de sua tese de doutorado é *Geopolíticas da África: identidades, saberes e poderes*. De sua autoria são *Ciganos no Brasil: uma breve história* (2a ed. Belo Horizonte: Crisálida, 2009) e uma série de capítulos de livros e artigos em periódicos científicos, versando, principalmente, sobre Ciganos, História Global e Geopolítica da África, Estudos Ambientais, Geografia Cultural e Educação Antirracista.

<sup>12</sup> Aluízio de Azevedo Silva Júnior é cigano Kalon, doutor pelo Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz, 2014-2018). Doutorado Sanduíche no Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) da Universidade Aberta de Lisboa (UAb), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC). Vencedor do Prêmio Compós de teses e dissertações Eduardo Peuela 2019. Menção Honrosa na Categoria Ciências Humanas e Sociais do Prêmio Oswaldo Cruz de Teses 2019. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT, 2007-2009). Especialista em Cinema pela Universidade de Cuiabá (Unic) e pela Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso (SEC-MT. 2006-2007). Graduação em Comunicação Social - Jornalismo (2002) e Ciências Sociais (2006) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

dissertação de mestrado, cujo título é *Aprendizagem ambiental, dos ritos e mitos Calon*. Através deste trabalho promoveu uma abordagem que destaca como os processos de ensino-aprendizagem se constroem dentro das comunidades ciganas da etnia Calon, através das suas crenças e vivências, que proporcionam uma aprendizagem como alternativa significativa ao processo educativo.

Por sua vez, Daniela Simiqueli (2014)<sup>13</sup>, em sua pesquisa desenvolvida durante o mestrado, promove através de periódicos, jornais, inquéritos policiais e ofícios da Secretaria de Polícia do Estado do Espírito Santo, uma discussão que aponta as representações sociais conferidas aos povos das etnias Romás como libidinosos, bandidos, ladrões de crianças e baderneiros, como elemento crucial para a invisibilidades destes grupos no território capixaba. Em 2022 apresentou tese de doutorado intitulada *O Bando do Cigano Deolindo: Higienismo e Criminalidade na Belle Époque Capixaba (1890-1898)*. Nesta escrita a autora apontou o uso das representações sociais a partir de estereótipos negativos, descritos em jornais e inquéritos que utilizam a figura de Deolindo, sua morte e a prisão de seu bando como instrumento para a justificativa da violência policial contra ciganos no Estado do Espírito Santo.

A educadora, pesquisadora e escritora Débora Soares Karpowicz<sup>14</sup>, em seu livro *Ciganos: história, identidade e cultura*, apresentou contribuição historiográfica acerca da presença dos assim chamados ciganos, explorando as suas origens e as diferenças étnicas e culturais. Através da análise de farta bibliografia, de documentos oficiais e de depoimentos das ciganas da etnia Rom que realizavam suas atividades na Praça x em Porto Alegre, a educadora Débora Soares Karpowicz trouxe informações muito relevantes para uma melhor compreensão dos povos Romani. Apresentou-se também a perspectiva da população não cigana, explorando a dupla

---

<sup>13</sup> Daniela Simiqueli possui mestrado e doutorado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2014; 2022). É graduada em Pedagogia pelo Instituto de Educação Carlos Chagas (2009) e em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (2018). Especialista em arte- educação infantil pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2005). Tem experiência na área de História com ênfase em História Cultural, ciganologia e territorialidade e em Educação, com ênfase em arte- educação.

<sup>14</sup> Educadora, pesquisadora e Escritora. Pós Doutoranda em Educação PUCRS. Doutora, mestre e licenciada em História pela PUCRS (2008-2017). Pedagoga e especialista em Educação à Distância (2020), socióloga (2022), pesquisadora com experiência em acervos internacionais (Portugal e França), realizou estágio doutoral na Universidade de Coimbra. Autora do livro *Ciganos: história, identidade e cultura*, ganhador do prêmio FUMPROARTE (2016).

visão de fascínio e medo que se desenvolve no território brasileiro no decorrer do tempo.

Na dissertação intitulada *Os assim chamados ciganos na capitania da Bahia (século XVIII)*, a pesquisadora Natally Cris da Rocha Menini problematizou a presença ciganos no território baiano e suas implicações, a autora discorreu sobre a política de degredo do povo cigano e como sua presença foi preponderante para a ocupação da América portuguesa<sup>15</sup>.

Por sua vez, Flávio José de Oliveira Silva, 2016<sup>16</sup>, professor universitário, pesquisador e educador social, apresentou em sua tese uma análise acerca das práticas educativas das etnias ciganas Calon, Mathuawa, Ronrorañe e Kalderash, no que concerne aos processos educativos não formais que se desenvolvem no cotidiano das comunidades ciganas. Defendendo a prerrogativa da pedagogia da itinerância, o pesquisador observou como os Romá organizam suas práticas educativas em meio às adversidades inerentes à vida itinerante, ressignificando suas trajetórias e reconstruindo suas perspectivas de existência e sobrevivência.

Ainda dando ênfase à produção historiográfica que investiga a presença das comunidades Romás no Brasil, o livro *Ciganos, olhares e perspectiva*, organizados por Goldfarb, Toyansk e Chianca (2019) ressalta a visão de diferentes intelectuais das ciências sociais, possibilitando um olhar profundo sobre as singularidades das diferentes comunidades que habitam o território brasileiro. A obra apresenta artigos que passeiam desde questões identitárias a dinâmicas religiosas que ainda corroboram com a construção da visão da sociedade acerca dos ciganos. Outro ponto

---

<sup>15</sup> Natally Cris da Rocha Menini atualmente é professora dos cursos de licenciatura em História e de licenciatura em Pedagogia da Universidade Estácio de Sá (UNESA) e professora da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

<sup>16</sup> Flávio José de Oliveira Silva -Professor graduado em Pedagogia pela UFRN (1989-1992), especialista em Formação de Professores numa Perspectiva Interdisciplinar, pela UFRN/Ceres Caicó-RN (2001); mestre em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação da UFRN (2012) na Linha de Pesquisa História, Memória, Cultura e Práticas Culturais, conceito 05 CAPES; Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) na Linha de Pesquisa Educação, Estudos Sociohistóricos e Filosóficos, Conceito 05 CAPES. Consultor em Educação credenciado pelo SEBRAE, atua em várias áreas de instrutoria e consultoria de projetos. Atualmente é professor, escritor, autor do livro "O céu é meu teto, a terra minha morada", além de vários textos sobre a temática de Educação, Cultura, Políticas Públicas e Diversidade cultural. Participa do Conselho Editorial de publicações do Centro de Direitos Humanos de Memória Popular do Rio Grande do Norte. Tem trabalho de orientação de diversos artigos de alunos de graduação e pós-graduação de profissionais da Educação.

crucial abordado nos textos está na discussão sobre as ainda recorrentes práticas anticiganistas que se manifestam em diferentes seguimentos da sociedade atual.

No constructo desta narrativa, foram considerados imprescindíveis os estudos desenvolvidos por Lenilda Damasceno Pérpetuo (2021)<sup>17</sup> que, em seu texto: *Quantas pedras no meio do caminho. Representações sociais, a relação com o trabalho e a educação escolar na etnia Calon*, descreveu como o imaginário social, pautado em estereótipos, contribui com a estigma da comunidade cigana e como este fator incide no distanciamento dos povos ciganos da educação escolar e de outros seguimentos da sociedade. Desta forma, Lenilda defende uma reestruturação dos métodos e práticas de currículos para que a escola formal esteja preparada para contribuir com a inserção de etnias marginalizadas como os ciganos.

Ciganos, como outros povos, adentraram no território brasileiro, aproximadamente no século XVI. As políticas de degredo direcionavam os grupos de pessoas ciganas ao litoral, *locus* dos primeiros momentos de colonização. O primeiro cigano direcionado ao território pernambucano data 1599, informação encontrada no Livro de Denúncia da Santa Inquisição de Pernambuco (Melo, 2015, p. 49). Pernambuco apresentou uma postura hostil e por um longo período foram propagadas políticas para a expulsão dos povos ciganos, direcionando-os à capitania do Ceará, como também à ilha de Fernando de Noronha.

No decorrer dos séculos, os ciganos foram migrando para o interior do Estado, a partir de sua cultura nômade, como também através do processo de expansão da pecuária, por meio do qual ocorreu a ocupação do sertão nordestino. Neste contexto, a partir da década de 1970, inúmeras famílias ciganas iniciaram seu processo de sedentarização devido às dificuldades da vida nômade. Deste modo, iniciaria uma nova prática até então desconhecida dos povos Romani.

Os povos ciganos que habitam o sertão pernambucano correspondem à etnia Calon e residem em vários bairros da cidade de Ouricuri, mas se concentram principalmente nos bairros São Braz, Cohab e Nossa Senhora de Fátima. Foi a partir da década de 2000, com o acolhimento de diferentes lideranças políticas, que estas famílias ciganas foram acolhidas na cidade. Desde então, os *Calen* passaram a

---

<sup>17</sup> Lenilda Pérpetuo é professora da Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação do Distrito Federal, mãe, mulher trabalhadora, militante da educação popular, pública transformadora e de qualidade, da Educação de Jovens e Adultos (EJA), alfabetizadora popular, mestre e doutora em Educação pela UnB.

receber apoio socioeconômico e terras, o que culminou com o processo de sedentarização de vários grupos. Acredita-se que na atualidade residam aproximadamente 1000 indivíduos ciganos, distribuídos em aproximadamente 40 famílias.

Uma grande dificuldade na análise da presença dos ciganos no território brasileiro é a falta de documentos e dados que identifiquem esses grupos em sua etnia. De acordo com Genival Pereira, um cigano Calon residente no município há aproximadamente 20 anos, "ninguém nos conta, quem conta é Deus", visto que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou a última coleta de dados sobre os ciganos em 2011, dificultando o reconhecimento desse grupo e a promoção de políticas públicas e de ações afirmativas. Naquela ocasião, o IBGE contabilizou aproximadamente 500 mil ciganos no Brasil. Contudo, devido ao longo período desde a coleta, os dados estão defasados.

A decisão de permanecer na cidade de Ouricuri partiu da necessidade de os ciganos protegerem suas famílias da vulnerabilidade da vida nômade e da vulnerabilidade imposta à vida em barracas. De acordo com o Calon Ismar (Bonanza, 2023) era necessário proteger os mais velhos e colocar os mais novos para estudar. Outro ponto defendido pelos *Calen* desta cidade se refere ao fato de que, diante de todos os estereótipos criados em relação à sua etnia, este grupo resolveu estabelecer moradia na cidade de Ouricuri a fim de tentar diminuir os danos expostos pela marginalidade atribuída à sua cultura.

Neste processo, a introdução destes povos na sociedade ouricuriense foi muito conturbada. Devido aos intensos estereótipos, inúmeros obstáculos foram impostos a esta comunidade: o acesso a serviços básicos, como educação e saúde era negado, o que dificultou massivamente a sua integração.

Outro elemento importante que provocou implicações significativas para a comunidade Calon de Ouricuri foi a invisibilidade no que se refere às políticas educacionais e práticas pedagógicas. De modo geral as atividades escolares não incluem nenhuma temática referente à história ou cultura cigana.

Sabendo que o fator identidade é um elemento importante para que o aluno se perceba como sujeito da história, as atividades escolares deste município não conseguem oferecer a significância necessária para o desenvolvimento do sentimento

de pertencimento e, conseqüentemente, a percepção necessária para a compreensão da função do sujeito histórico na sociedade.

A partir do entendimento de que as diferenças culturais podem desembocar em conflitos, se torna imprescindível que a rede de ensino local ofereça uma abordagem histórica mais abrangente e democrática, oferecendo o conhecimento acerca dos grupos subalternizados, a fim de construir uma perspectiva dos outros sobre a sua história.

Diante das problemáticas relacionadas à presença da população cigana Calon em Ouricuri, a partir de suas conseqüências geradas pelo anticiganismo, é preciso pensar como esta comunidade está sendo atendida pela rede de ensino local e se as práticas pedagógicas possibilitam a interação desta comunidade com a população não cigana.

Deste modo, se torna imprescindível que se construam estruturas viáveis e significativas a todos os povos. A pedagogia decolonial como uma perspectiva teórica que pode oferecer caminhos aos docentes para que promovam uma educação mais sensível às necessidades do povo cigano. Estruturas estas que, através das práticas pedagógicas, positivem elementos da cultura cigana, cuja intenção esteja na ressignificação da sua história com o intuito de se promover uma educação transformadora, levando os jovens ciganos a novas perspectivas para as suas vidas.

Considerando a permanência das relações patriarcalista na comunidade Calon de Ouricuri, e compreendendo as atividades escolares como de extrema importância à participação social das crianças Calon na cidade, é importante analisar a relação das mães *Calin* nos processos de ensino-aprendizagem como também a sua interação com a comunidade escolar não cigana a partir de uma ótica de um possível protagonismo feminino em uma perspectiva interseccional

Na cidade de Ouricuri as antigas tradições atribuídas às mulheres ciganas, como a dança e a *Buena Dicha*, caracterizada como a leitura da sorte e futuro através das linhas da mão, não são mais vivenciadas. As Calin ouricurienses desempenham os mesmos papéis das não ciganas, ou seja, ou estão ligadas ao trabalho formal ou às atividades do lar. Contudo, há uma percepção de que essas mulheres possuem uma grande autoridade nas atividades escolares dos seus filhos, destacando um considerável protagonismo.

Desta maneira, esta pesquisa estará estruturada em três capítulos, acompanhada de duas propostas de produto a serem utilizadas na Educação Básica.

O primeiro capítulo intitulado *O “ser” Calon em Ouricuri. Identidades Ciganas e suas perspectivas*, traz uma breve descrição da trajetória dos ciganos Calon até o município de Ouricuri, apresentando esses sujeitos dentro de suas especificidades étnicas, permanências e mudanças em suas identidades.

No segundo capítulo *O ensino de História nos anos finais em Ouricuri*, analisei as características do currículo e práticas de ensino de História, apresentando uma discussão que a pedagogia decolonial/intercultural como pertinente ao ensino de História.

O terceiro capítulo, intitulado *“A escola do jeito que ela é, ela não nos cabe”*, apresenta as percepções da Comunidade Calon acerca da educação escolar. Procura-se compreender qual a importância da educação formal para a comunidade, observando suas expectativas e anseios. Outro ponto importante deste capítulo está na defesa do protagonismo *Calin*<sup>18</sup> na Educação Básica de Ouricuri, apresentando as mulheres da etnia cigana Calon como de fundamental importância nos processos de ensino aprendizagem.

O recorte espacial escolhido para este estudo foi a comunidade escolar da Escola Anísio Coelho. Localizada no Bairro São Braz, no município de Ouricuri-PE, esta instituição acolhe cerca de 10 alunos ciganos e encontra-se em um ambiente onde a presença de ciganos Calon é consideravelmente expressiva. A cidade de Ouricuri apresenta uma população de aproximadamente 1000 ciganos da etnia Calon divididos em 40 famílias. Para a realização desta pesquisa foram entrevistadas 15 pessoas, sendo dez indivíduos da etnia Calon residentes no município de Ouricuri e 5 profissionais da Educação da Rede Municipal de Ensino.

Esta pesquisa fundamenta-se teoricamente a partir da perspectiva decolonial, ancorada na perspectiva do movimento modernidade/colonialidade. O enfoque principal é na pedagogia decolonial e na interculturalidade crítica defendida pela professora Catherine Walsh (2018), pedagoga equatoriana que defende uma ruptura como o pensamento eurocêntrico, buscando construir alternativas emancipatórias para a Educação.

---

<sup>18</sup> Mulheres ciganas da etnia Calon.

Em relação aos métodos, a pesquisa constitui-se a partir de um caráter qualitativo que se baseia primeiramente na análise de documentos como os currículos prescritos, dos livros didáticos utilizados na rede de ensino do município e das leis que pautem as diretrizes para uma educação antirracista. Em um segundo momento, trabalhamos através da metodologia da história oral, através da qual consideraremos depoimentos de professores da rede de ensino, e sobretudo pessoas ciganas da etnia Calon, residentes nos bairros São Braz e Cohab, na cidade de Ouricuri.

A história oral é uma metodologia de pesquisa que se concentra na coleta e interpretação de informações históricas por meio de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou testemunharam eventos passados. Este método é particularmente valioso para capturar perspectivas pessoais, experiências e memórias que muitas vezes não são registradas em documentos escritos. A história oral também tem um papel importante na preservação da memória coletiva, especialmente de grupos sociais e comunidades que talvez não tenham tido suas histórias amplamente documentadas. Assim, ela contribui para um registro histórico mais inclusivo e diversificado.

Diante do fato da cultura cigana ser baseada na tradição oral, e levando em consideração a invisibilidade imposta às comunidades ciganas do Brasil, o que infere diretamente na produção e preservação e documentos escritos, a oralidade se torna determinante para a construção desta pesquisa. Através da entrevista com professores não ciganos e de pais e alunos ciganos procuramos analisar as problemáticas que envolvem essa delicada relação e quais são as implicações resultantes deste processo.

A pesquisa foi organizada em duas etapas de entrevistas. A primeira etapa foi realizada a partir do intermédio do professor Manuel Carneiro que, pelo fato de ser residente no bairro São Braz, tinha contato direto com os *Calen*. Desta forma, foram entrevistados dez ciganos residentes nos bairros São Braz e Cohab, homens e mulheres que têm moradia fixa na cidade de Ouricuri. Além do povo Calon de Ouricuri, o texto também contou com a participação do cigano jornalista e multiartista Rói Rogers Fernandes Filho, que ofereceu valiosas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa.

Os protagonistas desse enredo são figuras representativas de uma cultura rica e merecedora de destaque. Suas contribuições são fundamentais para a preservação

das tradições locais e merecem ser reconhecidas e valorizadas. Neste contexto, torna-se relevante apresentar os indivíduos que dão vida a essa escrita, a fim de possibilitar uma visão mais profunda e integradora sobre o processo criativo e as experiências que os inspiram.

O cigano José Salvador e Bonzana, 54 anos, conhecido pela alcunha de Ismar, foi o primeiro Calon entrevistado para a realização desta pesquisa. Residente no bairro São Braz desde o início dos anos 2000, relata que sua família seria originária da região de São José do Belmonte, no sertão central de Pernambuco, mas que desde a década de 1970 migraram para a região do Araripe pernambucano, onde posteriormente passariam a estabelecer moradia fixa na cidade de Ouricuri. Ismar se apresenta como um apaixonado pela cultura do seu povo, sempre demonstrando o desejo de que esses saberes sejam compartilhados, a fim de minimizar o preconceito ainda presente na sociedade.

O depoimento de Maria Celina Pereira Feitosa, 47 anos, conhecida pelo nome cigano Vanuza, foi de extrema relevância para esta pesquisa. Nascida enquanto sua família ainda se deslocava frequentemente, ela não sabe indicar a cidade exata do seu nascimento, mas afirma ser natural do estado do Piauí e revelou ter se estabelecido em Ouricuri cerca de seis anos atrás.

Um personagem crucial neste relato é Dona Lindinalva Luiza da Silva Mariano, que, apesar de sua humildade e reserva, pôde contribuir de forma notável para esta pesquisa. Dona Lindinalva expressava com carinho suas memórias e saudades daqueles que já não estão mais neste mundo. Compartilhava seu amor pelo conhecimento, as tradições de sua gente e enfatizava a importância da educação formal para a sua neta. Como uma avó-mãe, era uma presença constante na comunidade escolar.

Maria de Lurdes Alves da Silva, de 52 anos, é moradora da região do Araripe pernambucano desde que nasceu na década de 1970, mais precisamente no distrito de Timorante, pertencente ao município de Granito-PE. Ela fixou residência na cidade de Ouricuri no começo dos anos 2000 e atualmente vive no bairro Cohab. Lurdes sempre ressalta, de maneira enfática, suas percepções sobre as relações sociais entre os povos Calon e Juron, destacando as dificuldades enfrentadas ao longo de sua trajetória até se estabelecer em Ouricuri.

Outro depoente crucial para a pesquisa é Mikael Andrade e Silva, sobrinho e genro de Maria de Lurdes, que tem residido em Ouricuri desde a década de 1990. Jovem e idealista, Mikael expressa constantemente a insatisfação com as graves dificuldades de inserção social enfrentadas pelo seu povo.

Marciliano Pereira da Silva é filho de Maria de Lurdes e cunhado de Mikael. Natural de Ouricuri, reside com sua família na cidade desde os anos 2000. Junto à sua mãe e cunhado, ele enfatiza suas lembranças a respeito da resistência da população não cigana em relação à presença do seu povo em diferentes bairros da cidade.

Dona Maria do Carmo é uma das ciganas mais velhas da comunidade, com 80 anos de idade. Ela reside no município de Ouricuri desde o ano de 2014, no bairro Cohab. Sempre muito introspectiva, relatava com pesar as dificuldades enfrentadas pela sua família durante o período de itinerância.

Maria Liduína dos Santos Sá, 47 anos, filha de Dona Maria do Carmo, é outro importante personagem para a realização desta escrita. A *Calin* reside junto à sua família desde o ano de 2014. Suas palavras fortes e destemidas expressaram de forma significativa as insatisfações e necessidades do povo Calon de Ouricuri.

Maria Júlia de Andrade Lacerda é filha de Dona Maria do Carmo e irmã de Liduína e reside na cidade de Ouricuri há 10 anos. Nos recebeu na calçada da sua mãe com muita alegria e disposição. Durante esse momento, ela não apenas compartilhou seu vasto conhecimento sobre a cultura cigana, mas também nos proporcionou uma verdadeira lição de resiliência e amor. Suas palavras refletiam um desejo intenso de que esses saberes fossem levados ao ambiente escolar e compartilhados, com o objetivo de promover uma educação mais justa e democrática.

Seu Genival Pereira da Silva, há 20 anos residente em Ouricuri, afirmava que a história do seu povo não era das mais bonitas. No entanto, ele nos envolveu em um fascinante universo de contos e fábulas intrínsecos à cultura cigana. Seu Genival é uma prova viva de que o conhecimento não se restringe apenas às instituições formais de ensino e demonstrou na prática a importância da troca de saberes.

O jornalista Calon, Roi Rogeres Fernandes Filho, residente em Salvador, Bahia, sobressai-se como uma figura essencial na defesa do reconhecimento e dos direitos da comunidade cigana no Brasil. Seu depoimento desempenhou um papel vital na direção desta pesquisa. A determinação com a qual ele afirma que os espaços de

representação do seu povo devem ser ocupados por ciganos e não por indivíduos de outras etnias é uma característica marcante de suas observações.

Na segunda etapa foram entrevistados sete profissionais da educação básica do município de Ouricuri: 4 que atuam na escola Anísio Coelho e 3 de outras instituições (Escola Altina Maria de Almeida, Escola José Coriolano e Escola Dom Idílio). É importante considerar que a escolha das escolas utilizou como critério a diferença dos bairros e a presença de alunos ciganos, desta maneira seria possível se construir um olhar mais amplo sobre a questão.

A entrevistada Orlange Alice Silva é graduada em Pedagogia e possui especialização em Gestão Escolar. Com dez anos de experiência na área da Educação, atualmente ela ocupa o cargo de Coordenadora Pedagógica na escola Anísio Coelho.

De fundamental importância para o desenvolvimento desta pesquisa foi o depoimento de Maria do Socorro da Silva. Graduada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia, ela possui vinte e cinco anos de experiência na Educação Básica e atualmente ocupa o cargo de gestora da Escola Anísio Coelho. Socorro reside no bairro desde criança, o que permite ter um olhar mais profundo nas dinâmicas que se estabelecem entre a população cigana e a não-cigana.

As falas de Marilucia Lopes de Alencar foram de grande relevância para a compreensão desta pesquisa. Marilúcia é graduada em Pedagogia, especialista em Psicopedagogia, professora no município de Ouricuri e leciona no Ensino Fundamental I e II da Escola Anísio Coelho. Entre os anos de 2012 a 2016 ocupou o cargo de gestora na escola Anísio Coelho, possuindo uma relação de mais de 10 anos com a instituição e a comunidade escolar do bairro São Braz.

Arley Anderson Alves é professor de História pelos municípios de Ouricuri e Bodocó. É graduado e especialista em História pela Universidade Regional do Cariri-URCA. Atualmente cursa o Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória pela URCA. Arley atua como professor e coordenador na Escola Anísio Coelho desde o ano de 2017.

Rute Rita Coelho é graduada em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE) e especialista em Gestão Escolar. Atualmente, leciona na Escola José Coriolano Sobrinho, mas também já foi professora da Escola Altina Maria de Almeida e do Programa Travessia, trabalhando com Ciências Humanas na Escola Dom Idílio.

Com seus doze anos de experiência em sala de aula, Rute teve contato com alunos ciganos na Escola Dom Idílio, assim como na José Coriolano. Desta forma, a professora nos oferece um olhar mais amplo sobre as dinâmicas presentes nos processos de ensino aprendizagem na cidade de Ouricuri.

Manoel Carneiro é graduado em Ciências Biológicas e está concluindo sua segunda graduação, em Matemática. O professor também é especialista em Neuropsicologia. Leciona a disciplina de Matemática no Colégio Dom Idílio na cidade de Ouricuri. Manoel reside no bairro São Braz, onde está localizada a Escola Anísio Coelho e possui contato direto com várias pessoas da comunidade Calón.

Por fim, temos a valiosa contribuição de Sileide Ferreira da Costa. Sileide é graduada em Pedagogia e Letras, especialista em Psicopedagogia e está cursando a especialização em gestão escolar. Em seus 16 anos de atuação na Educação Básica de Ouricuri, Sileide já atuou como professora de História no Ensino Fundamental, nos anos iniciais e finais. Hoje, a professora atua como secretária e professora na escola Altina Maria de Almeida.

Se faz necessário inferir que esta pesquisa se estabelece a partir de meu olhar de pessoa não cigana, cabendo, então, a observação e escuta das narrativas do povo Calon, que muitas vezes desembocavam em desabafos sobre as suas insatisfações, em uma mistura de português com o Chibe<sup>19</sup> enriquecendo todo o processo de construção desta escrita.

Dentro destas conjecturas, a pesquisa tem como ponto de partida a ideia da educação escolar como um dos caminhos viáveis, mas não a única opção. Deste modo defende-se o propósito de caminhos para educação escolar mais sensível às diversidades étnicas, a fim de se proporcionar um acolhimento físico e epistêmico à comunidade Calon de Ouricuri. Também não me cabe tomar espaços de representação, nem oferecer à comunidade soluções, ou receitas prontas. Propõe-se então, a elaboração de estratégias de ensino, interculturais, que atendam e respeitem as particularidades locais. É importante destacar que a referida proposta se construiu em parceria com membros da comunidade escolar, em especial pais e mães ciganos, observando seus anseios a fim de que promovam a ressignificação de contextos e a

---

<sup>19</sup> O Chibe- Língua cigana é uma parte importante da cultura cigana brasileira. É usado para comunicação, educação e expressão cultural. A língua também é usada para preservar a história e as tradições ciganas.

produção de uma memória positiva, tendo em vista que os processos educativos se tornem mais democráticos e significativos.

Ademais, esta dissertação visou oferecer como produto à comunidade escolar do município de Ouricuri, em especial às instituições que atendem as comunidades ciganas, um material didático (e-book) em duas modalidades. A primeira modalidade oferece um material de apoio aos professores, cuja temática se baseia a partir de um direcionamento pautado em uma educação antirracista. Este guia apresenta informações e estratégias que propunham um ensino de História a partir da pedagogia decolonial e que, através de estratégias ligadas à interculturalidade, possam oferecer temáticas mais significativas aos ciganos, como também combater a desinformação e preconceito que se propagam a partir da população não cigana neste município.

A segunda modalidade, ofertada aos alunos da Educação Básica, se baseia na produção de um jogo baseado na fábula *O Menino do Facão*, que será apresentada adiante, narrativa transmitida oralmente através da cultura cigana Calon. O jogo utiliza o motor gráfico *Unreal Engine*<sup>20</sup> 5 dentro da plataforma do *Fortnite*<sup>21</sup> com o uso de algumas ferramentas de *software* e a linguagem de programação é possível narrar uma história interativa, criar minijogos e cenas cinematográficas, incrementando a riqueza de detalhes do conto. A gamificação, entendida como “a aplicação de elementos e mecanismos de jogos em atividades ou situações de não jogos” (Zanoni, 2016, p. 39) oferece, assim, alternativas criativas e inovadoras que possibilitam um ensino de História mais atrativo ao público de crianças e adolescentes da atualidade.

Por fim, o intuito deste produto se integra à necessidade de se oferecer aos educandos pertencentes à etnia Calon uma escola mais atrativa, interativa e acolhedora, condizente com as suas expectativas para o futuro. Nesta conjuntura, se torna necessário que se proponham estratégias a partir do ensino de História e da história e cultura dos povos ciganos que, diante de uma visão intercultural/ decolonial,

---

<sup>20</sup> Um motor gráfico ou motor de jogo - criada pela *Epic Games* em 1998 para o desenvolvimento do jogo *Unreal Tournament*. Ela simplifica o processo de criação de jogos, permitindo que desenvolvedores e criadores de conteúdo 3D em tempo real produzam experiências de última geração.

<sup>21</sup> **Fortnite** é um jogo eletrônico multijogador online revelado originalmente em 2011, desenvolvido pela *Epic Games* e lançado como diferentes modos de jogo que compartilham a mesma jogabilidade e motor gráfico de jogo. Os modos de jogo incluem *Fortnite: Save the World*, um jogo cooperativo *pay-to-play* de sobrevivência para até quatro jogadores, que devem lutar contra carcaças (zumbis) e defender objetos com fortificações que eles podem construir, e *Fortnite Battle Royale*, um jogo *free-to-play* do gênero *battle royale*, onde até 100 jogadores lutam em espaços cada vez menores para serem a última pessoa ou time vencedor ( Wikipédia, s.d.Disponível em: [Fortnite – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortnite). Acesso 23/04/2024).

possam contribuir para minimizar preconceitos através de práticas pedagógicas emancipadoras e libertadoras, que culminem em um ambiente escolar atrativo e acolhedor para as pessoas ciganas Calon desta localidade.

Neste sentido, a partir da divulgação do material produzindo nesta pesquisa, espera-se que o ensino da história dos povos ciganos em Ouricuri se manifeste como um instrumento de grande valia para o (des)estranhamento da comunidade Calon, facilitando um processo de integração mais efetivo nas esferas sociais.

## **2.O SER CALON EM OURICURI. IDENTIDADE CIGANA E SUAS PERSPECTIVAS**

### **2.1. Dos acampamentos ao estabelecimento em Ouricuri: a chegada dos ciganos e as relações com a sociedade local**

Neste capítulo são analisadas questões relativas ao processo de migração das comunidades ciganas para o território brasileiro e, conseqüentemente, para o município de Ouricuri. Pretende-se apresentar quais elementos históricos estavam ligados à presença cigana no Brasil e, por extensão, no sertão nordestino. Ademais, apresentam-se, através dos depoimentos de Romás da etnia Calon residentes no município, os fatores que foram cruciais para a fixação de suas famílias em Ouricuri-PE.

Ciganos, como todos outros povos, adentraram no território brasileiro, aproximadamente no século XVI. As políticas de degredo direcionavam os grupos de pessoas ciganas ao litoral, *locus* dos primeiros momentos de colonização. É importante salientar que a presença dos povos Romani no continente americano ocorreu atrelada ao processo de ocupação do chamado “Novo Mundo”, que se inicia no final do século XV. Atendendo à lógica do capitalismo mercantil, estabelecem-se paralelamente os processos, conhecidos como colonialismo e colonialidade. O colonialismo é entendido como a ação física e violenta de ocupação e exploração. Em relação à colonialidade, podemos compreender as ações subjetivas (discursivas e epistêmicas) que propagaram estratégias de poder que se perpetuaram no tempo e espaço.

O conceito de colonialidade se divide em três pontos principais: a colonialidade do poder, a colonialidade do ser e a colonialidade do saber. De acordo com as ideias de Aníbal Quijano (2005), as estratégias que organizam as estruturas de poder passaram a ser organizadas a partir do critério racial. Com a dominação do território americano, o europeu cria a ideia de raça, estabelecendo-se como superior e inferiorizando os povos dominados. Essa nova ideia passou a determinar a divisão do trabalho e, conseqüentemente, o acesso à rede de privilégios. Desta maneira, o europeu se estabeleceu como dominante, e aos demais povos se determinou a condição de subalternizado. De acordo com Quijano (2005):

Os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem

como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (p 118).

No que se refere à colonialidade do ser, se caracteriza não apenas por impor padrões de subalternidade, mas sobretudo pela docilização dos corpos. Moldá-los naquilo que se considerava aceitável, de acordo com o padrão imposto pela visão eurocêntrica de mundo. Neste sentido, a colonialidade do ser pode ser definida como uma realidade do mundo moderno colonial, que leva à inferiorização das pessoas, sendo uma forma de privar a existência humana (gênero e sexualidade) (Mignolo, 2005; Maldonado-Torres, 2022) (Restrepo; Rojas, 2012).

A colonialidade do saber é entendida a partir do ponto em que as heranças propostas pela colonialidade influenciam na produção e valorização epistêmica que é legitimada nas academias, passando a considerar válidas as produções e os saberes desenvolvidos pelos brancos europeus e norte-americanos.

Tendo em vista que as ações atreladas ao colonialismo foram determinantes para a presença dos assim chamados ciganos na América, é necessário compreender como e quando esses grupos passaram a ocupar o território pernambucano. De acordo com a informação encontrada no Livro de Denúncia de Pernambuco (Melo, 2015, p. 49), a presença Romá na então Capitania ocorre a partir do ano de 1599. Ao longo dos séculos, os povos Romá foram gradualmente se movendo para o interior do estado. Isso ocorreu tanto devido à sua cultura nômade quanto ao processo de expansão da pecuária que resultou na ocupação do sertão nordestino. A partir da década de 1970 inúmeras famílias ciganas iniciaram o processo de sedentarização devido às dificuldades comuns ao nomadismo. Neste contexto, gradativamente passaram a migrar para a região do Sertão do Araripe, organizando-se em moradias fixas em diferentes municípios, entre eles a cidade de Ouricuri.

Como a maior parte das cidades do sertão nordestino, a cidade de Ouricuri teve sua origem ligada à atividade agropecuária. Na atualidade é considerada uma cidade polo responsável pelo fornecimento de serviços às cidades vizinhas. Por sua localização nas proximidades da divisa com os estados do Ceará e Piauí, acabou por se tornar rota comum a viajantes de diversas regiões do Brasil. Neste contexto, variados grupos de ciganos Calon que se deslocavam continuamente pelo Nordeste foram gradativamente migrando e adotando a cidade para o processo de

sedentarização a partir da década de 1970, ocupando também cidades como Araripina, Exu e Granito. Aos poucos eles foram estabelecendo moradia fixa na região do Araripe pernambucano.

Nesta cidade, a presença dos assim chamados ciganos se estabelece em vários bairros, mas de forma significativa nos Bairros Nossa Senhora de Fátima, São Braz e Cohab. A permanência em Ouricuri é muitas vezes atribuída a lideranças políticas locais do eixo Ramos *versus* Coelho que rivalizam pelo poder político local. De acordo com o professor Francisco de Assis (2022), ciganólogo da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, participante do NEPE, é importante considerar acerca da mobilidade cigana que:

As fronteiras desses povos estão muito mais nas relações construídas e estabelecidas do que no campo geográfico. Por tanto são relações geográficas simbólicas balizadas pela confiança que acionam e fixam a identidade cigana nesses locais (Assis, 2019, s.p.).

A partir dessa premissa, é possível considerar que o acolhimento do grupo Calon estaria inicialmente correlacionado a uma questão clientelista: uma vez que se trata de um grupo que se encontra em situação de vulnerabilidade, constantemente excluído das cidades circunvizinhas é plausível ponderar que o suposto acolhimento esteja arraigado a uma estratégia para aquisição de eleitores, tendo em vista os entraves da política local, a acirrada disputa e a troca de favores comuns ao período eleitoral. Deste modo, a aproximação política dessas lideranças está associada à busca de aliados. Ainda de acordo com Assis (2019, s.p.):

Assinala-se que o sentimento de pertença geográfica desses povos é infinitamente maior quando se refere à sua área de atuação na rede de negócios comerciais. Tudo se torna uma extensão de seu “quintal, estendendo mais a metáfora, porque não precisa de “cerca”, mas sim de “chão” para pisar.

Analisando os depoimentos dos indivíduos da etnia Calon, é possível perceber como, diante das hostilidades inerentes à vida itinerante, acabaram por estabelecer moradia fixa na cidade de Ouricuri. Sobre o assunto, a *Calin* Vanuza, 46 anos, residente em Ouricuri há sete anos, relatou suas condições de vida antes de estabelecer o pouso em Ouricuri:

Mas eu. Eu sou, eu nasci no Piauí, mas sem ter documento, entendeu? Sem ter documento e minha mãe me levou andando de burro, não tem, de cavalo. Claro que eu tenho que acompanhar a minha mãe, né? Só. Só tive de estudar nesse colégio aqui, ó, dá Capela de São Braz quando eu, quando eu tinha eu

acho que eu não tinha 12 anos. Eu não tinha 12 anos, não. O meu nome é Maria Celina Pereira Feitosa no documento E o apelido é Vanuza, mas eu sei toda a letra, mas eu não sei ler, acredita? Eu não sei ler. Mas toda a letra que botar e eu escrevo tão bem, se botar aqui um jornal e um papel, um papel limpo, e uma caneta E o papel limpo ali, ó. As letras que têm aqui eu passo tudo, mas eu não sei ler (Feitosa, Entrevista, julho 2023).

Outro fator citado pelos ciganos em relação ao processo de sedentarização pode ser observado na fala do cigano Salvador e Bonanza residente no Bairro São Braz, conhecido na comunidade como Ismar:

A vida na estrada estava muito perigosa e muito complicada, muitas vezes tínhamos que pagar por aquilo que os outros faziam. Quando um fazia, todos pagavam. Muitas vezes estávamos nas barracas e chegava a ordem da polícia para ir embora. Outras vezes um fulano aprontava, e os outros pagavam. Sem contar que a vida nas barracas não era segura para as crianças (Bonanza, Entrevista, jul. 2023).



**Figura 1-** José Salvador e Bonzana (cigano Calon conhecido como Ismar)

Fonte -Arquivo pessoal, 2023.



**Figura 2-** José Salvador, Maria Celina e seu companheiro  
Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

De acordo com entrevista, um fator determinante para o processo de sedentarização de grupos das pessoas Calon na cidade de Ouricuri estava atrelado à segurança. A vida nômade produzia imprevistos e dificuldades que acabaram por levar esses grupos à fixação em cidades e regiões. A falta de conforto, acesso a serviços básicos e segurança tornou-se relevante para que a vida itinerante fosse substituída pela moradia fixa.

A maioria entrevistados citam que a falta de estrutura, perseguição policial e a ausência de apoio aos idosos levaram ao fim da itinerância. Em contrapartida, a cidade de Ouricuri proporcionou condições favoráveis para que várias famílias da etnia Calon se fixassem em seu território, estimando-se, na atualidade, a presença de mais de 1000 ciganos organizados em 40 famílias. Deste modo, é importante considerar a fala da *Calin* Lurdes, residente no Bairro Cohab a respeito do fim da vida de itinerância:

Eu penso assim quando a gente vivia atravessando mundo, a gente já vivia muito cansada, isso foi no tempo dos ciganos mais antigos. As pessoas mais novas já tinham o projeto de que, de ter o filho e colocar para estudar, para ser mais alguma pessoa mais na frente, que na nossa família cigana, todo mundo discriminava. A gente não podia chegar numa casa, comparação: se chegasse uma cigana em uma casa pedindo água, o povo já falava, oh é cigana, e discriminava. Então a gente foi procurando um meio de colocar os filhos da gente para ser mais alguma coisa na vida. Porque nós, tinha essa discriminação; o povo mais veio que era os avós e os avôs, já foram mortos, já morreram, aí essa geração nova, já foram caçando um canto, assim morando, caçando um meio de ter uma localização para que os filhos tenham uma educação, porque nós não tivemos, entendeu? Aí foi assim, a nossa causa de parar foi essa, não tinha mais projeto de tá montados num jumento, ia p aqui, ia para Timorante, ir para Bodocó, e assim, e ia casando, ia tendo filho e crescendo do jeito que nós era, sem nada sem fazer nada. Só caminhava nos animais e pronto, não tinha um filho que estudasse, uma pessoa que tivesse uma educação melhor e foi assim que a gente conseguiu se posicionar aqui em Ouricuri e aqui ficamos (Da Silva, Entrevista, set. 2023).

Diante do exposto por Lurdes é possível constatar que Ouricuri poderia não ofertar todos os requisitos necessários para a permanência Calon. Contudo, atrelado às dificuldades impostas pelas sucessivas migrações, o acolhimento de lideranças políticas passou a ser visto como suficiente para o estabelecimento na cidade. Ao passo que as famílias ciganas se instalam no município, o estranhamento às tradições, reforçado com o imaginário social findou em uma relação construída com base na curiosidade, no misticismo e no medo.



**Figura 03** - Lurdes, Mikael e Marciliano com os professores Débora e Manoel  
Fonte -Arquivo pessoal, 2023.



**Figura 4-** Os ciganos José Salvador e Genival Pereira com a professora Débora  
Fonte -Arquivo pessoal, 2023.

O medo e o estranhamento também foram sentimentos comuns ao povo cigano recém-chegado a Ouricuri. O grupo tinha que conviver com as situações estabelecidas, ora sendo justificado por ações que diferiam da ordem social imposta,

ora sendo estereotipados devido à grande carga negativa construída através de políticas anticiganistas ao longo dos séculos.

Portanto, analisar como tais relações se constroem a partir da presença Calon no município, é imprescindível para compreender a lógica social a qual a cidade está inserida, e sobretudo como tais elementos podem contribuir para o estabelecimento de práticas que influenciarão outros setores da sociedade. É a partir do conhecimento destes conflitos que estratégias podem ser elaboradas a fim de minimizar preconceitos e possibilitar a integração dos sujeitos até então marginalizados, nos contextos sociais, culturais e sobretudo no que tange à educação do município

## **2.2(Re)Existências Calon em Ouricuri. A identidade cigana através de permanências e ressignificações culturais**

O propósito deste tema é examinar a identidade cigana da comunidade Calon em Ouricuri e compreender o que significa ser Calon através de suas próprias histórias. O estudo foca em identificar os elementos distintos que constituem a identidade cigana e como eles persistem e resistem no ambiente local. Avaliando as alterações e as constâncias nas práticas culturais ciganas, considera-se o modo pelo qual este grupo se adapta e dá novos significados às suas tradições, utilizando-os como tática para perpetuar sua cultura.

Neste sentido, ao se observar os elementos que caracterizam a presença cigana em Ouricuri, é importante considerar o conceito de identidade. De acordo com Thomaz Tadeu da Silva (2014), a identidade pode ser conceituada como aquilo que me aproxima de uns e me difere de outros. A semelhança, entendida como aquilo que nos aproxima de um grupo a partir de práticas e tradições presentes em seu entorno, é fundamental para esclarecer o pertencimento do indivíduo a um determinado grupo.

É errôneo se afirmar que a identidade possa se constituir a partir de uma perspectiva individual. A identidade é sobretudo constituída em um corpo social a partir da relação com os outros, ou seja, a identidade também é constituída pela diferença. A partir das palavras de Thomaz Tadeu da Silva:

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações

culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (2014, p.76).

Nesta lógica, compreende-se que na coletividade as identidades e diferenças se manifestam a partir das interações dos sujeitos em suas relações culturais e de poder. E nessas relações, as identidades e diferenças são expressas, demonstrando a condição dos sujeitos em seus determinados grupos.

Entretanto, a partir da visão de Silva (2020), é importante esclarecer que as identidades não são naturais ou fixas. Uma vez que a construção da identidade e demarcações das diferenças são elementos intrínsecos às relações sociais, e tendo em vista as mudanças presentes na sociedade, é relevante considerar que elas se remodelam no decorrer do tempo e do espaço.

O povo cigano ao qual foi direcionada esta pesquisa se reconhece como pertencentes à etnia Calon, acreditando que seus primeiros ancestrais vieram do Egito. Procuram preservar suas características culturais, dentre elas a língua, a Chibe, transmitida oralmente entre as gerações, suas festas e seus ritos funerários. A maioria não tem ocupação formal, vivem da agricultura, do comércio de animais de pequeno porte e demais trabalhos informais.

José Salvador, um cigano Calon amplamente reconhecido pelo nome de Ismar, sublinhou que a identidade cigana engloba uma complexidade que historicamente os tem aprisionado em estereótipos generalizados. Ismar enfatizou essa questão ao apontar tal nuance:

E os ciganos, sempre tinha o cigano ruim e sempre tinha o cigano bom, que sempre o bom pagava pelo ruim. Antigamente era assim. Mas hoje, não parece que passaram uma coisa muito mais real, porque hoje em dia só paga quem faz. Mas antigamente não era assim. Se a polícia chegasse e só um tivesse um mal-feitos, pois aí os outros pagavam tudo. Aí foi evoluindo as coisas, aí eles se tocaram que não poderia ser assim. Porque se você tem 3 irmãos, os 3 são ladrões, mas não é obrigado você ser. Você ver o roubo, mas você não participa. Você não aceita, não concorda (Bonanza, entrevista, jul. 2023).

A importância da identidade para o povo cigano é realmente notável e profundamente enraizada em suas tradições e cultura. Desde cedo, as crianças ciganas são imersas em um ambiente rico em costumes, práticas e valores que são específicos de sua comunidade. Na cidade de Ouricuri, o principal demarcador identitário encontra-se na transmissão da língua Calon Chibe. Essa transmissão de

conhecimento é feita de geração em geração, de forma oral e através da observação e da prática diária. De acordo com as palavras de Seu Salvador (2023): “Cigano é um ser especial. É o único povo que já nasce falando duas línguas.” Na perspectiva do cigano Calon, a Chibe se torna elemento para demarcar a identidade e a diferença.

O idioma Chibe atua como um componente crucial de continuidade cultural entre os integrantes da comunidade Calon. Ele desempenha um papel fundamental como um distintivo de identidade e constitui um vínculo essencial para o grupo étnico. A transmissão para pessoas não ciganas não é bem-vista pela comunidade Calon, que segundo a Calin Maria Júlia (2023): “Não pode passar para os Juron<sup>22</sup>, não. Se nós souber a peia é feia. Que já nasceu para ser só para nós (não para botar para o mundo). Se fosse para nascer para o mundo, o mundo todo sabia. Mas é só para nós”.

Ainda acerca da importância da Chibe para a comunidade Ouricuriense, é interessante observar as palavras de Ismar:

E a língua cigana, a gente já nasceu assim, não existiu outro professor a não ser o senhor Jesus de Nazaré. Eu acredito que isso aí foi ele porque não tem condição gente de uma pessoa já nascer com duas línguas naturalmente. Isso que nós ainda fica meio assim, mas no nosso pensamento com esse tipo de coisa é com Jesus. Eu tenho certeza que se essa língua cigana chegar aonde tem que chegar, eu acho que ela vai ser a líder de todas. Porque na terra não tem professor para ela e as outras línguas, sim, tem professor para elas. Mas a língua cigana não tem. E se tem, é nós. Através de que, do Senhor Jesus de Nazaré porque ele sabe de todas as coisas. Você tá com um *istá* no *cheron*: eu digo você está com um chapéu na cabeça. *cheron* é cabeça, chapéu é *istá*, *dididiacon*: óculos, *danes*: dentes, *muis*: boca, *bali*: cabelo, *praque*: orelha, *vais*: as mãos, *quiru*: a perna, *pirrô*: os pés, dinheiro: *cadeins*, galinha: *carnin*, peru: *goigoru*, *tibau*: jegue, *nulom*: burro, *graz*: besta, *paim*: água, *coque*: casa, *chiadeira*: moto, *prestador*: um carro, *pimpem*: remédio, *atussa*: você. De cada coisa tem a sua resposta. Não tem esse negócio de tá pensando para frojar não. É uma coisa que natural, é até instantâneo, não sabe? (Bonzana, Enrevista, jul. 2023).

Portanto, para o povo cigano, o fator identidade não é apenas uma questão de autoconhecimento, mas também um instrumento de coesão comunitária e sobrevivência cultural em meio a uma sociedade que frequentemente os marginaliza.

Os casamentos também permanecem como características primordiais na comunidade Calon de Ouricuri. De acordo com a tradição transmitida através dos seus ancestrais, as grandes festas são realizadas com toda a pompa, preferencialmente quando se estabelece a partir da endogamia, ou como dizem, casamento entre

---

<sup>22</sup> Juron seria qualquer indivíduo que não pertença ao povo cigano.

ciganos legítimos (filhos de pais ciganos). Em relação às demais festas culturais, como São João, Natal e Réveillon, estas também são comemoradas em família. Sobre este assunto é importante analisar a fala da *Calin Lurdes* (2023)

Ainda temos as tradições das festas. As festas de cigano vão 4, 5 dias dependendo de quem tem mais condições. Os que são mais fracos ainda vai 2 3 dias. Mas aí continua, nós tem essa tradição e vamos morrer com ela. Mas aí quando é cigano com cigano a festa é grande 3, 4 dias dependendo da condição, do valor que o pai tenha (Da Silva, Entrevista, set. 2023).

Sobre a manutenção da tradição relacionada ao casamento cigano, Mikael de Andrade Silva, Calon residente em Ouricuri enfatizou que:

O casamento cigano é assim. Tem uma mulher grávida de um menino homem, cigano legítimo. Aí tem uma mulher grávida de uma menina mulher, cigana legítima, pronto. Aí quando eles nascem ali, já nascem noivos. E já vão crescendo ali moça e rapaz, noivos. Aí faz a festa dos ciganos, 5 6, 9 dias. Aí junta as tias os tios, as primas (Da Silva, Entrevista, set. 2023).

A endogamia, hábito de casar-se dentro do mesmo grupo ou família, é uma prática cultural geralmente destacada pela imprensa como característica da cultura cigana e associada às suas núpcias. No que se refere aos Calon de Ouricuri, tal costume já não é uma exigência para as uniões matrimoniais entre seus membros. De acordo com Maria Celina, conhecida como Vanuza, “a gente não vai obrigar a casar com quem não gosta para não viver mal.” Desta maneira, este elemento destaca-se como estratégia de resistência e ressignificação de práticas tradicionais. E, sobre o assunto, Lurdes infere mais uma vez:

A maioria, porque nós aqui não somos assim. Os ciganos dos outros cantos são assim. Aqui é crescer e casar com quem quer, aqui já tem essa diferença. Vamos supor, aqui se nascer um menino e uma menina nós não vamos botar para casar sem ter amor, porque a gente tem que entender que amor, que a gente tem que saber que se a pessoa não casa por amor, não vai viver. Igual aqui que eu vejo muitos ciganos separarem porque casou sem amor (Da Silva, Entrevista, set. 2023).

Ainda em relação ao casamento, Ismar explanou com pesar que “[...] já tem muito cigano novo, já tem muita mistura, mas, meu Padim Padre Ciço, disse que a gente não era para se misturar.” (José Salvador e Bonzana, 2023). Neste contexto se faz importante analisar como se organizam as relações familiares, tendo em vista que a endogamia não é mais tratada como indispensável.

Ao se indagar como prevaleciam as relações familiares com pessoas não ciganas, foi possível se observar que os não ciganos passam a fazer parte da família, mas não são considerados “ciganos legítimos”. Podemos confirmar a referida assertiva através das palavras de Lurdes:

A pessoa não vai ser cigana, mas considera-se da família cigana. Ela nunca vai ser uma cigana legítima. Porque ela não tem o sangue de cigana, ela tá no meio dos ciganos, ela casou com um cigano, vamos supor, um rapaz que não é cigano, casou com uma moça cigana. Ele não é cigano, ele se tornou membro da família. Mas ser cigano verdadeiro ele não é, que ele não nasceu sendo cigano. Igual o cigano que casa com uma que não é cigana. Uma pessoa como vocês casar com um cigano, vai considerar da família, mas são como cigano. Mas fica o mesmo preconceito para ele, que ficou no meio da família cigana (Da Silva, Entrevista, set. 2023).

Outro elemento importante para análise do povo Romá de Ouricuri, está na diversificação das vestimentas. Para Vanusa, a região é muito quente e as roupas compridas são muito quentes (Feitosa, Entrevista jul. 2023). Já para Liduína, “como depois que meu pai morreu eu fui criada com um povo que não era cigano, eu nunca gostei daquelas roupas” (Sá, Entrevista, nov. 2023). E para Ismar, as roupas são muito caras para a condição social dos ciganos, o que dificulta a preservação deste elemento cultural. Deste modo, a reestruturação das práticas endogâmicas, como também o não uso de roupas típicas se aplica a teoria da fluidez das identidades defendidas por Hall. Em sua obra *Identidade cultural na pós-modernidade*, o autor explana que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu “coerente” (2015. p. 12). Sobre a temática, a *Calin* Liduína reforçou que:

Aqui é roupa normal, se for um vestido é um vestido simples não é com aqueles babadão não, aqui não, mas esse estilo está para o lado da Bahia para lá, mais para aqui se você vir uma festa de cigana dizem, não, aqui não é cigana os daqui, né? São os da cigana, que é tudo calça jeans, é short curto, o vestido simples colado no corpo não é com aqueles babadão, com aquelas mangas velhas nunca gostei daquilo (Sá, Entrevista, nov. 2023).

No que tange à organização social, uma vez que o grupo se encontra sedentarizado não se considera a existência de um chefe ou líder para o grupo, entendendo-se que o patriarca ou o homem mais velho de uma residência é seu líder.

Aos mais velhos da comunidade são destinados respeito e subordinação, a busca por aconselhamentos e referência histórica de todos os seus ascendentes. Cada um que é chefe de sua casa agora. Então aí pode dividir, porque todos são família do mesmo grupo e na casa chefe de sua casa. Uma comparação, se a irmã ou um filho meu é mais irresponsável se manda na casa do meu filho é o pai. Mesmo eu que sou da minha casa, sou de maior, sou meu chefe de mim, das minhas filhas e da minha família (Maria Liduína dos Santos Sá, nov. 2023).

Outra característica atribuída ao povo Romani é a mendicância. Na cidade de Ouricuri, tal atividade geralmente não é mais vista nos espaços públicos. Ainda como demarcador de estigma, acaba sendo praticada apenas com pessoas consideradas amigas e de confiança. Neste contexto, é relevante considerar os diferentes olhares acerca da mendicância, estratégia de sobrevivência comum a diferentes grupos. No que concerne a grupos subalternizados, tal ação causa um severo desconforto, mais do que falta de políticas públicas a grupos marginalizados que poderiam suprir ou minimizar a referida prática. Por outro lado, no cenário mundial, surge o que chamo de mendicância socialmente aceita: realizada por grandes igrejas cristãs e por canais de TV ligados a instituições religiosas com o intuito de realizar grandiosas obras públicas. Não se julga, não se critica nem se intimida. Comparando com uma venda de relíquias pós-moderna, essa ação se mostra como mecanismos resultantes da colonialidade.

Quando a mendicância está associada às minorias, como os Romás, é entendida como sinônimo de vagabundagem, preguiça e maus hábitos, enquanto aquelas consideradas obras de fé, executadas por pessoas brancas ligadas a altos círculos sociais, são sempre entendidas como uma necessidade justa. O que obviamente diferencia os dois grupos é uma visão etnocêntrica, arraigada na ideia de que, por ocupar espaços de poder, a esse grupo de brancos não cabe nenhuma censura. As críticas passam a ser minimizadas em defesa de um padrão social de caridade seletivo e segregacionista.

Dentro destes contextos, práticas como a quiromancia estão em desuso nesta comunidade. O conhecimento acerca da leitura de mãos permanece com os mais velhos, nem sempre transmitido aos mais novos sob a justificativa da falta de interesse e, neste sentido, não se estabelece em espaços públicos. De acordo com Maria Júlia “os mais novos agora só quer saber de funk” (2023).

Outro ponto interessante encontra-se nas práticas funerárias, como também no cuidado com os mortos. Ao falecer uma pessoa Calon, todos os pertences são

doados. Móveis, roupas, calçados, e até mesmo imóveis são repassados. Nada morto permanece nas mãos dos seus parentes. A fala da *Calin* Maria Júlia, é de fundamental importância para a compreensão da cultura *pós- morte* comum à comunidade cigana Calon:

Escuta, minha mãe faleceu, exemplo, Deus me livre dessa mal hora. Essa casa aqui nós vendemos. Tudo que é dela nós damos ao povo ou queima. Nós não queremos nada. - A casa nós vendemos para fazer o negócio lá no cemitério da catacumba, ou seja, lá o que for. Cama dela, roupa dela, as coisas que ela tem aí dentro de casa. Ela doa, queima ou damos ao povo (Lacerda, Entrevista, nov. 2023).

Sobre o luto também se faz importante analisar as palavras de Liduína:

Quando falece é um ano de luto, não quer herança nenhuma daquela pessoa que faleceu. Cigano passa anos de luto quando falece uma pessoa. O cigano ele pode ser rico, se ele tiver propriedade a família não quer, cigano não briga por terreno com o irmão não se mata nunca briga por herança, nunca matou ninguém da família com família de jeito nenhum (Sá, Entrevista, nov. 2023).

A morte é descrita como um rompimento profundo, dias sem fazer a barba, sem escutar música, sem comer carne vermelha. A morte de um familiar não deve ser tratada com leveza; os bens do falecido não são preservados, transmitindo a ideia de um rompimento definitivo. Não se deve manter contato ou guardar qualquer bem material do falecido, e, de forma radical, o patrimônio do indivíduo deve ser excluído do convívio dos vivos. Em contrapartida, de acordo com Mikael, a permanência em Ouricuri também é justificada pelo zelo dos que já faleceram e foram sepultados na cidade, “Muita gente nossa morreu aqui, e a gente não quer deixar” (Da Silva, entrevista, set, 2023). Essa intrincada concepção de afastamento e conexão carrega uma simbologia peculiar que relaciona morte, distância, respeito e pertencimento, destacando-se como uma característica relevante da cultura cigana.

No que se refere às religiosidades, o povo cigano de Ouricuri encontra-se dividido em diferentes vertentes do cristianismo, sendo bem distribuídos entre o catolicismo e a participação em igrejas evangélicas. A devoção a Santa Sara, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, Frei Damião e outras figuras da fé católica são bem presentes na comunidade.

Outro ponto que ainda prevalece está na prática da reza ou benção, característica comum ao catolicismo popular brasileiro e que persiste por parte dos ciganos, uma vez que estes são frequentemente requisitados a realizá-las. A reza,

benção ou passe espiritual, ofertado a pessoas com fraquezas espirituais, também continua a ser praticada por homens e mulheres da comunidade Calon. Neste sentido Ismar demonstrou uma grande satisfação ao ser convidado para rezar em uma pessoa necessitada. Segundo Ismar, que continua a prática em sua comunidade:

Me sinto muito feliz. E orgulhoso de estar chamando, implorando pelo nome do nosso senhor Jesus. A dar cura aquela. Aquele pecador que merece o que não merece, eu peço proteção, invocando Jesus com as palavras. E para trazer essa benção para calhar a vida dessa pessoa, para sair de fora do mal, sair de fora do vício. Às vezes é alguma coisa mal que a vida está assolando na vida. Talvez uma sombra ruim que a vida tem, não sabe? Uma tentação para levar a tentação, levar o mal. Eu tratei a saúde daquela pessoa, isso para mim. Uma honra (Bonzana, Entrevista, jul. 2023).

Diante do exposto e com base falas de pessoas da comunidade cigana Calon de Ouricuri, é evidente que esses elementos desempenham um papel crucial na resistência e resiliência desse grupo. Observam-se claramente algumas tradições identitárias que são fundamentais para a preservação da identidade e cultura cigana. A língua Chibe, as festas tradicionais como os casamentos e os rituais funerários ainda são elementos que permitem a (re)existência desta comunidade mesmo diante das barreiras que se estabelecem no cotidiano. Esses aspectos identitários são essenciais para a manutenção da coesão e da força dessa comunidade diante dos desafios e adversidades enfrentados em suas trajetórias.

### **2.3 Não acho que nós somos invisíveis, nós somos é invisibilizados. As diferentes faces do anticiganismo**

Este tópico procura analisar a permanência de discursos e práticas anticiganistas na sociedade brasileira. Propõem-se apresentar o surgimento das práticas discriminatórias em relação à comunidade cigana e suas permanências na sociedade atual.

O anticiganismo poderia ser definido como “doutrinas ou atitudes hostis aos ciganos e que contra eles propõem medidas discriminatórias” (Moenen, 2011 p. 6) Ou então: “atitudes, atos ou políticas contrárias aos interesses e direitos ciganos” Neste trabalho não se busca apresentar o anticiganismo como fator determinante, mas sim como significativo, uma vez que suas manifestações acarretam graves repercussões para a comunidade Calon de Ouricuri. Ignorar o anticiganismo e as angústias

expressas pelos entrevistados significaria apoiar a perpetuação dessas práticas racistas, o que não condiz com os objetivos desta dissertação. Portanto, é crucial analisar o tema sob uma perspectiva que leve em conta as particularidades, reconhecendo que em todos os grupos étnicos existe uma variedade de ideias e ações que não podem ser generalizadas ou simplificadas.

Ao povo cigano foram atribuídas histórias baseadas em lendas e mitos construídos a partir de uma história única eurocêntrica, o que corroborou para a construção de estigmas que geram severas implicações para os ciganos na atualidade. Devido à sua cultura baseada na tradição oral e, conseqüentemente, à grande dificuldade de se encontrar registros de suas trajetórias nas diferentes sociedades, aos povos ciganos sempre foram atribuídas histórias dotadas de fantasias, as quais culminaram na segregação social desses grupos.

Representados através de lendas e superstições, ao longo de sua história eram comumente acusados de canibalismo e sequestro de crianças, envoltos em um exacerbado misticismo e feitiçaria. Todas essas representações atribuídas aos povos ciganos foram determinantes para a construção de práticas segregacionistas que impactaram e ainda causam severas implicações a esses grupos. Dentro deste discurso se faz pertinente observar a palavras de Auzias (1995, p.39-40):

Os ciganos não são mais europeus do que americanos ou índios. Os ciganos estão na Sibéria como na China. Estão sempre no avesso do cenário. Eles são a escória das sociedades dominantes, seja qual for a dominação. Onde estiver o cigano há dominação. Os ciganos são um revelador das desigualdades, das exclusões. E são mal conhecidos. Atribuem-lhes hoje, como ontem, virtudes e vícios extraordinários. Lisonjeiam-lhes a estranheza para melhor os disciplinar. A sua vulnerabilidade para melhor os explorar, a sua fragilidade para os enfraquecer ainda mais. Os jacobinos perguntam se eles têm alma e os padres se eles têm religião. Os revolucionários perguntam se eles são despóticos, as feministas, se as mulheres deles são maltratadas; os historiadores, se eles têm história, os musicólogos se eles têm música, os higienistas se eles se lavam. Poucos povos entram no comércio com tantas negações. O seu holocausto é negado tanto pelos estados nacional-populistas como por Vichy, como pela Alemanha pós-nazi. Os racistas duvidam que eles sejam uma verdadeira raça, os letrados que eles sejam capazes de escrever poesia. Os revisionistas rejubilam porque os ciganos partilham com os judeus o privilégio do crime contra a humanidade. Mas a humanidade deles ainda não entrou no reconhecimento coletivo.

Por séculos existiram as mais variadas estratégias anticiganistas, cujas maneiras variam, usando formas distintas no decorrer dos variados espaços. Grupos de pessoas ciganas de diversas etnias foram submetidos à escravidão, como ocorreu

desde o século XIV na Valáquia e Moldávia, hoje localizadas na Romênia. Tal prática somente foi erradicada na segunda metade do século XIX. Em outros países do continente europeu, em especial na Espanha e em Portugal, os ciganos poderiam ser escravizados.

Outra estratégia de segregação promovida aos povos Romani acontecia através da prisão, com intensos castigos físicos e severas cargas de trabalho, em especial aos homens que muitas vezes eram destinados às galés.

A deportação para outras cidades, países ou continentes também se constituiu como estratégia de segregação dos povos ciganos. Portugal utilizou essa prática de forma incisiva no processo de colonização do Brasil.

Outra prática anticiganista desenvolvida no decorrer da história se manifestou através do isolamento. Muitas vezes a sociedade não-cigana criava mecanismos de manutenção de fronteiras para isolar a minoria cigana em áreas especialmente para ela reservadas, confinando-a longe do convívio dos membros do grupo majoritário, em bairros ou ruas especiais para ciganos, como as 'Gitannerias' (Monem, 2011, p. 8). A Espanha, por exemplo, na atualidade ainda desenvolve uma política de segregação socioespacial.

A marginalização histórica das pessoas ciganas é um tema complexo e multifacetado. De fato, ao longo dos séculos, mecanismos de segregação foram sistematicamente utilizados para isolar e discriminar esses grupos. Essas ações discriminatórias não apenas restringiram o acesso dos ciganos a direitos básicos e oportunidades de integração social, mas também contribuíram para a construção de estereótipos negativos e preconceitos enraizados na sociedade.

Além disso, a cultura cigana frequentemente foi mal interpretada e representada de forma caricata ou negativa, o que reforçou a ideia de que eles eram fundamentalmente diferentes e não adaptáveis às normas da sociedade majoritária. Essa visão estigmatizada dificultou ainda mais a possibilidade de integração e aceitação.

Outra prática anticiganista promovida de maneira implícita e romantizada ocorre pelas representações culturais. Neste contexto, vários mitos se encarregaram de explicar a constante itinerância destes povos. Um deles, divulgado fortemente pela Igreja Católica, atribuía a suposta "errância" dos ciganos ao fato de serem descendentes diretos de Cain, sendo então considerados amaldiçoados. Outra

narrativa propagada, justificava o nomadismo cigano pelo fato de terem negado abrigo à Sagrada Família durante fuga ao Egito, sendo condicionados a peregrinar pelo mundo sem nunca ter direito à moradia fixa. Desta maneira, compreende-se que o choque cultural que nasce dessa identidade própria é justificado, por seus observadores, como sendo reflexo da dificuldade que temos de aceitar o diferente, ou seja, é gerado ao nos depararmos com o “outro”, com a alteridade (Karpowizk, 2018, p. 46-47).

Em uma sociedade permeada por valores cristãos, a ideia propagada embasada no discurso de rejeição dos povos ciganos à Sagrada Família ganhou contornos expressivos. A partir do pragmatismo religioso, os discursos foram se disseminando a fim de se justificar a marginalização desses povos.

Por muito tempo o discurso propagado afirmava que os ciganos não eram um povo: etnias com traço culturais comuns, e sim vários grupos de pessoas desobedientes ao sistema e em situação de itinerância. Desta forma, muitos direitos lhe foram negados, como também a sua história, como a de muitos outros povos, acabou sendo segregada das narrativas oficiais uma vez que eram taxados de vagabundos, desordeiros, criminosos, embusteiros, feiticeiros e de toda sorte de atividades ilícitas possíveis a um ser humano, sem lhe ser dado sequer o benefício da dúvida. Eram condenados pela diferença, por não se encaixarem no padrão da branquitude e civilidade condicionada à população europeia da época.

Na atualidade as ideias relacionadas aos denominados ciganos são resquícios de toda a representação construída a partir da imposição epistêmica do colonialismo. A colonialidade ajudou a arraigar estereótipos que ainda condicionam boa parte desta etnia à marginalidade histórico-social. Deste modo, na música, na literatura, na teledramaturgia e, mais recentemente, nas redes sociais, a imagem dos povos ciganos ainda se condiciona às ideias racistas construídas no decorrer da História.

Inúmeros compositores, de diferentes momentos das histórias e variados ritmos versam em seus repertórios em concordância com o imaginário social racista e estereotipado ainda hoje atribuído aos povos ciganos. As ideias que perpassam as letras das músicas os apontam como indivíduos com vidas errantes, sem responsabilidade afetiva, infiéis, misteriosos, místicos, sedutores e promíscuos. As representações, como na música *Amor cigano*, de Luan Santana, relatam uma mulher inconstante e sedutora que aparenta não desejar um relacionamento mais duradouro.

Podemos identificar referências a características dos povos Romani nos seguintes versos: “Dá só mais um pouquinho desse amor cigano, que segue me iludindo, e eu acreditando” E prosseguem em Coração cigano, cigano segue me enganando, mudando. De cheiro em cheiro, de beijo em beijo, E aqui no meu olhar morando (Santana, Sonza, 2022).

Neste ponto podemos observar que situações comuns à cultura cigana são apresentadas na letra da música em uma perspectiva negativa. A itinerância comum a tais etnias é traduzida como uma situação de inconstância.

Em mais um grande sucesso da música brasileira, *Vida cigana*, executada pelo grupo Raça Negra, temos: “Minha vida cigana/ me afastou de você/ Por algum tempo eu vou ter que viver por aí/ Longe de você/ Longe do seu carinho/ E do seu olhar.” (Espíndola, 2000).

Nesse sentido, a vida cigana é tratada como um fardo, e mesmo diante de uma ideia de reciprocidade, a característica da vida cigana dificulta uma pretensa estabilidade na relação.

Dentro da literatura brasileira, é possível observar, em obras que mencionam o povo cigano, na grande maioria das vezes a ótica do anticiganismo. Obras como *Memória de um Sargento de Milícias*, e *Tocaia Grande* são exemplos disso.

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos ciganos. Gente ociosa e de poucos escrúpulos, ganharam eles aqui reputação bem-merecida dos mais refinados velhacos: ninguém que tivesse juízo se metia com eles em negócio, porque tinha certeza de levar carolo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se fala, deixaram-na da outra banda do oceano; para cá só trouxeram maus hábitos, esperteza e velhacaria, e se não, o nosso Leonardo pode dizer alguma coisa a respeito (Almeida, 2002, p. 24).

Manuel Antônio de Almeida, médico, jornalista, tradutor e escritor brasileiro que viveu durante o século XIX, escreveu *Memórias de um Sargento de Milícias* apresentando características da escola literária realista. O protagonista é Leonardo, filho de um filho de português, que após ser abandonado pelos pais na infância, cresceu sob a proteção do seu padrinho. Nesta obra, a visão do povo cigano é apresentada sob a ótica do misticismo e da sensualidade. Nela uma cigana, aliada do protagonista em suas ações, é representada como misteriosa, libidinosa e que não se prende a relacionamentos por presar a sua liberdade.

*Tocaia Grande*, obra de Jorge Amado também apresenta uma visão do escritor sobre as características do interior da Bahia no final do século XIX, auge do ciclo do cacau:

O que então se dizia e repetia na costa e no sertão, todos sabem: cigano é outra nação, duvidosa. [...] não se mistura com sergipano ou turco, português ou curiboca, com outra grei seja qual for. Quem já compareceu a casamento de cigano com gente do país? Está por acontecer. Nação à parte, casta de bruxos e gatunos, os ciganos vivem de enganos e embustes, de trapaças (Amado, 2008, p. 85).

Jorge Amado escreveu a obra corroborando a visão generalista de Almeida, ao passo que, mesmo depois de 130 anos da escrita de *Memórias de um Sargento de Milícias*, a escrita e propagação de preconceitos se repete. Amado reiterou a desconfiança e escárnio para com a população cigana, tratando-os como pessoas duvidosas, propensas a atos libidinosos e ilícitudes.

A aversão ao ser cigano se torna evidente tanto na citação da obra de Almeida, quanto na obra de Jorge Amado. É perceptível que as duas escritas enfatizam estereótipos proferidos de forma recorrente ao povo cigano em todo território brasileiro. A análise que aqui se apresenta tem como objetivo a compreensão de como se constroem e se perpetuam práticas e discursos segregacionistas contra os povos ciganos. E tendo em vista a importância das obras literárias na construção do imaginário social, compreende-se que analisar tais visões generalistas, problematizando em quais ações, discursos e visões de mundo estão ancorados, corrobora para a desconstrução de tais práticas discriminatórias.

## **2.4 O anticiganismo em Ouricuri e suas implicações**

A sociedade brasileira se caracteriza por uma grande variedade étnica e cultural, devido aos inúmeros grupos, dentre eles europeus, africanos e ciganos que participaram do processo de conquista e colonização. No contexto do colonialismo, o grupo colonizador estabeleceu um processo de dominação e exploração dos sujeitos, a partir de uma visão etnocêntrica segundo a qual o branco europeu era considerado superior. A partir desta premissa, os demais grupos passaram à condição de subalternos. Nesse contexto, gradativamente se construíram relações permeadas

pela ideia de inferioridade e superioridade, gerando severas implicações através de preconceitos e discriminações para aqueles que se encontravam à margem.

Desde a segunda metade do século XVI, quando os ciganos começaram a marcar sua presença no Brasil, eles foram afetados pela dinâmica do colonialismo e pelas políticas de colonialidade vigentes, sendo vistos como um estorvo na Europa e sujeitos ao degredo como método para purificar o território do continente.

Refletindo as atitudes da Europa, no Brasil colonial estas percepções preconceituosas foram ecoadas e deram origem a formas de discriminação incrustadas na tecitura social da época. Assim, os não ciganos forjaram visões estereotipadas, muitas das quais ancoradas em mitologias e contos de natureza religiosa, servindo de alicerce para o isolamento social dos ciganos devido à singularidade de seus hábitos e códigos de crença.

Nessas circunstâncias, foi construída uma gama de características depreciativas entrelaçadas à identidade cigana, pintando-os como intrinsecamente inclinados a condutas criminosas - um rótulo tachado de permanente e transmitido por herança. Tendo em vista tais premissas, perpetuou-se a narrativa errônea de que um cigano estaria predestinado a portar certos traços de caráter e, nessa direção, adotar comportamentos marginais. Sobre o assunto destaca o professor ucraniano Nicolae Valeriu:

O preconceito contra ciganos vai muito além dos estereótipos racistas que os associam a traços e comportamentos negativos. A desumanização é o seu ponto central. Os ciganos são vistos como menos que os humanos; sendo menos que humanos, são percebidos como seres que não tem direito moral de gozar de direitos humanos iguais aos do resto da população (Nicolae, 2016, p.79).

Ciganos, assim como portugueses e africanos, adentraram no território brasileiro, aproximadamente no século XVI. As políticas de degredo direcionavam os grupos de pessoas ciganas ao litoral, local dos primeiros momentos de colonização. O primeiro cigano direcionado ao território pernambucano data de 1599, informação encontrada no Livro de Denúncias de Pernambuco (MELO, 2008, p. 49). Pernambuco sempre apresentou uma postura hostil e, por um longo período, foram propagadas políticas para a expulsão dos povos ciganos, direcionando-os à capitania do Ceará e à ilha de Fernando de Noronha.

Ao longo da história, os ciganos, conhecidos por seu estilo de vida nômade, encontraram no Brasil um território de vasta extensão para se deslocarem e manterem suas tradições. Com o passar dos anos, especialmente notável a partir do século XVIII, houve um movimento de expansão da pecuária no país, que impulsionou a ocupação de áreas mais remotas, como o sertão nordestino. Esse movimento econômico e social acabou por facilitar a inserção dos ciganos nessas novas regiões, onde puderam continuar com suas práticas culturais e econômicas.

No entanto, foi na década de 1970 que uma mudança significativa começou a ocorrer dentro da comunidade cigana. Muitas famílias começaram a adotar um estilo de vida mais sedentário. Esse processo de sedentarização foi motivado por diversos fatores, entre eles as dificuldades inerentes ao nomadismo. As intempéries, como secas severas e chuvas torrenciais, afetavam diretamente a vida nômade, tornando-a cada vez mais desafiadora.

Essa transição do nomadismo para um estilo de vida sedentário não ocorreu de maneira uniforme ou fácil. As famílias ciganas tiveram que se adaptar a uma nova realidade, muitas vezes enfrentando preconceitos e tendo que negociar sua identidade cultural em meio a uma sociedade que as via com desconfiança. Apesar desses desafios, a comunidade cigana contribuiu de maneira significativa para a diversidade cultural do Brasil, enriquecendo o patrimônio cultural do país com suas tradições únicas de música, dança e artesanato.

A sedentarização das famílias ciganas também trouxe novas oportunidades e desafios para as gerações mais jovens. A possibilidade de acesso à educação formal e aos serviços de saúde melhorou as condições de vida de muitos, mas também exigiu uma adaptação dos valores e práticas tradicionais à realidade do mundo não cigano.

O processo de sedentarização das famílias ciganas no Brasil é um exemplo da dinâmica constante entre tradição e modernidade, para a preservação da sua identidade cultural.

No que se refere à sociedade ouricuriense, apesar da convivência de décadas com a comunidade Calon, ainda persistem relações conflituosas. Os estereótipos criados pela população não-cigana de Ouricuri-PE ao longo da história geram implicações prejudiciais para a comunidade Calon. Grande parte dos relatos dos ciganos da comunidade destaca as dificuldades enfrentadas para obter oportunidades

de emprego e acesso a serviços públicos. A fala da Cigana Maria Júlia expõe o início da relação conflituosa com a população Ouricuriense:

Um prefeito daqui nos expulsou, quando nós morávamos debaixo de pau. Agora não me lembro, eu era criança pequena, não me lembro qual foi o prefeito. Eu sei que foi um dos Coelhos. Quando nós... Eu ficava, nós ficava debaixo dos paus, no pé da pista. Eu pensava que não o camburão da polícia chegava. Sai embora, vão embora, vão embora. A vez nós nem comíamos. Ele fazia derramar os feijões das panelas. Botar em cima dos animais e ir embora. Querem ir tudo preso? Querem ir tudo preso ou vão embora? (Lacerda, Entrevista, nov. 2023).

Não obstante as estratégias de segregação impostas em outras regiões do Brasil, a população cigana ouricuriense teve que enfrentar o olhar assombrado de uma população que os enxergava como intrusos ou como ameaça à ordem social. De acordo com o excerto acima, é importante observar a fala da *Calin* Lurdes:

Assim que nós chegamos aqui sim, bastante. Eu mesma, quando a gente veio morar aqui nesse setor COHAB em 2002, a gente foi muito discriminado. Ninguém aqui nem queria saber, não queriam nem alugar uma casa. Não queriam nem alugar uma casa nós por saber que a gente era cigano. De muito tempo, você quer preconceito é falar que é cigano, o preconceito ver na hora (Da Silva, Entrevista, set. 2023).

Corroborando com a citação acima, é importante observar a fala de Mikael Andrade da Silva:

Para trabalhar aqui em Ouricuri a gente não trabalha. Em supermercado a gente não trabalha, já por causa disso aí, discriminação dos ciganos. Tem uns ciganos aqui que tem o estudo terminado, aí vai procurar emprego e não dão porque é cigano. Poque se for perguntar para a gente se é cigano, a gente vai dizer que sim. Se hoje não sabe amanhã vai saber se é cigano e não vamos negar (Silva, Entrevista, set. 2023).

Após a transição para uma vida não-nômade, e tendo fixado residência nos centros urbanos, a comunidade cigana Calon continuou enfrentando severas barreiras oriundas do preconceito e da discriminação direcionados ao grupo. A história marcada por inconstâncias e migrações frequentes, muitas vezes provocadas pela falta de suporte para que se estabelecessem nas cidades, promoveu um cenário de desconfiança, o que representou um grande obstáculo para o pleno acesso e garantia dos direitos desse povo. Nesta perspectiva, convém observar o depoimento da Calin Maria Júlia Lacerda:

Tô com 10 anos aqui dentro. Meu marido roda 10 anos caçando emprego e não acha. Quando diz, é cigano. Não, já encheu, já encheu a vaga. Já completou, já completou. Bota currículo. Não, não tem não. Nem liga pra dizer que completou e nem nada. Joga pra lá. Como não existe (Lacerda, Entrevista, nov. 2023).

É relevante notar que a permanência da comunidade cigana em Ouricuri depende do auxílio de figuras políticas influentes. Entre elas destaca-se Francisco Ramos da Silva, apelidado de Biu Ramos, que ocupou a prefeitura de Ouricuri de 2001 a 2004. Durante sua gestão, o suporte à fixação dos ciganos foi motivado pelo interesse em angariar votos de um grupo emergente de eleitores face à rigorosa competitividade eleitoral na região. Posteriormente, de 2009 a 2012, e novamente desde 2017, a liderança do município ficou com Francisco Ricardo Soares Ramos, filho de Biu, cuja vitória eleitoral contou com a decisiva influência do voto Calon. Contudo, a falha em atender certas promessas nos últimos anos tem acarretado descontentamento entre os ciganos quanto às autoridades políticas de Ouricuri. Nesse panorama, torna-se vital considerar o depoimento de Maria Liduína dos Santos, uma cigana que vive em Ouricuri desde a década de 2000.

Aqui nós não temos ninguém por nós. Nós só vemos a “cara” do prefeito aqui no dia das eleições. Só vê um vereador aqui no dia das eleições. Se existe direitos humano, que existe, mas para cigano parece que não... Aqui em Ouricuri não existe não, não tem aqui não, não estamos julgando não, não estamos julgando ninguém, as coisas verem o que acontece não pode estar com preconceito, nem xingando ninguém, mas a verdade tem que ser ouvida e declarada (Sá, Entrevista, nov. 2023).

Confirmando as palavras de Maria Liduína dos Santos, sua irmã Maria Julia oferece mais explicações sobre o tema:

É. Aqui o prefeito só sabe que não existe no dia que vamos votar. Aí vem nas casas. Inventando que vai dar meio mundo de coisa. Vai fazer uma vila para os ciganos, que nunca fez. Sentimos preconceito até em uma fila de um banco, uma coisa para tirar de bolsa família. O que é que os ciganos fazem? Ciganos só dá para falar alto. Ciganos só dá para fazer filho (Lacerda, Entrevista, nov. 2023).

Outro elemento que se faz presente no discurso dos Calen de Ouricuri é a falta de assistência dos representantes políticos, sempre realizando comparações com outros municípios, como Souza, na Paraíba, e os municípios vizinhos de Santa

Cruz e Ipubi. A insatisfação em relação à ausência de políticas públicas está presente no discurso de todos os entrevistados e pode ser explicitada na fala de Lurdes:

Aqui a gente não tem um meio assim, que a família cigana tem uma pessoa assim para chegar e fazer aquilo ali por ele. Quer dizer, nós aqui em Ouricuri não tem, mas em outros cantos do Brasil tem. Porque eu tenho uma família minha em Goiás e eu passei 15 dias lá e lá eles têm. A cultura cigana lá, eles têm um rapaz que tem e faz para os ciganos. Tem o dia dos ciganos, eles comemoram é festa é tudo. Sousa é o mesmo jeito tem que é a mesma família é uma família só. Sousa, tudo aqui é família. E aqui a gente fica meio estranho porque tudo que acontece no meio dos ciganos, não tem uma pessoa que dê uma palavra, que chegue que fale alguma coisa sobre os ciganos, porque eu sei o que o povo pensa, o que o povo fala (Da Silva, Entrevista, set. 2023).

A fala de Liduína entra em acordo com o depoimento de Lurdes que explana a seguir:

Eu não tenho... Eu não tenho rabo de palha para esconder. Prefeito, governo e presidente, nem de ninguém. Eu vou dizer que nós temos um vereador que chega para nós aqui... Vocês estão precisando disso? E você não tem que eu não ajeite isso para vocês? Não tem. Se ele chegar com o papel aqui do exame para o vereador... Não, não posso porque não tenho condições. E o que ele está ganhando nas nossas custas? Está no nosso bolso? Não, está no bolso dele. É isso aí que a gente se revolta. Aqui o tempo... Eu não minto, não. Eu não vou... Elegemos o vereador, esse aqui também votou e a família. Deu as costas para nós quando foi nos quatro anos, quando ele chegou, eu falei sai daqui ladrão, safado, some daqui... (Sá, Entrevista, nov. 2023).

Lurdes discorre sobre situações nas quais ocorrem práticas anticiganistas em espaços públicos no seu cotidiano:

Se você vai para a fila de um banco qualquer um de nós, homem, mulher, idosa, qualquer nós, se tá em uma fila esperando a sua vez chegar, atrás de você aqui já tem um falando a cigano ou o cigano tomou a frente. Mesmo que você chegou primeiro ali, mas eles estão discriminando você porque tá ali na frente aí fica um cochichado para traz um falando da vida da nossa vida da gente. É a cigana não sei o que, fica aquele converseiro que você fica em tempo de fazer alguma coisa, mas ao mesmo você se segura, né? Para não fazer besteira. Mas assim, a gente já levou muito quebra cabeça, com o povo que não é cigano, discriminação, às vezes a gente tá num canto e chega e já corre, não quer saber. Tá numa festa e ter cigano, já é uma discriminação. É assim, a discriminação dos ciganos nunca deixou de existir (Da Silva, Entrevista, set. 2023).

O desejo da população Calon de erradicar visões distorcidas a seu respeito é um passo importante na busca por mais oportunidades de integração social. A invisibilidade a que muitas vezes são submetidos esses grupos é uma barreira que impede o reconhecimento e a valorização de suas identidades e culturas. É essencial

que haja um esforço coletivo para superar estereótipos e preconceitos, fomentando um ambiente de respeito mútuo e compreensão. Nesse contexto, se torna importante observar mais uma vez as palavras da Calin Liduína:

Para não existir mais esse tipo de coisa, as pessoas se criarem vendo a verdade e tendo respeito ao próximo porque todo mundo é ser humano, não importa o grupo que foi dividido, isso nós não temos culpa, ninguém cigano não tem culpa de ser um grupo dividido e diferenciado. A maioria antigamente quando não tinha o que comer fazia roubar para poder sobreviver para não morrer (Sá, Entrevista, nov. 2023).

Portanto, compreende-se que a exclusão desta comunidade se manifesta de acordo com a conveniência. Visíveis, como demanda viável ao benefício de determinados grupos políticos, e invisíveis, como sujeitos de direito. Ao se observar essa emblemática relação social, entende-se sobretudo que este grupo não pode ser tratado como invisível. O povo cigano é visível e útil em períodos convenientes aos interesses públicos. Deste modo, é urgente que as políticas públicas, a partir de ações mais eficientes, passem a reconhecer (não apenas em períodos específicos) estes grupos como cidadãos com acesso a serviços públicos da mesma forma que o restante da população. Desta maneira, a educação pública se apresenta como importante instrumento para ressignificar estas trajetórias. O combate a práticas anticiganistas é urgente e imprescindível, a fim de contribuir para a real inserção deste grupo na sociedade.

Nesta conjuntura, compreende-se que o preconceito arraigado contra as pessoas ciganas abrange tudo que está ligado à sua forma de vida. A desumanização é perceptível ao observar a fragilidade destas populações, sobretudo pela ausência de políticas públicas. A desumanização dos povos Romani é, neste sentido, mais uma forma de perpetuação da invisibilidade destes grupos.

As movimentações acerca das políticas públicas que beneficiem a etnia ciganas vem surgindo no Brasil a passos lentos. No ano de 2022 foi colocada em pauta a criação do estatuto dos povos ciganos, o Projeto de Lei 1387/22<sup>23</sup>, que através

---

<sup>23</sup> O Projeto de Lei do Senado n. 248, de 2015, mais conhecido como Estatuto do Cigano, determina ser dever do Estado e da sociedade garantir a igualdade de oportunidades, reconhecendo a todo cidadão brasileiro, independentemente da etnia ou da cor da pele, o direito à participação na comunidade, em suas diversas atividades, preservando sua dignidade e seus valores religiosos e culturais. A proposta dispõe sobre educação, cultura, saúde, acesso à terra, moradia, trabalho e ações

de lideranças como o deputado Paulo Pain, aguarda a votação na Câmara dos Deputados. O estatuto procura possibilitar o acesso a direitos fundamentais que garantam as mínimas condições de sobrevivência às diversas etnias espalhadas por todo país. Para os ciganos, a aprovação deste Projeto de Lei significa a possibilidade do direito aos direitos.

O anticiganismo também se manifesta nas grandes esferas de poder. Atualmente, o governo federal determinou a criação de uma pasta intitulada Ministério da Igualdade Racial, cujo objetivo é promover ações que visem à equidade para os diferentes grupos étnicos presentes no Brasil. No entanto, a liderança da pasta designada aos povos Romani no Brasil, na Secretaria de Políticas Quilombolas, Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana, Povos de Terreiros e Ciganos, está sendo ocupada por uma pessoa não cigana, a pesquisadora Edilma Nascimento de Souza. Deste modo, torna-se imprescindível observar que os povos ciganos não precisam de intermediários, mas sim de ocupar os espaços para atender às suas demandas, pois ao colocar pessoas de etnias distintas à frente de uma causa específica, acaba por se estabelecer uma dinâmica de subalternização em um espaço que deveria, pelo menos teoricamente, promover a equidade. O olhar de uma pessoa cigana sobre suas necessidades e desejos é relevante para os demais, em contraste com as perspectivas culturais que nem sempre condizem com as demandas da referida etnia.

Espera-se que, através de pautas como o Estatuto Cigano, políticas públicas mais efetivas alcancem os povos ciganos de todo o país e atendam às suas reais necessidades, respeitando suas particularidades culturais e corroborando para o reconhecimento destes como sujeitos de direitos.

---

afirmativas em favor dos povos ciganos. Suas disposições preliminares elencam os objetivos de combate à discriminação e à intolerância; trazem breves definições sobre quem são os ciganos, desigualdade racial, políticas públicas e ações afirmativas; impõem ao Estado o dever de garantir igualdade de oportunidades e de defender a dignidade e os valores religiosos e culturais dos ciganos, prioritariamente mediante políticas públicas de desenvolvimento econômico e social, ações afirmativas e combate à discriminação. O projeto busca também reconhecer, proteger e estimular o acesso à terra, à moradia e ao trabalho. Além disso, cria o dever de coletar periodicamente informações demográficas sobre os povos ciganos para subsidiar a elaboração de políticas públicas em seu favor (Agência Senado, 2022. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/120952> . Acesso em: 26 jun. 2024).

### **3 -CARACTERÍSTICAS GERAIS DO ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS FINAIS EM OURICURI**

#### **3.1- No Currículo Pernambuco há lugar para os ciganos?**

Este capítulo busca delinear como se desenvolve o Ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental na rede pública de Ouricuri. Através da análise de documentos orientadores, materiais didáticos e da produção historiográfica referente ao município procuramos entender a abordagem adotada no ensino de História dentro das atividades escolares.

A cidade de Ouricuri-PE possui 67 escolas entre públicas e privadas, deste número 55 escolas compõem a rede municipal pública de ensino, 6 escolas são da rede estadual e 6 da rede privada. De acordo com o catálogo de escolas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP)<sup>24</sup>, destas instituições, 48 escolas ofertam a Educação Infantil, 52 o Ensino Fundamental anos iniciais e 40 Ensino Fundamental anos finais; 5 escolas oferecem o Ensino Médio, 2 escolas de ensino integral e uma instituição privada. Além destas instituições, a cidade de Ouricuri possui uma unidade do Instituto Federal, o IF Sertão, que oferta formação no Ensino Médio Técnico. Deste total, 40 escolas se encontram na zona rural, enquanto 27 se encontram na sede do município.

O documento utilizado por toda a rede de ensino é o Currículo Pernambuco. Ancorado na BNCC e organizado a partir do ano de 2018, ele intenciona oportunizar, de forma flexível, além das temáticas comuns ao território nacional, também uma abordagem às temáticas regionais, adaptadas às particularidades que se estabelecem do litoral ao sertão do Estado. De acordo com o Currículo Pernambuco:

O currículo que se seguirá será pensado levando em consideração essas variadas abordagens, sem desconsiderar os entendimentos diversos, procurando deixar margem de flexibilidade para que os municípios e demais sistemas de ensino possam imprimir as características que julgarem necessárias quando este documento chegar ao chão da sala de aula (2018, p. 515).

Em sua parte introdutória, o documento aborda em ordem cronológica as diferentes perspectivas teórico-metodológicas que se desenvolveram no decorrer do

---

<sup>24</sup> Catálogo de Escolas INEP, disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/inep-data/catalogo-de-escolas>. Acesso 14/02/2024.

tempo. Passeando desde o positivismo à Escola dos Anales, o documento tende a considerar a história vista de baixo, como aquela mais adequada à correção de desigualdades, uma vez que é nesse sentido que o ensino de História passa a ser pensado como promotor das diferenças, problematizador de identidades cristalizadas e direcionado à promoção da cidadania, da pluralidade e da democratização dos modos de vida. Entretanto, no que se refere ao ensino de História, este pouco problematiza as particularidades étnicas presentes em todo território pernambucano (Currículo Pernambuco, 2018, p 514).

Em suas discussões, o documento apresenta 7 pontos estabelecidos como competências a serem desenvolvidas pela disciplina de História nos anos que formam o Ensino Fundamental. Nesta conjuntura, é importante analisar as referidas competências:

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais (Currículo Pernambuco, 2018, p. 521/522).

As competências discorrem sobre os elementos básicos a serem desenvolvidos a fim de que os educandos consigam apreender de forma mais significativa os conhecimentos históricos apresentados no decorrer do Ensino Fundamental. Desta maneira percebe-se que a estrutura curricular oferece, em sua base teórica, mecanismos para que os educadores abordem, dentre diferentes pautas, uma análise mais profunda acerca do círculo social o qual o educando está inserido. Essas

competências estão interligadas às habilidades e aos objetos do conhecimento, que completam toda estrutura curricular do documento base do estado de Pernambuco.

A estrutura do Currículo Pernambuco encontra-se dividida em: unidades temáticas, objetos do conhecimento e habilidades. As unidades temáticas se caracterizam como o coletivo de temáticas abordadas por bimestre. Cabe ao objeto do conhecimento descrever e sugerir a sequência de conteúdos abordados. As habilidades se referem ao que se deseja que seja desenvolvido com os educandos no que concerne aos conhecimentos históricos.

No que se refere aos anos finais do Ensino Fundamental, o Currículo Pernambuco, mesmo apresentando uma estrutura semelhante, aponta inúmeras críticas à BNCC pelo seu caráter eurocêntrico e etnocêntrico e por sua perspectiva tradicionalista dos aspectos cronológicos e temporais. Todavia, a proposta do Currículo Pernambuco incide em uma adequação das prerrogativas da BNCC, aos ensejos da educação pernambucana. De acordo com o que foi analisado no Currículo Pernambuco:

Nesse sentido, mesmo não podendo fugir inteiramente da ordem cronológica estabelecida pela BNCC, pois é ela que organiza as habilidades requeridas e, portanto, o desenvolvimento das competências gerais, optamos por privilegiar uma abordagem diversa dos temas postos por esse arranjo no intuito de minimizar os prejuízos e poder construir um currículo de História para os anos finais que privilegie a diversidade, que acolha a diferença, as particularidades e singularidades inerentes à história do Estado, da região e do país, assim como de todos os seus povos e etnias formadoras (2018, p.520).

Contudo, a citação acima se torna contraditória ao passo que o fator diversidade não é contemplado, uma vez que comunidades étnicas, como por exemplo os ciganos, não são mencionadas nem sequer para o direcionamento de estudo em todos os eixos que compõem as temáticas do 6º ao 9º ano. A maneira como Currículo Pernambuco norteia as atividades escolares, aponta uma perspectiva muito abrangente. E diante das dificuldades, como carga horária reduzida<sup>25</sup> e formações pedagógicas escassas e generalistas, o estudo de pautas antirracistas finda por ganhar um caráter reduzido e extremamente superficial.

Deste modo, é imprescindível se considerar que a ausência de sugestões no currículo pode incentivar a dificuldade em se problematizar a história e cultura dos

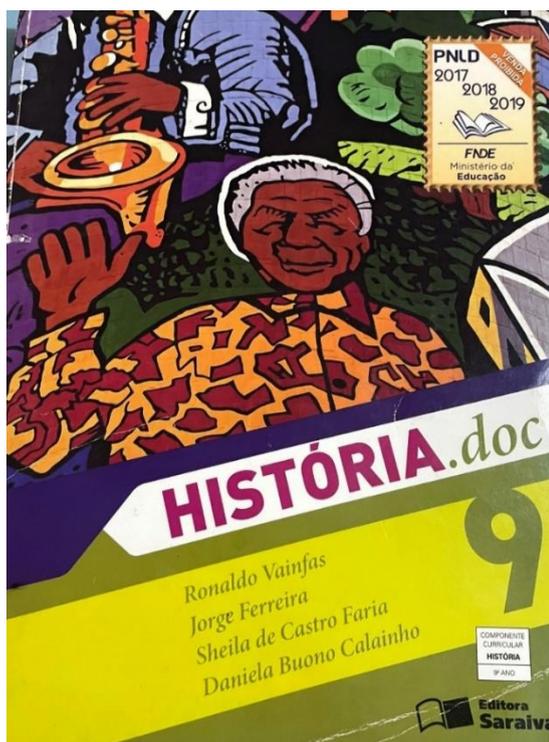
---

<sup>25</sup> Para o ensino de História na modalidade de ensino regular, são ofertadas duas aulas semanais, correspondendo a uma carga horária de 80 aulas durante todo ao ano letivo.

povos ciganos na cidade de Ouricuri, como também demais etnias como povos originários, ribeirinhos, e a diversidade de gênero, desconsiderando completamente pautas significativas.

### 3.2 – “Ninguém nos conta, só quem nos conta é Deus”. Ausência do povo cigano nos materiais didáticos em Ouricuri

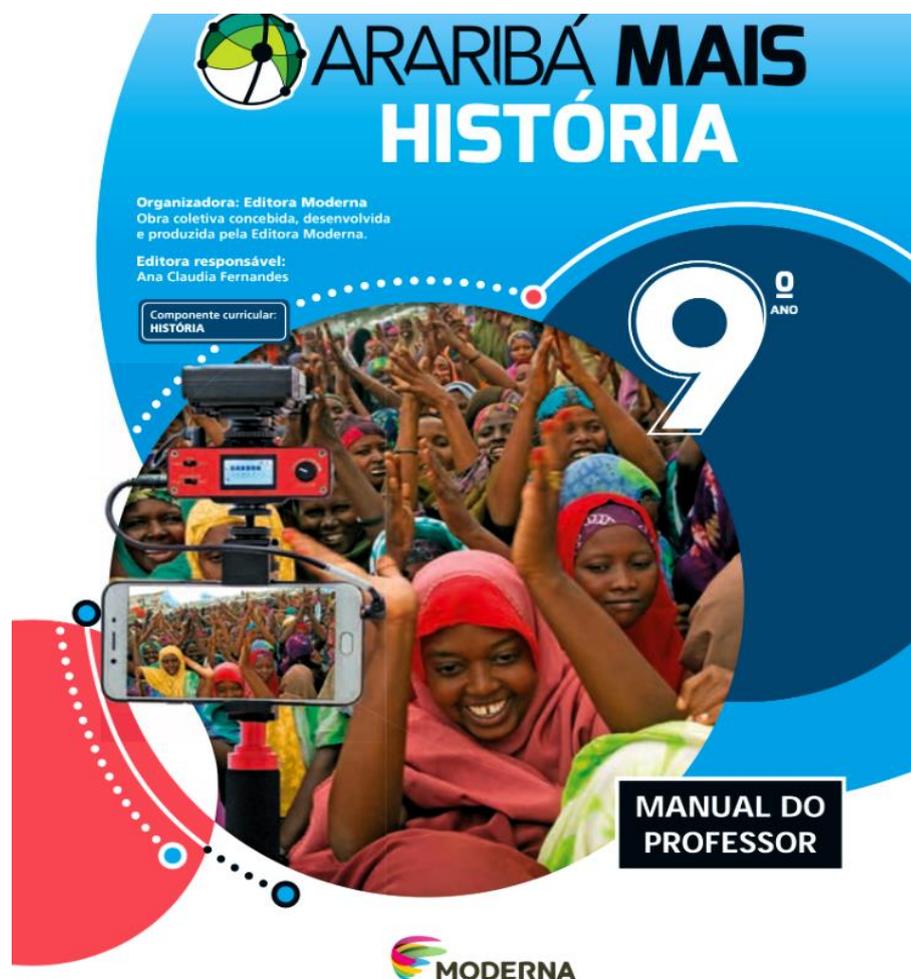
Um outro fator crucial para o ensino de História no município, encontra-se nos materiais didáticos utilizados na rede. A principal fonte de pesquisa para professores e alunos são os livros didáticos. O primeiro livro didático o qual tive contato no município foi o *História. Doc* da editora Saraiva. Neste exemplar, há apenas uma citação referente ao holocausto e perseguição aos ciganos na Segunda Guerra Mundial, no exemplar do 9º ano, na página 99, em texto de apoio denominado *Cá entre nós*. O livro foi utilizado entre os anos de 2017 e 2019.



**Figura 5-** Imagem da capa do livro História. Doc - PNLD 2016  
Fonte: Acervo da autora 2024.

O material didático utilizado no ensino de História a partir do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD de 2020, corresponde à obra *Araribá Mais História*. Uma pesquisa textual realizada nos exemplares do 6º ao 9º ano, apresentou 4 menções à

palavra cigano nas páginas 85 e 92. De maneira semelhante ao PNLD 2017, as menções também foram realizadas no capítulo referente à Segunda Guerra Mundial, onde, em poucas linhas, foi relatada a presença e o extermínio do povo cigano nos campos de concentração nazista.



**Figura 6-** Imagem da capa do livro Projeto Araribá Mais História PNLD 2020

Fonte: Acervo da Autora 2024.

No que se refere ao PNLD 2024, a obra escolhida é intitulada *História, Sociedade & Cidadania*, de Alfredo Boulos. Foi constatado, após pesquisa textual, que a palavra 'cigano' não aparece em nenhum momento do material ofertado aos alunos.



**Figura 7-** Imagem da capa do livro História Sociedade e Cidadania PNLD 2024  
Fonte: Acervo da autora, 2024.

Desta maneira, torna-se perceptível a invisibilidade dos povos Romani no material didático para o ensino de história em uma cidade que apresenta a segunda maior comunidade cigana do Estado de Pernambuco. Isso indica que a presença e representatividade dos povos Romani não é adequadamente abordada nos materiais educacionais, apesar da presença expressiva do povo Calon no município.

Por outro lado, é importante trazer um exemplo de uma ação positiva desenvolvida na cidade de Petrolina, pela comunidade Cigana em parceria com a Secretaria de Educação do Município. De acordo com a pesquisa realizada pelo professor e pesquisador da UFPE, do grupo de pesquisa NEPE, Francisco de Assis afirma que:

Em Petrolina uma das mais velhas do grupo cigano visitado frequentava a escola de um dos netos mensalmente a convite da gestão da escola para realizar palestras com as turmas sobre a cultura cigana. Demonstrando um diálogo não conflituoso entre ciganos e não-ciganos, pelo menos nessa situação (Assis, 2019, s.p.).

Todavia, na perspectiva do ensino de História presente do município de Ouricuri ainda prevalece a visão eurocêntrica e positivista na qual se elegem indivíduos considerados significativos para a história local. Na maioria das escolas da Educação Básica, o processo de ensino-aprendizagem procede-se a partir de uma perspectiva heteronormativa e cristã, considerando e enaltecendo as lideranças políticas e pseudo-heróis. Raramente, comunidades étnicas como negros, indígenas e principalmente ciganos são mencionados ou trabalhados nas atividades escolares.

É importante considerar que um dos entraves envolvidos nesta problemática é na restrita produção historiográfica desenvolvida no município. Poucas obras foram produzidas sobre a cidade e restritos exemplares que reverberam a visão eurocêntrica da História. Como exemplo podemos citar o livro: *Ouricuri, Minha Terra Nossa História*, do escritor e historiador Giarlam Agra (2018). A obra passeia por um amplo recorte Histórico, que abarca o início da colonização brasileira até os dias atuais. Baseada em fontes escritas, (jornais, revista, processo, decretos) a obra procura eleger diferentes sujeitos históricos dos diferentes períodos da História do município. Contudo, grande parte do enredo descrito nesta obra privilegia a história política, das elites locais, dos heróis (Voluntários da Pátria), questões religiosas, obras públicas, fundação de clubes e da Ordem Maçônica, reforçando o caráter segregador da visão histórica comum a esta cidade.

O livro, neste sentido, acaba por reafirmar a “história única” do município, destacando episódios de heroísmo que evidenciam pessoas tidas como ilustres. De acordo com a escritora nigeriana Chimamanda Adichie A história única cria estereótipos, e o problema não é que sejam mentiras, mas são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história (2019, p 26).

A história única de Ouricuri concentra-se, sobretudo, na narrativa do grupo de homens que se voluntariaram para a Guerra do Paraguai. Independente de terem se alistado por escolha própria ou não. A cidade ganhou o epíteto de Terra dos Voluntários da Pátria. Praças e estabelecimentos comerciais adotaram nomes que homenageiam o presumido heroísmo dos moradores dessa área. Ao observarmos essa enorme valorização de um grupo de heróis nacionais num contexto específico, percebemos, também, o esquecimento daqueles nos bastidores e nas margens da sociedade dentro do relato histórico do município.

Outra questão a ser problematizada se encontra na falta de interesse em se conhecer novas pautas que demandam uma educação étnico-racial. No final de 2023 ocorreu, na cidade de Gravatá, o III Seminário de Cultura e Planejamento para Educação para Povos Ciganos. O evento foi realizado entre os dias 18 e 20 de dezembro, pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, através da Gerência Estadual de Educação do Campo (GEPEC), em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Etnicidade da Universidade Federal de Pernambuco (NEPE/UFPE). O objetivo do evento foi promover diálogos que possibilitassem a elaboração de novas estratégias de ensino voltadas à população cigana, que ofertassem maior significância aos educandos ciganos e não ciganos em diferentes áreas do conhecimento. Foram convidados para o evento lideranças da educação, deputados estaduais e federais, senadores, lideranças políticas e, sobretudo, representantes de organizações, grupos de lideranças ciganas como o Instituto Cigano do Brasil (ICB).

Um momento importante no evento ocorreu quando foram levantados questionamentos em relação às pautas defendidas pela comunidade cigana do Estado. Mesmo sem a participação dos políticos do Estado, que não compareceram às discussões, o seminário se desenvolveu com a participação de lideranças de comunidades ciganas das etnias Calon e Rom, como também a presença de professores de universidades como Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Universidade de Pernambuco (UPE) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Entretanto, muitas das discussões apresentadas correspondiam ainda a projeções futuras, sem perspectiva imediata de aplicação.

É de fundamental relevância ressaltar a ausência de representantes da Gerência Regional do Araripe, Regional a qual pertence o município de Ouricuri-PE, como também demais membros da Secretaria Municipal de Educação, levando em consideração que o município possui a segunda maior comunidade cigana do Estado, o que vem a corroborar com a percepção da ausência de interesse em relação às temáticas que demandem a uma educação pautada em uma valorização a trajetória dos povos ciganos. Como respaldo para essa afirmação, uso a minha experiência pessoal de professora do Programa de Educação do Campo entre os anos de 2018 e 2020. Neste período, participei de diferentes formações do programa, em que as

informações eram enviadas com tempo hábil. O Estado de Pernambuco oferece como suporte para essas formações ajuda de custo, hospedagem e alimentação. Todos aqueles interessados em momentos de formação como estes são remunerados para participar dos eventos. Em contrapartida, outros seminários e reuniões de temáticas distintas sempre contaram com a participação de representantes da cidade de Ouricuri. Deste modo, a impressão que se tem é de que temáticas relacionadas aos povos ciganos não são consideradas relevantes para alguns educadores da Regional.

O III Seminário de planejamento e cultura para Educação escolar de povos ciganos foi finalizado com a formulação de novas estratégias para os próximos anos, visando uma maior inclusão de temas relacionados à história e cultura dos povos ciganos na Educação Básica do Estado.



**Figura 8** - Conferência realizada no II Planejamento de Cultura e Planejamento para Educação para Povos Ciganos, Glória do Goitá. Fonte: Acervo da autora, 2019.



**Figura 9** - Conferência realizada no II Planejamento de Cultura e Planejamento para Educação para Povos Ciganos, Glória do Goitá. Fonte: Acervo da autora, 2019.



**Figura 10** - Apresentação cultural no III Seminário de Cultura e Planejamento para Povos Ciganos, Gravatá –PE, dezembro de 2023. Fonte: Acervo da autora 2019.



**Figura 11** - Participação no III Seminário de Cultura e Planejamento Para Educação para Povos Ciganos – 2023. Fonte -Arquivo pessoal, 2023.



**Figura 12** - Participação no III Seminário de Cultura e Planejamento Para Educação para Povos Ciganos – 2023. Fonte -Arquivo pessoal, 2023.

A análise da prática pedagógica em uma escola com a presença cigana é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa e para compreender de forma mais intrínseca as problemáticas envolvidas neste contexto. As falas dos profissionais da Educação do município são determinantes para que a análise entre teoria e prática possibilite uma visão mais profunda neste trabalho.

Foi considerado como campo para esse estudo a Escola Anísio Coelho, localizada no bairro São Braz, que atende alunos dos bairros Cohab e São Braz. A escola oferta turmas de Ensino Fundamental dos anos iniciais e finais na modalidade de ensino regular. Neste momento há 10 alunos da etnia Calon matriculados na instituição.

Neste contexto se faz importante observar as considerações de Orlange Silva acerca de práticas pedagógicas relacionadas a uma educação antirracista. No momento, Orlange Silva ocupa a função de coordenadora pedagógica na escola Anísio Coelho:

Para ser sincera, assim, já foi inserida no ensino de História cultura africana e indígena, mas eu acho que ainda não tem essa política voltada para essa etnia não. A gente valoriza, como professor dentro da sala de aula, procura tirar essa questão do preconceito e tudo e faz essa conscientização, mas específico, um trabalho específico ainda tá muito vago (Silva, Entrevista, dez. 2023).

O depoimento acima entra em concordância com a fala da gestora Maria do Socorro, também atuante na Escola Anísio Coelho. Socorro, que possui graduação em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia, com habilitação para Educação Especial e está há 24 anos na educação, enfatiza que:

Os professores em si já fazem esse trabalho de conscientização, direitos iguais a todos. Mas realmente essa questão voltada para eles mesmo, não tem, né? E na verdade eu tô sabendo agora que Ouricuri é a segunda maior comunidade cigana de Pernambuco (Silva, Entrevista, dez. 2023).

Outro ponto relevante a ser problematizado encontra-se na ausência de interesse de determinados gestores escolares, em especial da rede municipal, em informar a presença da população cigana em suas instituições. Escolas do bairro Nossa Senhora de Fátima foram anteriormente consultadas, mas ao negar dados, inviabilizaram a pesquisa naquela instituição. Como exposto no depoimento acima, a região apresentava significativamente a existência de alunos ciganos. Todavia, a Secretaria de Educação do município não possui nenhum mecanismo de coleta de dados no que se refere ao povo cigano. Mesmo que os profissionais da educação tenham conhecimento do pertencimento étnico do aluno, nenhum levantamento é feito. Deste modo, a quantidade de alunos ciganos no município não é contabilizada.

De acordo com a gestora Maria do Socorro, a escola apresentava rejeição devido à presença de alunos da etnia cigana:

E antes assim, muitas mães da escola procuravam matricular as crianças aqui, pessoas que não são dessa raça cigana. Muitas diziam, aí eu não quero aí quando chegava perguntava: tem cigano? Aí se a gente dizia que tinha eles não queriam colocar na escola para que eles, não se misturar com os ciganos porque segundo elas, eles eram encenqueiros. E a gente foi tirando isso da cabeça deles (Silva, Entrevista, dez. 2023).

Deste modo, a Escola Anísio Coelho, por ofertar o acolhimento e interesse para com a pesquisa, se tornou a principal área para o seu desenvolvimento. O que podemos inferir com esta análise é que, em consequência da invisibilização e dos resquícios do anticiganismo latente nesta cidade, esta pesquisa não se apresentaria como viável ao passo que poderia gerar uma demanda “desagradável” ou desnecessária aos olhos daqueles que conduzem as referidas instituições.

Portanto, compreende-se que a Educação Básica na cidade de Ouricuri, principalmente no que se refere ao ensino de História, urge por uma reestruturação e por promoção de estratégias que culminem em uma efetiva educação antirracista, principalmente no que tange à presença cigana. É muito comum se observar em

formações pedagógicas e nas redes sociais de alguns educadores, manifestações a partir de falas emocionadas, como uma educação libertadora é de suma importância para a sociedade atual. Todavia, tais falas acaloradas embasadas em uma perspectiva freiriana pouco repercutem no chão da escola. O que se estabelece na realidade é uma ampla ausência de propostas que se efetivem nas instituições de ensino.

Neste contexto, evidencia-se a relevância do trabalho desenvolvido pela Escola Anísio Coelho no que concerne ao acolhimento de estudantes da etnia Calon. Apesar dos desafios enfrentados, as práticas de acolhimento institucional demonstram ser cruciais para a construção de um ambiente escolar inclusivo. Embora a instituição enfrente limitações estruturais e pedagógicas que dificultem a oferta de uma educação integralmente voltada para a diversidade, os esforços contínuos para erradicar práticas discriminatórias inspiram esperança quanto ao futuro desta instituição. A Escola Anísio Coelho no momento, em suas turmas de Ensino Fundamental dos anos iniciais e finais, apresenta aproximadamente 10 alunos da etnia Calon, sendo que a relação com os profissionais da educação é marcada por avanços importantes.

Atualmente, percebem-se lacunas na realização de debates que enfoquem práticas interculturais e promovam o igualitário compartilhamento de experiências. Portanto, é fundamental que as secretarias e gerências ofereçam ocasiões e recursos que expandam as oportunidades aos educadores para implementarem uma educação antirracista, destacando a importância dos ciganos na formação histórica, econômica e cultural do país, e aumentando o acolhimento dos estudantes da etnia Calon. O exemplo desta instituição deve inspirar as demais entidades da cidade que enfrentam uma demanda semelhante.

No desenrolar desta pesquisa, os discursos proferidos pelo povo Calon de Ouricuri sempre se referiam à cidade de Sousa, Paraíba, como exemplo de políticas públicas e ações afirmativas em prol do povo cigano. Neste município encontra-se a maior comunidade cigana com moradia fixa da América Latina, aproximadamente 2500 indivíduos da etnia. Um fato importante a ser apontado na cidade de Sousa é a existência de uma escola específica para a comunidade cigana. A escola Irmã Maria Iraídes Holanda Lavor trabalha em favor da valorização da cultura cigana Calon, onde são ministradas aulas sobre a língua mãe, a Chibe, danças e outros aspectos da

cultura cigana. Ademais, a instituição também conta com a presença de professores ciganos, o que demonstra um grande reconhecimento e valorização desta cultura.

Um outro exemplo positivo que gera esperança no reconhecimento das tradições ciganas ocorre na cidade de Porto Seguro, Bahia. Aprovada pela lei municipal 1.930/23, foi instituída a inclusão do cargo de Professor Cigano na rede pública municipal de ensino. Conforme noticiado no site Radar News (2023)<sup>26</sup>, essa carreira será composta por profissionais que possuem conhecimentos específicos e fluência na língua materna da comunidade, integrando-se ao quadro educacional étnico-racial de Porto Seguro. A formação seguirá diretrizes legais, assegurando que os educadores estejam preparados para atender às demandas educacionais da comunidade cigana, promovendo uma educação inclusiva e que respeite as tradições e culturas locais.

Um exemplo imprescindível foi a criação da primeira escola voltada para a comunidade cigana em Pernambuco, localizada no município de Altinho. Esta atuará como uma extensão da Escola Professora Maria do Socorro Rodrigues da Silva e, inicialmente, atenderá adultos ciganos através da modalidade EJA. Conforme informado no site da Prefeitura do Altinho (2024)<sup>27</sup>, a gestão municipal busca expandir continuamente a oferta educativa para os povos ciganos. Esta ação integra as metas da política educacional do município, visando garantir que todos tenham acesso ao ensino, pois investir em educação é fundamental para proporcionar uma qualidade de vida melhor aos cidadãos.

Em 2024, a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco iniciou sua programação focada em *Educação para as Relações Étnico-Raciais*, destacando a inclusão dos povos ciganos. Tal medida alimenta a esperança de expandir os debates sobre esse tema. Através de formações para docentes nas diversas regionais, abrangendo desde professores do litoral até o sertão, espera-se que essa ação contribua para promover práticas de ensino mais humanistas e democráticas, valorizando as diversas identidades e diferenças presentes na sociedade.

---

<sup>26</sup>Disponível em :[Porto Seguro terá professores ciganos no quadro do magistério público - Radar News](#) Acesso 26/05/2024.

<sup>27</sup>Disponível em: <https://altinho.pe.gov.br/v1/governo-municipal-inaugura-a-primeira-escola-dos-povos-ciganos/> Acesso 27/5/2024.

### 3.3 A docência numa sociedade marcada pela presença Calon

A docência no Brasil enfrenta inúmeros desafios que atravessam todos os níveis e modalidades de ensino. Atuar num contexto caracterizado por diversas particularidades étnico-raciais representa uma grande barreira nos dias de hoje. Contrastando com o que se discute nacionalmente, as dificuldades se refletem na cidade de Ouricuri-PE, onde iniciativas educacionais voltadas à valorização da diversidade ainda estão afastadas do cotidiano escolar.

Diante de tais dificuldades, é natural que surjam questionamentos sobre quem seria responsável pelas lacunas referentes à problematização das pautas relacionadas à educação étnico-racial. Neste contexto, pretendo analisar a situação de professores diretamente envolvidos nessa temática. Deste modo, analisei os depoimentos de quatro professores dos anos finais do Ensino Fundamental e de três gestores educacionais da cidade de Ouricuri, buscando entender as nuances que compõem este enredo.

A fim de compreender as características do ensino de História na rede municipal de Ouricuri-PE, foram entrevistados professores da Escola Anísio Coelho, da Escola José Coriolano, da Escola Dom Idílio e da Escola Altina Maria de Almeida. O objetivo de propor entrevistas com diferentes escolas é analisar os posicionamentos acerca das estratégias didáticas relacionadas a uma educação antirracista. Os professores que ocupam cargos de gestão e que se disponibilizaram a realizar a pesquisa estão localizados na Escola Anísio Coelho e na Escola Altina Maria de Almeida. A metodologia para a realização da pesquisa se estabeleceu através de entrevistas semiestruturadas, realizadas de forma presencial ou através de mídias como o *Google Meet*. Após a gravação das respostas, as entrevistas foram transcritas para análise e construção desta escrita.

As perguntas destinadas aos docentes foram as seguintes:

1º Tendo em vista a existência de uma comunidade cigana da etnia Calon (Kalon) em Ouricuri, como você analisa a relação deste público com a escola?

2º Como você observa a questão identitária? Os alunos em sua maioria falam abertamente sobre suas etnias?

3º Você já observou algum tipo de preconceito contra as pessoas ciganas, seja na comunidade de modo geral ou na comunidade escolar? Se sim, cite um exemplo.

4º Como professor (a) da Educação Básica em Ouricuri, discorra um pouco acerca da sua convivência com a comunidade cigana.

5º Dentro do que se estabelece na LDB, no Currículo Pernambuco e demais diretrizes para a Educação Básica, é possível afirmar que na sua comunidade escolar há propostas de ensino voltadas a uma pedagogia intercultural, ou seja, estratégias de ensino que valorizem e respeitem as diversas etnias e culturas existentes na comunidade?

6º Você considera as políticas de ensino presentes no município como eficazes à integração/ socialização dos alunos ciganos na Educação Básica de Ouricuri?

7º Você considera importante a introdução do ensino de história e cultura dos povos ciganos, como também a vivência de datas comemorativas aos povos nas unidades de ensino do município?

Quando direcionados à primeira pergunta: Tendo em vista a existência de uma comunidade cigana da etnia Calon em Ouricuri, como você analisa a relação deste público com a escola? Os professores Arley Anderson Alves e Orlange Alice da Silva apresentaram as seguintes considerações:

A relação do público cigano com a escola é cordial e tranquila. Devido à equipe gestora (diretora e secretário) serem do bairro, eles conhecem bastante os pais, o que facilita estabelecer uma boa relação com a comunidade (Silva, Entrevista, ago. 2023).

Confirmando a fala de Arley Anderson Alves, temos o depoimento de Orlange Alice da Silva:

Minha experiência com eles aqui é somente aqui, porque eu não resido no bairro. Eu não tenho muito contato fora daqui com eles e não estou há muito tempo na escola, mas assim, as relações deles com as demais pessoas da escola, com outros funcionários, com os outros alunos é muito tranquila, muito amigável. A gente não tem problemas, hoje nós podemos dizer que eles não têm problemas de relacionamento com outros alunos, né, no sentido de socializar com os outros, ou outros discriminá-los é uma convivência bem amigável. Participam bem dos projetos da escola, são muito envolvidos nos projetos da escola. Eles que falam: eu quero participar disso, me coloca. Eles sempre são muito solícitos nos processos de participação da escola (Silva, Entrevista, dez. 2023).

Analisando as respostas para a primeira pergunta, é possível se observar que os alunos da etnia Calon, apresentam relações cordiais com os respectivos profissionais da Educação Básica.

A segunda pergunta indaga em relação à percepção das questões identitárias. Quando inqueridos a refletir sobre o seguinte questionamento: Como você observa a

questão identitária? Os alunos, em sua maioria, falam abertamente sobre suas etnias? Arley Anderson Alves e Maria do Socorro teceram as seguintes considerações:

Os alunos ciganos não falam abertamente sobre sua etnia. Devido os muitos estereótipos e preconceitos construídos em torno dos ciganos pela população geral, eles evitam se identificar. Mas quando, por alguma ocasião são inqueridos, não negam sua origem (Silva, Entrevista, ago. 2023).

Já a gestora Maria do Socorro esboçou que:

Eles são abertos, eles não se escondem. Eles não têm vergonha de dizer quem são. Ao contrário, eles querem que as pessoas saibam quem eles são, até assim, como eu posso dizer, pela questão desse autoritarismo: eu sou cigano, eu tenho que ser respeitado. Tá entendendo? Eles não têm vergonha não de se mostrar (Silva, Entrevista, dez. 2023).

Em contrapartida se faz interessante analisar o depoimento de Manuel Carneiro de Andrade, tendo em vista a sua experiência em uma escola que está localizada no bairro de predominância da comunidade cigana. Manuel explanou que “A identidade deles permanece muitas vezes ocultas ainda com medo das retaliações sofridas pelos seus ancestrais (Manuel Carneiro, 2023).

Neste contexto podemos observar que as respostas para a segunda pergunta apontam um certo receio dos alunos ciganos em revelar a sua identidade étnica, o que passa a ser compreendido pelos professores como estratégia para se manter distante de situações de preconceito e desconfiança em relação aos demais colegas. Entretanto, o receio diminui quando os alunos percebem não haver desconforto em relação as suas origens.

Quando confrontados com a terceira pergunta: “você já observou algum tipo de preconceito contra pessoas ciganas, seja na comunidade de modo geral ou na comunidade escolar? Se sim, cite um exemplo”, Manoel Carneiro de Andrade fez um importante depoimento, revelando que sim, muito pelos seus colegas de sala e por alguns profissionais que, onde tem muito na comunidade, são como pessoas vistas como aqueles que apenas subtraem, são mal interpretados com esse mal sem conhecimento. Outra importante consideração sobre a temática encontra-se na fala do professor Arley Anderson Alves:

Uma vez, em meio a uma briga entre adolescentes por causa de conversas levantadas uma contra a outra sobre paqueras e outros assuntos corriqueiros desta fase, uma delas veio chorando à secretaria dizendo que estava com medo pois os avós da menina eram ciganos. Reforçando a presença do estereótipo que são um povo "violento" e pouco cordial (Silva, Entrevista, ago. 2023).

A quarta pergunta sugere uma reflexão acerca da convivência entre discente da etnia Calon e docentes. “Como professor (a) da Educação Básica em Ouricuri, discorra um pouco acerca da sua convivência com a comunidade”. A professora Rute Rita Coelho explicou que:

Moro aqui há sete anos, sou de outra cidade e tenho pouca experiência em relação à comunidade cigana, quando atuava em outra escola, tive estudantes da comunidade cigana. Porém, eles não revelam muito sua identidade e percebia também que havia receio e invisibilidade por parte de toda comunidade. (Entrevista, dez. 2023)

As terceira e quarta perguntas apresentam respostas unânimes e que se entrelaçam. No que se refere aos preconceitos e estereótipos sofridos pelas comunidades ciganas, todos os docentes relataram situações de preconceito dentro ou fora do ambiente escolar, o que incide na estigmatização que pode culminar na negação da identidade como instrumento de proteção.

A quinta pergunta explana acerca das leis que embasam a perspectiva de uma educação antirracista e como estas se manifestam nas diferentes instituições de ensino. Leis como a LDB 9394/96, a Lei 10.639/03 e a Lei 11 645/08, apresentam, em suas ideias, uma educação democrática e que valorize a diversidade. A pergunta direcionada aos docentes foi: “dentro do que se estabelece na LDB, no Currículo Pernambuco e demais diretrizes para a Educação Básica, é possível afirmar que na sua comunidade escolar há propostas de ensino voltadas a uma pedagogia intercultural, ou seja, estratégias de ensino que valorizem e respeitem as diversas etnias e culturas existentes na comunidade?” Neste contexto é importante considerar o depoimento da Professora Rute Rita Coelho que explicou:

Se existe, desconheço e não há nenhuma proposta ou projeto de ensino a pessoas ciganas. Temos políticas de valorização à diversidade cultural, igualdade e equidade e o respeito às diferenças conforme as propostas pedagógicas, materiais didáticos, formações, planejamentos e discussões abordados, porém não há nenhuma evidência ou ênfase a cultura ou historização da comunidade cigana. (Entrevista, dez 2023)

O depoimento de Arley Anderson Alves confirmou a fala da professora Rita Rute, quando diz que:

Não é perceptível no currículo ou na prática das aulas uma pedagogia intercultural que contemple a etnia cigana. A questão do povo negro e indígena ainda é abordada em datas comemorativas. Todavia, o povo cigano

segue com pouca ou nenhuma visibilidade no currículo e ministração das aulas. (Coelho, Entrevista, ago 2023)

Alinhado aos pensamentos de Arley Anderson Alves e Rute Coelho, a fala de Orlange esboçou que “já foi inserida no ensino de história cultura africana e indígena, mas eu acho que ainda não tem essa política voltada para essa etnia não” (Orlange Alice Silva, 2023).

Contudo, os docentes da rede de ensino de Ouricuri, através das suas respostas, enfatizam que mesmo diante de formações continuadas e estudos direcionados à temática, na prática aquilo que é debatido em reuniões pouco ou nada se aplica no cotidiano das escolas. Desta maneira, compreende-se que no que tange ao suporte epistemológico, à pauta antirracista, ou a pedagogia intercultural ainda ocorrem de forma extremamente sucinta e ineficaz.

As respostas conferidas à questão 6, ressaltam a cordialidade das relações com os alunos ciganos. Nesse contexto eles são vistos como alunos comuns, uma vez que seus “problemas” são semelhantes àqueles que não pertencem à etnia. Podemos observar essa afirmação no discurso de Arley Anderson que, segundo a sua observação no cotidiano das atividades escolares, percebe que os alunos têm bom relacionamento com os demais alunos e professores, creio que principalmente pelos docentes lecionarem na comunidade escolar há muito tempo, tendo conhecimento da realidade dos alunos (Arley Anderson, 2023).

Ainda refletindo sobre o tema, a professora Rute enfatizou que se houvesse uma política presente, haveria a permanência de estudantes ciganos, como também um conhecimento sobre a cultura/história, a inserção e valorização deles na sociedade. Neste contexto também é importante considerar as falas de Maria de Socorro (Entrevista, dez. 2023) sobre o trabalho desenvolvido pelos professores da escola Anísio Coelho:

Os professores em si já fazem esse trabalho de conscientização, direitos iguais a todos. Mas realmente essa questão voltada para eles mesmo, não tem, né? E na verdade eu tô sabendo agora que Ouricuri é a segunda maior comunidade cigana de Pernambuco.

A fala de Maria de Orlange entra em concordância com a de Maria do Socorro:

Aqui os professores eles fazem todo um trabalho. E eles aqui com os funcionários da escola, eles são respeitosos. Mas também porque a gente

trata com igualdade: A gente não faz assim: eita aquele menino ali é cigano a gente vai tratar, com um olhar com uma forma diferente, não é justamente quebrando este preconceito. Deixando claro que é cidadão como qualquer outra pessoa, que tem os mesmos direitos e os mesmos deveres que os outros. A gente passa para eles muito essa conscientização de que eles têm direitos, assim como você tem deveres (Silva, Entrevista, dez. 2023).

Deste modo fica evidente as deficiências nas políticas que promovam ações interculturais com a comunidade cigana. A ideia defendida é a de que, como não se conhece a origem e trajetória dos povos ciganos, e como também inexistente suporte teórico por parte das instituições responsáveis, isto acaba por dificultar a diminuição de estereótipos, como também um conhecimento mais profundo em relação à etnia.

A sétima questão apresenta a seguinte indagação: “você considera importante a introdução do ensino de história e cultura dos povos ciganos, como também a vivência de datas comemorativas aos povos nas unidades de ensino do município?”

Para a professora Sileide Ferreira Costa, a inclusão de temáticas que valorizem a diversidade é imprescindível para o ensino de História na atualidade, uma vez que:

A introdução do ensino da história e cultura dos povos ciganos é considerada importante para promover a compreensão, respeito e valorização da diversidade cultural. Incluir o estudo da história e cultura dos ciganos no currículo escolar contribui para combater estereótipos, reduzir preconceitos e criar um ambiente educacional mais inclusivo. Além disso, a vivência de datas comemorativas relacionadas aos povos ciganos nas unidades de ensino pode ser uma estratégia eficaz para sensibilizar os estudantes sobre a riqueza da diversidade étnica e cultural. Celebrar essas datas proporciona oportunidades para promover a inclusão, destacar contribuições culturais e históricas, e fortalecer o respeito mútuo entre os alunos, como também contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, tolerantes e respeitosos da diversidade presente na sociedade. (Entrevista, dez. 2023)

Dentro desta perspectiva, a professora Rute Coelho enfatiza que:

Com certeza, quando estudamos a cultura de um povo, aprendemos a reconhecer e a respeitar as diferentes manifestações que constroem a identidade de um povo, reconhecemos que não há preponderância; nem melhor, nem pior, existem pessoas que dividem mesmo espaço com aspectos de identidade particulares. Precisa-se conhecer e implantar, pois da imagem da pessoa cigana aqui na cidade é vista negativamente, falo isso pelos relatos de experiência na comunidade. (Entrevista dez. 2023)

Corroborando com as falas de Rute Coelho e Sileide Ferreira Costa, temos os depoimentos de Maria de Orlange e Arley Anderson:

Assim como há datas comemorativas que permitem e impulsionam a reflexão sobre negros e indígenas na contemporaneidade, é preciso inserir uma data para os povos ciganos. Uma vez estabelecido este marco temporal,

ciclicamente poderemos realizar estudos e projetos de reconhecimento e valorização da cultura cigana (Silva, Entrevista, ago. 2023).

Maria de Orlange (2023) reforçou que:

Eu acho importante ser inserido no contexto da educação todas as etnias que fazem parte da história porque é uma oportunidade de todo mundo conhecer. Eu acredito que tenha que se mostrar, não romantizar muito, mas mostrar o que foi, são décadas atrás, mas aconteceu, faz parte da história, ajudou a compor a geração atual, eu acho importantíssimo.

Portanto, se torna perceptível que todos os professores consideraram de extrema relevância a implantação de estratégias de ensino que visem a institucionalização do ensino de história e cultura cigana para a rede de ensino local. Tendo em vista a expressiva presença Calon no município, a inserção desta temática pode vir a contribuir para a real inserção, e sobretudo o reconhecimento e respeito ao seu modo de vida, possibilitando a visibilidade destes indivíduos para a sociedade.

É preciso valorizar os corpos esquecidos e subalternizados no decorrer da história. É necessário que se promova um resgate de grupos esquecidos ou inferiorizados, como ciganos, indígenas e afrodescendentes. Por muito tempo, a história oficial negligenciou as contribuições e vivências desses grupos, perpetuando um entendimento limitado e distorcido do passado.

Resgatar e dar voz aos grupos marginalizados na história não apenas enriquece nosso conhecimento, mas também nos ajuda a construir uma sociedade mais justa e empática no presente. A história que valoriza a pluralidade de vozes e experiências é fundamental para promover a igualdade e a valorização da diversidade em todas as esferas da vida social e cultural. A partir da análise dos depoimentos dos docentes, percebe-se que a cidade de Ouricuri, procura, em seus momentos de estudo, oportunizar debates acerca de uma educação antirracista. Contudo, não é perceptível a problematização acerca da história e cultura dos povos ciganos.

Compreende-se, portanto, que apesar das existências, estudos, debates e formações, e por mais que as relações interpessoais aconteçam de forma cordial, percebe-se a ausência do acolhimento cultural e epistêmico à comunidade Calon. A falta de estrutura epistêmica acerca da trajetória deste grupo, acaba por tornar as instituições de educação formal pouco atrativas para a comunidade cigana. O aluno está presente fisicamente, mas não se insere na produção de conhecimento nem trabalhado como sujeito histórico.

## **4 “A ESCOLA DO JEITO QUE ELA É, ELA NÃO NOS CABE”. O POVO CALON NA ESCOLA JURON**

### **4.1 “(...) a pessoa que não sabe ler e escrever é cega, ela não enxerga”: percepções do Povo Calon sobre a educação escolar**

A educação formal, como opção às crianças ciganas na cidade de Ouricuri, enfrenta a realidade de conflitos, derivados das implicações inerentes a qualquer sociedade multiétnica. Compreendendo que os debates acerca de uma educação antirracista se estabeleceram recentemente no contexto educacional brasileiro, é preciso compreender, que a falta de suporte didático, principalmente no que se refere à formação pedagógica, ainda incide de forma significativa para as múltiplas relações presentes no ambiente escolar. Neste sentido, se faz importante refletir a partir da fala de Rói Rogeres Fernandes Filho, cigano da etnia Calón e tradição circense. Jornalista, multiartista, e mestre em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade (PPGEISU/IHAC-UFBA):

O que eu penso, não é que as crianças e nós precisamos de reconhecer ou lutar por isso ou aquilo outro, fora das nossas comunidades. O que eu acho é que isso precisa ser feito de maneira inversa, sabe!? As escolas precisam se preparar, as escolas precisam de instrumentos pedagógicos para nos acolher como nós somos! Sem nos apagar, sem discriminar aquilo que levamos de conhecimento e de saberes próprios, esses que nos são passados muito pela via da oralidade. Mas a escola não está preparada para receber esses alunos, que são muito mais orais, do que de escrever! Esse aluno que chega, trazendo costumes e formas de ser completamente diferentes, essa escola não delineada para um acolhimento humanizado e respeito! Deixa eu te dizer, a escola do jeito que é, ela não... ela não nos cabe, a gente não quer esse tipo de escola. E é por isso que muitos ciganos não querem continuar estudando. Mas não é porque não gostam de estudar, é que, ao que parece, não nos querem plenamente presentes como somos (Fernandes Filho, Entrevista, ago. 2023).

A entrevista de Roi Rogers expõe uma grande problemática que também atinge o contexto educacional da cidade de Ouricuri. Mesmo que em suas normativas e currículos descreva a intenção em se problematizar temáticas acerca de uma educação antirracista, tais práticas ainda se estabelecem de forma ineficaz, uma vez que a formação adequada e até mesmo a sensibilização necessária a professores e demais profissionais da educação, não correspondem à realidade desejada a uma sociedade multiétnica. As instituições de educação formal, ainda não recebem a estrutura necessária para tal fim, o que incide em práticas pedagógicas que não

reconhecem a diversidade étnica e sobretudo não consideram a história e cultura ciganas como elegíveis ao seu estudo e valorização. Deste modo, tais instituições acabam se distanciando da realidade e das necessidades do povo cigano, ficando cada vez mais menos atrativas e conseqüentemente, mesmo que não ocorra em caráter proposital, indiferentes de práticas inclusivas e interculturais. Cabe à escola promover estratégias que invertam a situação a fim de que possa se considerar a educação formal como uma opção viável, que a escola possa considerar e compartilhar os saberes do povo cigano em iguais condições às demais pautas que se desenvolvem no seu cotidiano.



**Figura 13-** Jornalista e multiartista cigano Rói Rogeres Fernandes Filho  
Fonte: Créditos Bárbara Karine, 2022.



**Figura 14** - Jornalista e multiartista cigano Rói Rogeres Fernandes Filho  
Fonte: Créditos Bárbara Karine, 2022.

A cultura Cigana possui práticas educativas intrinsecamente ligadas à sua rica tradição cultural. Portanto, entender a perspectiva deste grupo sobre a educação escolar é essencial para desenvolver estratégias que promovam um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor para essa comunidade. Essa compreensão pode revelar aspectos importantes que incentivariam uma melhor integração e valorização das identidades ciganas no contexto educacional. Nesta perspectiva, as palavras do cigano José Salvador corroboram para a compreensão da comunidade a respeito da educação escolar:

Os mais velhos, o mais antigo não sabia de um “a”. Os mais jovens que tem uma chance melhor, porque antigamente a gente passava dois dias num canto acampado, três dias no outro, quinze dias no outro, um mês no outro. Quando achava uma pessoa boa que deixava a gente acampar, armar as barracas. Depois aí, os mais velhinhos morreram, mas sempre diziam: Oh gente, nós não podemos estudar, nós não pudemos ser alguém na vida, que a nossa sina era essa de andar pelo mundo, de tá ali tá acolá, encontrava pessoas boas, encontrava ruim, por conta e com razão que as vezes que os ruins que gostavam de aprontar passavam na frente, e os bons levava o que o não podia levar. Mas aceitando e falando: Eles não têm culpa! (Bonzana, Entrevista, jul. 2023).

O povo Calon do município de Ouricuri relata que um dos fatores atribuídos ao fim da itinerância se encontrava na possibilidade de suas crianças frequentarem instituições de ensino formal, como uma possibilidade de melhoria das condições de vida. Ainda segundo Salvador:

Aí quando a gente foi descobrir a escola, foi bom! A gente ficou sabendo coisa que a gente não sabia. Tá entendendo? A gente foi orientado por umas coisas que a gente também não sabia, nem para onde ia nem para onde vai e hoje nós já tá sabendo, tá entendendo? Hoje a gente já sabe mais um pouco (Bonzana, Entrevista, jul. 2023).

Um ponto importante sobre a fala de José Salvador, se encontra na lógica estabelecida pela comunidade de que o conhecimento escolar se manifesta a fim de somar com práticas tradicionais do povo cigano. A educação formal, ao alinhar-se com as ricas tradições desse povo, como dança, música o circo, possibilita que essas diferentes formas de se enxergar o mundo se entrelacem de maneira harmoniosa.

Neste contexto, compreende-se que a percepção da comunidade Calon de Ouricuri sobre a educação escolar se estabelece a partir de uma perspectiva de melhoria de condições, sejam elas socioeconômicas ou mesmo que possibilite novas condições de se enxergar o mundo.

A percepção da comunidade Calon de Ouricuri sobre a educação escolar surge como um espaço vital para a transformação de suas condições de vida. Para eles, a educação não é apenas um meio de adquirir conhecimento acadêmico, mas um caminho para a melhoria socioeconômica e uma janela para um mundo de novas possibilidades. Ainda de acordo com José Salvador: “Eu digo desse jeito aos mais jovens: façam o que nós não pudemos fazer. Porque é bonito a pessoa que sabe ler e escrever. Porque a pessoa que não sabe ler e escrever é cega, ela não enxerga” (José Salvador e Bonzana, 2023).

Para melhor compreender a percepção do povo Calon sobre a educação escolar, também se faz importante considerar as palavras de Genival Pereira da Silva, que quando questionado sobre a importância da educação escolar explicou: “Eu acho importante demais. Isso para mim é um prazer. O que eu quero é que eles estudem daqui para frente. Meu destino é que meus filhos, meus netos estudem. Tudo estudando para mim é um prazer” (Silva, Entrevista, nov. 2023). E neste sentido, corroborando com a discussão, a fala da *Calin* Lurdes se encaixa de forma precisa nesta análise ao refletir que: “O que a gente não teve quando a gente era mais novo,

a gente quer dar aos filhos hoje. Os que termina os estudos não está tendo emprego e os que não sabem nem um a o que na vida pra frente?” (Silva, Entrevista, set. 2023). Ao valorizar a educação escolar, a comunidade Calon sonha um futuro no qual seus membros possam ter maiores oportunidades de emprego e renda, o que pode levar a um aumento na qualidade de vida. Além disso, a educação é vista como uma opção a mais para o desenvolvimento pessoal e social, permitindo que os indivíduos possam compreender e interagir de forma mais efetiva com a sociedade ao seu redor.

Essa perspectiva faz com que a educação escolar seja mais do que uma simples obrigação; ela se torna uma esperança e uma estratégia com diferentes possibilidades para a construção de um futuro melhor. A visão da educação como um pilar essencial possibilita uma mudança significativa, a fim de contribuir para o fortalecimento da sua comunidade.

Contudo, é necessário atentar para as dificuldades que se apresentam à permanência deste grupo na rede de ensino. Um fato recorrente e que ainda enseja cuidados está ligado às práticas segregacionistas praticadas em relação a presença do povo cigano nas escolas de Ouricuri. A escola Anísio Coelho, como já citado anteriormente, desenvolve um trabalho contínuo de acolhimento à comunidade cigana. Entretanto é comum ainda que nos deparemos com práticas que acabam por gerar um certo constrangimento no que se refere à convivência com o público não cigano, principalmente no que tange à busca de oportunidades no mercado de trabalho. Sobre o assunto, mais uma vez as palavras de Lurdes Maria de Alves:

Então tem muito cigano formado, na nossa família tem muito cigano formado. Eu tenho um irmão que ele terminou os estudos todinho e ele não conseguiu trabalho em Ouricuri. Eu tenho neta que tá terminando os estudos, eu tenho filho que terminou os estudos, e não conseguiu nada. Meu filho tem 35 anos, terminou tudo e não conseguiu nada. Na minha família tem 3 pessoas formadas em técnico de enfermagem, enfermeira. Tem a irmã dele e mais 3 sobrinhas minha. Aqui em Ouricuri uma tá trabalhando, não sei por que, porque teve uma vereadora que conseguiu um emprego para ela, mas as outras ainda estão aí na batalha. E não encontra emprego (Silva, Entrevista, set. 2023).

Corroborando com a fala de Lurdes, é necessário se observar o apelo de Maria Liduína dos Santos no que corresponde à exclusão social que ainda está relacionada ao preconceito enraizado em relação ao povo cigano. Liduína enfatizou que

Não era mais para existir esse tipo de coisa. As pessoas se criarem vendo a verdade e tendo respeito ao próximo porque todo mundo é ser humano, não importa o grupo que foi dividido, isso nós não temos culpa. Ninguém que é cigano tem culpa (Sá, Entrevista, nov. 2023).

Esta situação expressa o reflexo da ausência de práticas que combatam o anticiganismo e que, conseqüentemente, ultrapassam as fronteiras das instituições de ensino. Como já discutido neste texto, na rede de ensino municipal, é perceptível a ausência de programas educativos que promovam a valorização da diversidade étnica e cultural e que, conseqüentemente, desafiem preconceitos que continuam a se perpetuar. Também é notória a grande deficiência em recursos, sejam materiais didáticos ou até mesmo formações docentes que possibilitem um conhecimento mais profundo para desconstruir essas visões negativas, acabam contribuindo para a perpetuação da discriminação. Constata-se que o problema ultrapassa os muros das escolas manifestando-se em todas as esferas sociais. Não obstante da realidade do cenário brasileiro, no mercado de trabalho formal de Ouricuri, a discriminação sistemática impede que muitos ciganos tenham acesso a empregos, reforçando a pobreza e exclusão.

Como possibilidade de enfrentamento a essa realidade, é relevante que se considerem as ações que promovam a inclusão e o respeito comunidade cigana. Programas de sensibilização, políticas públicas de inclusão e campanhas educativas são passos essenciais para começar a dismantelar as estruturas seculares de discriminação. Neste contexto, merecem destaque as palavras de Fernandes (Entrevista, ago. 2023):

Mas o que eu vejo como urgente, como isso é urgente, que essas pessoas que se interessam por essa temática, tragam de fato outras perspectivas especialmente, as perspectivas das instituições que deveriam oferecer ambientes oportunos para que, para que possamos acessar. Dessa escola física um ambiente em que nós é ... nos sentimos não só convidados, mas motivados a entrar nela. Ou seja, uma escola que possa promover a nossa cultura de maneira respeitosa, uma escola que possa constar é ... as nossas questões, não só no dia dos ciganos que é dia 24 de maio. Mas que possamos realmente estar presente como aliados e educadores junto dessas escolas. Fora do folclore né, uma escola que possa estar fazendo filmes acerca das nossas temáticas. Uma escola que de fato é, valoriza as nossas culturas, especialmente essa escola. Por ter essa oportunidade gigantesca como esta ... e o eu acho que precisa ser feito é ...é ... uma coisa de vocês para a gente. Não dá gente pra gente, sabe. Não sei se eu me faço entender. O que a gente questiona é, tem muitas crianças que não vão querer ir para a escola, porque a forma como ela está desenhada é excludente, ela é preconceituosa, ela não valoriza, ela discrimina, ela aponta as nossas diferenças. Então, não querem, sabe! Mudem o foco para o que não é feito é

... no sentido de aprimoramento, no sentido de conhecimento, no sentido de é ... reconhecimento, no sentido de visibilidade e visibilização né!? Nós precisamos de visibilização. Como é que a escola pode fazer isso? Provendo é ... conteúdo. A escola não precisa esperar que isso parta de uma legislação de Câmara Municipal estadual como lei para colocar no Plano Pedagógico da escola.

Diante do exposto, compreende-se que o processo de acolhimento ao aluno cigano transcende a mera presença de um professor não-cigano que se apropria de conteúdos e narrativas após uma pesquisa preliminar. Torna-se imperativo transformar a escola em um ambiente verdadeiramente acolhedor. Este acolhimento deve ir além da abordagem superficial das histórias e da cultura cigana. É necessário criar condições para que indivíduos da comunidade cigana sejam integrados de maneira autêntica e significativa na instituição escolar. Esse processo de inclusão deve ser amplificado pela presença não apenas de alunos ou ciganos, mas também de profissionais da comunidade cigana em diversos cargos dentro da instituição. Neste sentido, espera-se que os alunos possam se identificar em diferentes funções ocupadas por membros da sua comunidade, tais como professores, porteiros, secretários e cozinheiros. Isso contribuirá para que esses alunos reconheçam o espaço escolar como um ambiente que pode ser legitimamente ocupado pelos seus semelhantes. Ainda sobre o assunto, continua Roi Rogers:

Porque dentro de nós, a partir do momento que a gente tem espaços acolhedores, espaços que nos valorizam, espaços que nos coloque em protagonismo, espaços que a gente chega e reconheça um professor, reconheça o estagiário, reconheça alguém que trabalha na portaria, reconheça a merendeira, como hoje minha irmã trabalha como merendeira de uma escola pró-cigana né!? E sabe, que a gente comece realmente a fazer parte desse espaço, mas fazer parte com o convívio, como um povo que fala por si. Aí eu acho que pode provocar nas nossas crianças e jovens um motivo para que eles queiram continuar a acessar, permanecer, a concluir, ir para universidade (Fernandes, Entrevista, ago. 2023).

Desta forma, recomenda-se não somente a apresentação de propostas pedagógicas, mas também a efetiva inclusão da comunidade cigana nesses ambientes, de modo a promover a identificação dos discentes com o espaço em questão. O sentimento de pertencimento também se estabelece em relação aos indivíduos que ocupam esse espaço. Uma instituição de ensino que aborda a temática cigana, porém exclua os ciganos como agentes ativos, de certa forma, contribui para práticas excludentes. Devemos deslocar o foco das adversidades e da exclusão

historicamente atribuídas a esse grupo étnico e instaurar efetivamente uma política inclusiva que fomente a real integração da comunidade cigana à sociedade. Em se tratando de uma cultura a qual se valoriza densamente suas histórias, música e danças transmitidas através da oralidade, de geração em geração, a integração de práticas tradicionais com o conhecimento escolar possibilita oportunidades para a valorização e preservação de sua identidade cultural.

Portanto, evidencia-se que a promoção da inclusão dos alunos ciganos no contexto educacional, juntamente com a adaptação dos currículos para refletir e apreciar a riqueza da diversidade cultural, não somente enriquece o desenvolvimento individual, mas também desempenha um papel fundamental na edificação de uma sociedade mais equitativa e justa. A interação colaborativa entre a instituição escolar e a comunidade mostra-se como um ponto crucial não apenas para a entrega de uma educação de excelência, mas também para a criação de um ambiente intercultural que seja receptivo e imparcial, onde todas as formas de conhecimento sejam devidamente reconhecidas e valorizadas.

#### **4.2 Protagonismo *Calin* na Educação Básica de Ouricuri. Participação de mães ciganas no processo de ensino/aprendizagem**

A trajetória feminina na história sempre foi marcada por sequências de entraves em diferentes sociedades nos condicionando a um status subalterno em relação à figura masculina. Mesmo diante da luta do Movimento Feminista e toda evolução na garantia de direitos e novos espaços que foram ocupados, coube à mulher da sociedade ocidental, em diferentes momentos da História a função de zeladora das relações familiares, sendo a elas atribuída as responsabilidades na manutenção das atividades domésticas e o cuidado e a educação dos seus filhos. Neste sentido, a figura feminina está submetida a funções como afazeres domésticos, como também a responsabilidades direcionadas à educação formal. Cabia às mães a presença nas reuniões, festividades e situações excepcionais. A romantização da maternidade acabou por incumbir uma série de afazeres, sobretudo ligados ao universo doméstico que passaram a atribuir culturalmente às mulheres a responsabilidade de sua execução.

Silvia Federici, importante pensadora e defensora do movimento feminista, explana em sua obra *O Calibã e a Bruxa* (2017), que para a consolidação do capitalismo, houve uma reorganização na sociedade, a partir dos interesses do Estado Moderno e da burguesia emergente. Por conseguinte, se estruturou uma nova divisão pautada na diferença de gênero, entendida como divisão sexual do trabalho. Neste sentido, ocorreu uma ressignificação da sociedade patriarcal, onde ao gênero masculino foi reafirmada a função de provedor familiar, enquanto às mulheres deveriam ser relegadas as atividades do lar e o corpo feminino passou a ser compreendido como fornecedor de trabalhadores. Nesta conjectura, gradativamente, os papéis impostos às mulheres passaram a ser validados como naturais e instintivos, não sendo cabíveis de remuneração. Diante do excerto, convém se observar as afirmações de Federici:

Conforme defendi, a diferença de poder entre mulheres e homens, e o ocultamento do trabalho não remunerado das mulheres por trás do disfarce da inferioridade natural, permitiram ao capitalismo ampliar imensamente a parte não remunerada do dia de trabalho e usar o salário masculino para acumular trabalho feminino. Em muitos casos, serviram também para desviar o antagonismo de classe para um antagonismo entre homens e mulheres. Dessa forma, a acumulação primitiva foi, sobretudo, uma acumulação de diferenças, desigualdades, hierarquias e divisões que separaram os trabalhadores entre si e, inclusive, alienaram a eles mesmos (2017 p. 232).

Em face às considerações da autora, compreende-se que as tessituras que alicerçam a acumulação primitiva do capital, se constroem de forma a negligenciar e até mesmo invalidar o trabalho doméstico feminino. As mulheres, em suas diferentes lógicas étnicas, sociais e culturais, foram condicionadas a estes ofícios considerados de natureza feminina. A maternidade, a manutenção do lar e a edificação emocional e espiritual dos filhos são vinculadas à figura feminina, que deve ser pautada no amor e no sacrifício, sem o reconhecimento do seu peso e importância e sobretudo não-remunerado.

Mesmo a partir da expressiva inserção das mulheres no mercado de trabalho, e mesmo que em grande parte das situações a mulher passe a ser a principal responsável por prover sua família, as atividades “do lar”, ainda lhe são relegadas. Mesmo atendendo a uma jornada de trabalho formal de oito horas diárias, e que em muitos casos ainda receba uma remuneração inferior ao do público masculino, a

persistente cultura patriarcalista incube ao público feminino esse trabalho invisível<sup>28</sup>, que mesmo negligenciado é de vital importância para a manutenção da sociedade. Deste modo, entende-se que essa lógica como mais uma faceta do capitalismo, transformando o trabalho invisível como uma forma de acumulação de capital às custas do sacrifício de milhares de mulheres no decorrer dos séculos.

Dentro desta perspectiva feminista, emerge a problemática das mulheres Romá. De acordo com as ideias de Philippe Silva, Douglas Mezacasa e Cássia Alves – num artigo sobre a problemática do anticiganismo no sistema judicial brasileiro - “a condição de cigana, e especialmente de mulheres cigana, enfrenta barreiras que impõem limitações no exercício dos direitos básicos, como exercer sua cultura, trabalhar, circular em espaço etc.” (2020, p.353). Não obstante essa realidade, a mulher cigana apresenta na sua comunidade ainda a realização dessa importante função: o cuidado com o lar e com os filhos se expressa como de grande valia nas particularidades da cultura cigana. Nessa lógica, no que se refere ao papel feminino no acompanhamento das atividades dos filhos quando inseridos na educação formal, a mulher cigana, a *Calin* se apresenta como protagonista nas relações com a comunidade escolar.

Diante do exposto é importante frisar a trajetória de algumas mulheres ciganas que em suas lógicas socioculturais se destacam como protagonistas. Estas mulheres, vivendo dentro de uma comunidade rica em tradições e valores próprios, desafiam estereótipos e se destacam pela sua resiliência, sabedoria e determinação. Elas não apenas mantêm viva a herança cultural e ancestral do povo cigano, mas também lideram movimentos de empoderamento feminino e lutam por seus direitos em uma sociedade muitas vezes discriminatória. Sua contribuição para a desconstrução de preconceitos e para a valorização da diversidade é fundamental, inspirando não só suas próprias comunidades, mas também a sociedade em geral.

---

<sup>28</sup> Os trabalhos domésticos e de cuidado podem ser definidos como “trabalho invisível”, pois é um serviço que exige tempo e esforço, mas que não é reconhecido como um trabalho real e poucas vezes é remunerado. Essas tarefas estão atreladas aos afazeres domésticos: cozinhar, limpar, organizar, fazer compras, além dos atos de cuidado com outros indivíduos, como alimentar, brincar, ensinar, fazer companhia ou monitorar, levar para médicos, escolas, atividades sociais e muitas outras ( Vasconcelos, 2021, Disponível em: Trabalho do cuidado dos filhos é invisibilizado e sobrecarrega mulheres — Universidade Federal da Paraíba - UFPB Comitê de Políticas de Prevenção e Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres na UFPB- Acesso 22/03/2024).

Bronisława Wajs, poetisa cigana polonesa conhecida como Papusza, foi considerada a primeira poetisa cigana a registrar seus poemas de forma escrita. Papusza teve uma infância difícil e ficou órfã de pai aos 7 anos. Devido ao rigor das tradições de seu povo, que proibia a interação com a população não cigana, ela não teve a oportunidade de frequentar a escola. No entanto, cometia pequenos furtos para poder pagar a pessoas alfabetizadas para ensiná-la a ler e escrever. Aos poucos, desenvolveu o gosto pela leitura e passou a narrar em seus poemas as dificuldades de sua vida. Em 1949, foi descoberta por Ficowski, poeta polaco, que coletou, traduziu e publicou seus versos. Papusza foi punida por narrar elementos da vida cigana e considerada traidora por seu povo. Além disso, a poesia era proibida para as mulheres ciganas, sendo considerada uma 'imundice de gadjos'. No entanto, é interessante esclarecer que a repulsa do povo cigano em relação à divulgação dos escritos de Papusza se deu pelo fato do governo polonês utilizar as informações contidas nos escritos para elaborar estratégias de sedentarização forçada dos ciganos. Somente na década de 1980, Papusza passou a ser reconhecida como poetisa pelo governo polonês, tornando-se uma grande referência para escritores na atualidade.



**Figura 15.-** Poetisa Romani Bronisława Wajs/ Papusza

Fonte: <https://culture.pl/pl/tworca/papusza-bronislawa-wajs> - acesso 04/05/2024

Outro exemplo de protagonismo feminino dentro do povo Romani está na Cigana Portuguesa da etnia Calón, Maria Gil, também conhecida como Maria da Fronteira. Ela se denomina “da fronteira” por estar em dois mundos, um pé em cada fronteira. Maria é uma atriz e ativista cigana, sendo uma referência na promoção do movimento feminista das mulheres ciganas em Portugal. Maria rompeu com padrões estabelecidos em sua comunidade. Casou-se duas vezes, sendo a primeira vez com um homem não-cigano, é mãe de 4 filhos e divorciou-se duas vezes. Na atualidade, Maria vem lutando em favor dos direitos e da igualdade para pessoas ciganas em Portugal. Podemos ressaltar como exemplos de sua luta algumas ações da atriz, como a sua participação no projeto *A discriminação é falta de educação*, realizado no ano de 2016. Neste trabalho, o objetivo era se apresentar a partir das falas de sete indivíduos ciganos, com a finalidade de quebrar as visões negativas em relação à sua etnia. No ano de 2017, a artista foi protagonista de um levante na cidade do Porto, em Portugal, defendendo a ideia de "mulheres ciganas", que "existem e resistem". A partir de então, o movimento passou a ser a referência para a luta por igualdade e equidade para as mulheres ciganas em Portugal.



**Figura 16** - Atriz e ativista cigana portuguesa Maria Gil  
Fonte : Moniz, Gerador, 2023.

No contexto brasileiro, também podemos citar exemplos de mulheres ciganas que se destacam por seus excelentes trabalhos. Como exemplo, vale destacar o trabalho de Marcilania Alcântara<sup>29</sup>, cigana da etnia Calon, residente na cidade de Sousa- PB. Marcilania desenvolve um relevante trabalho na escola municipal Irmã Iraídes, que atende a criança ciganas. Junto ao seu marido, Marcilania desempenha um importante papel na manutenção da cultura Calon através de atividades desenvolvidas no ambiente escolar. Na escola, as crianças da etnia Calon aprendem desde a sua língua mãe, a dança, a história do seu povo e demais elementos pertinentes à sua cultura. Desta forma, o trabalho de Marcilania se destaca como imprescindível para a manutenção de um espaço escolar intercultural de democrático.



**Figura 17** - Professora cigana da etnia Calon Marcilania Alcântara

Fonte : [Coluna | Dança cigana: memória e | Brasil de Fato - Paraíba \(brasildefatopb.com.br\)](http://Coluna | Dança cigana: memória e | Brasil de Fato - Paraíba (brasildefatopb.com.br)) Acesso : 20/04/2024 às 14:29.

---

<sup>29</sup> Marcilania Alcântara (1986 – ) é cigana da etnia Calon e reside na cidade de Sousa-PB, onde exerce a função de professora. Em suas atividades docentes, obteve o reconhecimento da relevância de sua atuação a partir da conquista do prêmio Professores do Brasil (3 lugar como destaque na Paraíba). Além disso, é presidente do Dirachin Calin, grupo de dança atuante desde 2009, disseminando a arte e cultura cigana por distintos espaços. Atualmente, em paralelo às atividades de dança, desenvolve projeto de construção e socialização de contos, recuperando as memórias e tradições dos povos ciganos. Disponível em: [Coluna | Dança cigana: memória e | Brasil de Fato \(www.brasildefatopb.com.br\)](http://Coluna | Dança cigana: memória e | Brasil de Fato (www.brasildefatopb.com.br)) Acesso em: 20 abr. 2024.

Ainda explorando o contexto do protagonismo feminino cigano, não poderíamos deixar de problematizar as questões que circundam o universo das ciganas do município de Ouricuri. As *Calin* ouricurienses desempenham os mesmos papéis das mulheres não ciganas (*Jurin*), ou seja, ou estão ligadas ao trabalho formal ou às atividades do lar. Contudo, há uma percepção que essas mulheres possuem uma grande autoridade nas atividades escolares dos seus filhos. Tendo em vista a relevância deste fator no contexto educacional local, analisaremos a perspectiva feminina sobre o processo educativo, enfatizando desde a relação com seus filhos e os preceitos da cultura cigana, com a escola, como também com a sociedade não cigana.

A partir da análise de relatos de *Calins* as quais seus filhos estão matriculados na rede de ensino do município, analisarei as peculiaridades deste processo e os desdobramentos que surgem a partir desta relação.

Com certeza que é o que a gente tem pra oferecer aos filhos hoje em dia é o estudo. Os que tem estudo, que terminado de ano não tem emprego e quem não tem? Quando é que vai as crianças? Já que a gente não estudou o que a gente não tem, a gente quer dar para os filhos da gente. O que a gente não teve quando a gente era mais novo, a gente quer dar aos filhos hoje. Isso que termina os estudos não está tendo emprego e os que não sabem nem do outro vai ter o que na vida para a frente? (Lacerda, Entrevista, nov. 2023).

É importante inferir que a cultura cigana se baseia na oralidade e devido às intempéries da itinerância, a organização de documentos escritos é escassa. A maior parte das tradições de configuram através da transmissão de seus aspectos por meio da oralidade. Outro fator importante que também está ligado à itinerância, se encontra na recente introdução desta etnia na educação. Grande parte dos *Calen* consultados nessa pesquisa não concluíram a Educação Básica, sendo apenas os mais jovens alfabetizados. Nesta conjuntura, e aliado aos demais fatores, foi citado como motivo para o estabelecimento da moradia fixa a possibilidade de se oportunizar a educação formal aos mais jovens. Esta foi vista como uma possibilidade a fugir da segregação imposta pela sociedade.

As ciganas apresentadas neste tópico possuem ligação direta com a Educação Formal do município. Lurdes, Lindinalva, Liduína, Maria Júlia e Vanuza são mães, tias e avós que participam de forma assídua em grande parte das atividades escolares das instituições aos quais os seus estão matriculados.



**Figura 18** - Da esquerda para a direita: Débora Barros e as Calin Maria Celina, Liduína e Maria Júlia

Fonte -Arquivo pessoal, 2024.

De acordo com Lurdes (2023) “os mais novos foram se assustando, aí queria estudar, outros já queriam trabalhar, e assim a gente foi cassar um meio de se apoiar e ficar aqui em Ouricuri”. Lurdes defende a importância da Educação Escolar como estratégia de empoderamento dos mais jovens. Ela explana que através do conhecimento, acesso aos direitos e deveres, os jovens ciganos poderão se libertar das demandas impostas pelo anticiganismo. Lurdes ressaltou que:

É a gente ficou quieto, a gente quando fazia ficava calado, ficava quieto, não ia atrás, e assim o povo ficou fazendo. Viram que nós não fazia nada na justiça por isso aí, porque eu vejo que quando a gente desculpa um negro é processado, se você coloca apelido em um gazo você também é discriminado, qualquer coisa que você faz hoje a discriminação e eles vão atrás da justiça, nós não. Nós deixamos, nós deixamos passar tudo, porque nós sofre mais, porque nois abandonemos, se nos fosse pessoas que quando vinhesse atrás de nós, nós fosse, briga não, na nossa razão, na justiça como os outros faz, talvez nós não tivesse, ou não houvesse tanto preconceito, como hoje ainda existe (Silva, Entrevista, set. 2023).



**Figura 19.** Da esquerda para a direita: *Calin* Maria de Lurdes e a professora Débora Barros  
Fonte -Arquivo pessoal, 2024.

Dona Lindinalva, cuja neta encontrava-se matriculada no ano de 2023, no 7º ano da escola Anísio Coelho, demonstra compreender a Educação Escolar como uma possibilidade viável à promoção de melhoria de vida. Dona Lindinalva, explana emocionada que:

É os que ciganos só vivia para o médio mundo. A rede para baixo para rirba do para baixo, para riba para baixo. Aí não tinha como eer sucesso na vida, agora que paremo graças a Deus. E ela me diz, Mãe, Essa escola é muito boa para mim. Não tem escola de que essa para mim. Elas atendem muita pessoa. A educação a daqui sim, porque a daqui os diretores daqui é muito legal, legal. Eu não tenho o que dizer do diretor daqui e ela disse, foi que minha filha vem para aqui, tá vendo? Ela já tá lendo e escrevendo. Que maravilha, tá vendo? Perante o senhor Jesus, menina, aquela que o lá, nada, nada, nada, nada, nada, não fazia nada (Mariano, Entrevista, set. 2023).



**Figura 20** - Professora Débora Barros junto à *Calin* Lindinalva  
Fonte -Arquivo pessoal, 2024.

Ademais, Dona Lindinalva se demonstra preocupada com as atividades escolares, presente em reuniões e eventos culturais, buscando sempre justificar as faltas da sua filha. A visão de dona Lindinalva em relação à Educação Escolar, se expressa como uma esperança para o futuro da sua neta. É importante salientar que a visão e opção pela educação formal, é condição particular aos grupos ciganos que permeiam a sociedade Ouricuriense. A educação aqui é vista a partir das ideias de Rufino (2021) que destaca que a educação não está aqui para a salvação de nada nem de ninguém, mas para a garantia da vivacidade das existências e suas inscrições no tempo. Para a percepção de Dona Lindalva em relação sua antiga vida de itinerância, a educação escolar se configura como um alento e a esperança de um futuro distinto daquele que configurou a sua. Para esta *Calin*, a educação, mesmo na perspectiva dos *Juron*, se estabelece como uma possibilidade de um futuro estável para a sua neta.

No tocante à acessibilidade e tratamento condicionado aos alunos ciganos, Maria Liduína (2023) explana que o tratamento “é bem, a gente conhece as palavras vem a gente já a resposta da altura que elas vêm pro lado da gente se você vem com a educação recebe a educação agora se o senhor vem com duas pedras nós vamos

com quatro.”. Outra preocupação de Maria Liduína se encontra na oferta de estrutura que atenda à demanda de mães ciganas e não ciganas. Em relação à construção de uma creche que se encontra paralisada no bairro Cohab, Maria Liduína explana que:

Olha o interesse dessa creche aí, duas gestões, nunca foi inaugurado. Tanta mãe de família querendo trabalhar para colocar o filho aí e ir lá correr atrás do pão de cada dia e não tem essa chance por que é, o prefeito não tem interesse. Na primeira eles fizeram aí e deixaram aberto, com licença da palavra e me perdoe dizer essa palavra... Senhora nós se sentando aqui, nós via os caba namorando com “as nega” aí dentro, daqui ó. Nesse caso a creche que servia para as crianças está servindo de motel. Que vergonha prefeito (Sá, Entrevista, nov. 2023).

Um ponto imprescindível encontra-se na conscientização política proposta por estas mulheres aos seus: “Quando você veste uma roupa e você usa, usa ela vai se rasgar a gente faz o que? Joga fora esses políticos muito usados que já veio duas, três, quatro vezes não fez nada, tem que dar cartão vermelho, quem dá é o povo” (Sá, Entrevista, nov. 2023). Para ela, a rotatividade de representantes na política local é de suma importância para a aquisição e manutenção dos direitos básicos da população. Entretanto, por mais que se observe mudanças positivas no contexto educacional, este ainda é atravessado por conflitos. Maria de Lurdes Alves relata um episódio que marcou a vida escolar da sua neta no ano de 2023:

Ela foi discriminada porque teve uma discussão de uns alunos lá e ela estava envolvida. Só que os outros foram para casa e ela não foi. Ela foi espancada, ela foi expulsa, ela passou mais de uma semana fora por discriminação porque ela era cigana. E as outras que não era cigana e não tinha nada a ver? Ai porque ela era cigana, aí foi só ela. As outras que tiveram a discussão com ela, elas botaram para casa, e ela ficou de castigo. Ela ficou um bocado de tempo sem ir para a escola, a gente teve que colocar na justiça, para a menina voltar a estudar de novo, que é uma neta minha que já tem 18 anos, e é assim cada dia é uma coisa na vida do cigano. Porque tem muito preconceito na família cigana, demais. Se for uma criança com 4 anos para a creche e se tiver 5 ou 6 lá que não seja cigano, vai dizendo, olha o cigano, o ciganinho já tá aqui. Não é porque gostou do cigano, é porque já tem o nome cigano (Silva, Entrevista, set. 2023).

Os resquícios do anticiganismo se manifestam no cotidiano, através de olhares, conversas paralelas, e situações que acabam por tratar de forma diferenciada os indivíduos desta etnia. Contudo, analisando a situação relatada pela *Calin* Maria de Lurdes Alves, o que chama mais a atenção está na luta em garantir a permanência da sua neta na rede de ensino. Nesta problemática, mesmo diante de todas as indagações, o objetivo primordial estava no fato da jovem ter o direito à sua

permanência garantida naquela instituição de ensino, demonstrando a valorização e a compreensão da importância da educação formal de ensino como parte da formação cidadã. Neste sentido, a fala de Maria Júlia reverbera a importância da educação formal para as crianças ciganas:

Eu tenho quatro filhos. Mas um já terminou. O de 18 anos terminou. E aquele galeguinho faz o primeiro ano. Vai fazer o segundo ano que vem, se Deus quiser. Todos frequentam e concluíram na idade certa, sem reprovar. Eu gosto! Porque eles nunca fizeram nada com o menino. Nem chama nem o menino de cigano. Chama pelo nome. O que eu não tive, eu quero que ela tenha. Todos ali, conhece os meninos todos que estudam lá. Nunca houve reclamação dos professores, nem diretores. Que eles estão brigando, que eles estão dizendo não, não (Lacerda, Entrevista, nov. 2023).



**Figura 21-** Da esquerda para a direita: Débora Barros e a *Calin* Maria Júlia  
Fonte -Arquivo pessoal, 2024.

A fala de Maria Júlia apresenta pontos relevantes a serem discutidos nesta pesquisa. Em primeiro lugar, a *Calin* orgulhosamente afirma a frequência de todos os seus filhos nas instituições formais de ensino na idade certa. Outra questão levantada é quando esta fala que “chamam meu menino pelo nome, não chama de cigano”, se destaca como uma situação de conforto, ao passo que não é percebido por ela rotulação devido ao pertencimento à etnia. E, por fim, Maria Júlia explana que “o que eu não tive eu quero que eles tenham.” Na sua perspectiva, a ausência da

escolaridade na idade certa representou algumas dificuldades no processo de convivência com a população Juron.

Também se faça necessário problematizar que as mães Calin também são responsáveis pelos processos educativos que não se estabelecem nas instituições de ensino formais. As mulheres passam mais tempo com seus, e a partir desse convívio uma relação mais profunda se estabelece no cotidiano. Geralmente são as mães que são consultadas nas dores, nas confidências de amigadas e nos primeiros relacionamentos, são as Calins que tomam as iniciativas para resolver problemas escolares, problemas de saúde, como também situações financeiras. Cabe as mulheres ciganas o protagonismo no que tange às relações familiares, às relações com a sociedade em si, à transmissão de elementos com a ancestralidade, aumentando de forma considerável a importância dessas mulheres no contexto da comunidade cigana.

Deste modo, reconhecer a importância de um protagonismo feminismo cigano na cidade de Ouricuri, se expressa como um fator importante que movimenta as relações sociais que circundam a comunidade Calon. De acordo com Bidaseca (2011, p.66) Propor valores cigano/Romani/Calon, chicano, indígena, negro e etc., para toda sociedade significa aprofundar nossa democracia no sentido de aprofundar a democracia promovendo maior igualdade entre todos e todas, levando em consideração que o patriarcado não é uma forma de dominação masculina, universal, e essencialista a-histórica e indiferenciada sobre classe ou raça (Bidaseca, 2011 p. 66).

#### **4.3 Estratégias de acolhimento para a promoção de práticas interculturais significativas ao povo Calon**

A escrita desta pesquisa se estabeleceu a partir da escuta atenta dos anseios do grupo Calon do município de Ouricuri, para que a partir da minha observação como educadora não cigana, pudesse contribuir para a construção de um material escolar que possibilitasse um espaço mais acolhedor, e sobretudo retirasse a pedagogia decolonial e interculturalidade do campo teórico e a se expressar de modo prático no cotidiano escolar.

Portanto, se espera que essa produção possa contribuir com relevância à comunidade cigana de Ouricuri, como também às demais comunidades com presença

cigana do Brasil, a fim de se reconhecer esse grupo e a sua importante contribuição na formação histórico e cultural do nosso país.

A pesquisa aqui desenvolvida não tem apenas com o objetivo apresentar a dificuldades encontradas pelos povos Romá ao longo da História. A intenção sobretudo desta escrita encontra-se na possibilidade em se ofertar novas perspectivas que conduzam a uma educação que promova a equidade étnica, racial, cultural e epistêmica. Nesta perspectiva vale considerar as ideias de Moreira e Candau:

A nossa formação histórica está marcada pela eliminação física do “outro” ou por sua escravização, que também é uma forma violenta de negação de sua alteridade. Os processos de negação do “outro” também se dão no plano do imaginário social. Neste sentido, o debate cultural na América Latina nos coloca diante da nossa própria formação histórica, da pergunta sobre como nós construímos socioculturalmente, o que negamos e silenciemos, o que afirmamos, valorizamos e integramos na cultura hegemônica. (2008, p.17):

Ademais, de acordo com as ideias de Rufino estamos inseridos em um mundo fraturado, uma vez que aquilo que nos foi apresentado está em oposição aquilo que permeia nosso cotidiano. Para Rufino essa lógica encontra-se alicerçada em apresentar um modelo de existência somente possível em detrimento do desvio, da subordinação de outras formas viventes. A partir da constatação de que através da dominação europeia se estabeleceu também um processo de dominação epistêmica que ainda na atualidade se manifesta de forma intensa nos diferentes níveis de produção do saber. É tarefa daqueles que se encontram à frente da educação, promover uma nova agenda que nos direcione a uma nova realidade e que sobretudo atenda às demandas de uma sociedade multiétnica. Nesta ótica, a insurgência da decolonização da educação corrobora como estratégia de grande relevância para a valorização das particularidades presentes nos diferentes cenários do território brasileiro, para Rufino:

A educação como decolonização está implicada a uma política de vida, ou seja, tem seus atos focados em contrariar os ditames da agenda dominante. A educação diz acerca de práticas cotidianas; pertencimentos coletivos; fortalecimento comunitário; ética responsiva; aprendizagens e circulação de conhecimentos que reposicionem e vitalizem os seres atravessados pela violência colonial. (2021 p. 14):

Contudo, teorizar, e problematizar tais questões é insuficiente para que uma prática educativa decolonial se estabeleça nas instituições de ensino. Insurge que práticas pedagógicas sejam elaboradas e executadas nas diferentes instituições de ensino. As frágeis formações, muitas vezes alicerçadas na visão de cânones,

dificultam a execução de estratégias antirracistas. O profissional da educação muitas vezes teve sua formação ancorada em uma ótica da branquitude e muitas vezes desconhece o seu lugar de subalterno. De acordo com Advanir Aparecida Pinheiro

O termo branquitude não se refere às pessoas em suas singularidades; trata-se de uma categoria social que refere-se ao lugar de vantagens simbólicas subjetivas e materiais, disponíveis para pessoas identificadas como brancas em uma sociedade onde o racismo é estrutural. (2023, p.40):

Dentro deste enredo complexo e conflituoso, se estabelece a necessidade de produções que insiram os profissionais da educação em um novo universo em que as discussões se ancorem em práticas decoloniais que se pautem em propostas interculturais, procurando valorizar as diferentes vivências e realidades existentes. Para Catherine Walsh podemos compreender como interculturalidade:

- Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade;
- Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença;
- Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados;
- Uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade;
- Uma meta a alcançar. (2007; p. 10-11)

No que se refere aos povos ciganos Calon, a ausência de produção historiográfica e principalmente de materiais didáticos, se expressa como uma grande questão a ser superada. A estrutura educacional ainda é insuficiente para atender às demandas das demais etnias subalternas presentes no contexto educacional brasileiro, quiçá os povos Romá. É chegado o momento de lançarmos em cruzo as sabedorias ancestrais que ao longo dos séculos foram produzidas com descredibilidade, desvio e esquecimento (Rufino, 2021). Desta forma se torna imprescindível o desenvolvimento de pesquisas que atendam à demanda desta etnia a fim de se possibilitar uma educação que promova práticas interculturais, que apresentem a cultura Calon para a população não cigana em uma perspectiva de compartilhamento e valorização dos saberes que se integram e compõem todo o corpo da comunidade.

Como estratégia para o enfrentamento desta realidade, o produto resultante desta pesquisa se desdobrou em duas modalidades. A primeira, destinada a professores da Educação Básica de Ouricuri, visa contribuir com um arcabouço teórico e atividades didáticas a fim de inserir temáticas relacionadas à história e cultura do povo cigano nas atividades para o ensino de História da Educação Básica.

O *E-book* foi desenvolvido com o intuito de subsidiar os professores para o ensino de História com a presença de uma comunidade cigana. Desta maneira foram estruturadas atividades diversas que se adequem às perspectivas de um ensino que valorize os diferentes saberes e formas de ser presentes em uma sociedade multiétnica.

O documento foi estruturado em seis tópicos que discorrerão desde a apresentação da temática, passeando sobre um breve relato sobre a trajetória do povo Romani no decorrer da História, suporte teórico acerca das práticas interculturais, sugestões de atividades e uma proposta curricular para o ensino de História, que, elaborada à luz da BNCC, insere temas relacionados à história do povo cigano. Por fim, o documento aponta 16 sugestões de atividades que podem ser adaptadas à realidade de diferentes instituições. As atividades encontram-se estruturadas com textos de apoio, sugestões de leituras, filmes e documentários e sites para subsídio de professores e alunos. Vale salientar que nas estratégias propostas na cartilha também objetiva-se proporcionar uma maior integração entre a escola e as comunidades ciganas, a fim de fortalecer o sentimento de pertencimento dos educandos naquele espaço.

A segunda proposta de produto foi desenvolvida a partir de um conto narrado pelo membro da comunidade Calon de Ouricuri, do qual foi desenvolvido um jogo na plataforma de jogos digitais como *Fortnite*.

Em um cenário midiático abrangente, o jogo eletrônico *Fortnite*, desenvolvido pela renomada empresa *Epic Games*, destaca-se como um exemplar do gênero conhecido como *Battle royale*. Nesse contexto, os participantes são incumbidos de aterrissar em uma ilha virtual, onde se engajam na coleta de recursos primários, edificação de estruturas defensivas e no embate direto uns contra os outros, visando a última sobrevivência como corolário da competição. Vale ressaltar que, para além da modalidade principal de *Battle royale*, o jogo incorpora diversificados modos de jogos complementares, eventos efemerizados correlatos à sazonalidade e parcerias

colossais com ícones do cinema, séries televisivas e personalidades midiáticas, culminando em uma experiência de entretenimento interativa repleta de nuances e desafios instigantes para o público de jogadores ávidos por imersão digital.

A proposta de jogo foi desenvolvida a partir do conto *O menino do facão*, narrado pelo cigano da etnia Calon José Salvador e Bonanza, residente no bairro São Braz, na cidade de Ouricuri. O enredo do jogo se estrutura na história de um pai viúvo que cuida de seus filhos, acabando por exigir que eles assumam papéis de responsabilidade em suas vidas: João, o protagonista, José e Antônio. Ao se perceber sozinho em um mundo cheio de perigos, João passa a ter contato com objetos mágicos e, principalmente, através de sua perspicácia, consegue ultrapassar obstáculos que surgem em seu caminho. A ideia presente nessa estratégia é promover um processo de identificação entre a comunidade e o ambiente escolar, permitindo que os alunos percebam narrativas transmitidas por seu povo em uma plataforma digital.

Ademais, os jogos digitais se estabelecem como um elemento importante no contexto tecnológico ao qual os jovens do século XXI estão inseridos. O ensino de História através de jogos digitais estabelece uma perspectiva educacional inovadora e significativa. Circe Bittencourt (2009), esboçou importantes considerações acerca das mudanças tecnológicas e suas influências nas propostas e métodos de ensino. De acordo com a autora:

Os atuais métodos de ensino têm que se articular às novas tecnologias para que a escola possa se identificar com as novas gerações, pertencentes à “cultura das mídias”. As transformações tecnológicas têm afetado todas as formas de comunicação e introduzido novos referenciais para a produção do conhecimento, e tal constatação interfere em qualquer proposta de mudança dos métodos de ensino (Bittencourt, 2009, p. 107).

Neste contexto, compreende-se que os jogos possam subsidiar a aprendizagem acerca dos eventos históricos e compreender os diferentes contextos, de uma maneira mais dinâmica e interativa. Tal estratégia pode oportunizar uma aprendizagem mais cativante, estimulando o interesse dos estudantes pela disciplina. Além disso, os jogos podem oferecer diferentes perspectivas e desafios, incentivando a reflexão crítica e o aprendizado ativo. De acordo com os professores Anderson Caribé de Oliveira e Lynn Alves:

Com isso, debruçar-se sobre o jogo digital, para historiadores/professores de história, é hoje de extrema importância, pois como tal nos comprometemos

com a análise crítica do mundo, nas suas mais diversas formas de apresentação, o jogo digital é mais uma dessas formas, e como um elemento presente na cultura jovem, atualmente é uma das maneiras de apropriação prévia do conhecimento histórico pelos educandos (Oliveira; Alves, 2014, p.583).

Portanto, é imperativo reconhecer a importância de adaptar o ensino de História para atender às necessidades específicas de uma sociedade multicultural, inclusive aquelas que envolvem a presença da comunidade cigana. Considerando os desafios inerentes ao ensino de História em um contexto marcado por esta diversidade cultural, torna-se essencial que as atividades pedagógicas sejam desenvolvidas a fim de se promover momentos de significativa relevância educacional, social e cultural, fomentando o sentimento de pertencimento e incentivando a integração entre os diferentes grupos envolvidos. A presente pesquisa almeja enriquecer o processo educativo, proporcionando um ambiente inclusivo e valorizador da diversidade cultural. Dentro desta perspectiva, nasce a esperança que se estruture um espaço pedagógico onde todas as culturas sejam reconhecidas e valorizadas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais equitativa e harmoniosa.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória das comunidades romás ao longo da história foi marcada por momentos de luta, sobrevivência e resiliência. Desde a chegada dos primeiros grupos ao território brasileiro, as estratégias de segregação sempre acompanharam as etnias Calon, Rom e Sinti. Neste contexto de perseguição e luta pela sobrevivência, a preservação de suas tradições foi imprescindível para a manutenção da coesão desses grupos.

A diáspora para o território brasileiro, resultante das práticas colonialistas, fez com que o povo cigano contribuísse de forma relevante para a construção econômica, social e cultural deste país. Contudo, devido à marginalização imposta pelas práticas colonialistas, a esses grupos sempre foram atribuídos estigmas que contribuíram significativamente para sua marginalização social. Areladas a essa marginalização, as práticas anticiganistas se manifestam de forma explícita e implícita, como por exemplo nas músicas, literaturas e telenovelas, culminando por corroborar uma densa exclusão social. A consequência desses fenômenos culmina no processo de invisibilização de suas demandas, que prevalecem até os dias atuais.

O território brasileiro apresenta uma das maiores comunidades ciganas do mundo. Esses grupos, de diferentes etnias, Calon, Rom e Sinti, habitam o território nacional desde o século XVI. De acordo com os dados defasados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cujo último levantamento foi realizado no ano de 2011, acredita-se que Brasil abrigue entre 500 mil e 800 mil ciganos.

Não obstante essas problemáticas, destaca-se a cidade de Ouricuri, localizada no sertão pernambucano, que possui uma comunidade de aproximadamente 1000 ciganos, distribuídos em 40 famílias, todos pertencentes à etnia Calon. Estas comunidades iniciaram seu processo de moradia fixa neste município a partir dos anos 2000. Contudo, de acordo com a memória da comunidade Calon, essas famílias já habitavam a região do Araripe desde a década de 1970, do século XX. Entretanto, apenas a partir da década dos anos 2000 é que teriam recebido acolhimento de lideranças políticas para permanecerem no município.

Ao se indagar acerca das particularidades culturais e seu sentimento de pertença, a comunidade Calon revelou que ainda mantém grande parte dos elementos culturais do seu povo. A língua *Chibe*, o casamento, as danças, os rituais funerários,

o luto e as festas ciganas ainda fazem parte do cotidiano deste grupo. Vale salientar que as tradições ainda são transmitidas através da oralidade. A *Chibe*, língua mãe do povo Calon, é considerada um elemento demarcador de identidade, sendo rigorosamente proibida de ser transmitida ao povo *juron* (não-ciganos).

Ao estabelecer moradia fixa no município, o povo Calon se deparou com uma grande dificuldade de inserção social. E, conseqüentemente, deparou-se com a falta de acolhimento nas instituições de ensino, dificultando ainda mais o processo de integração. Habitando os bairros São Braz, Nossa Senhora de Fátima e Cohab, o povo Calon de Ouricuri teve que enfrentar olhares de desconfiança e medo da população não cigana. Desta maneira, foi possível constatar as dificuldades no acesso a serviços básicos, como educação, saúde, renda e moradia. Nos depoimentos dos Calon de Ouricuri é possível observar como essas situações impactaram e como, de certa forma, ainda influenciam e dificultam suas vidas.

Diante deste contexto, a educação escolar sempre foi encarada com grande dificuldade devido à impossibilidade de permanência resultante das perseguições impostas a esses grupos. Ademais, em uma nação onde o racismo se manifesta em inúmeros setores, inclusive nas instituições de ensino, esse ambiente acaba por não ser considerado atraente para este grupo. Ao se analisar os currículos destinados à Educação Básica e os materiais didáticos, constata-se a ausência de temáticas que abordem a história e a cultura do povo cigano. Conseqüentemente, a formação docente sobre pautas étnico-raciais ainda ocorre de forma sucinta e não apenas para atender as demandas do povo cigano.

No que se refere ao município de Ouricuri, a partir da análise do documento curricular utilizado na rede básica de ensino do município, é perceptível que nenhum tópico está direcionado ao estudo de temáticas que englobem os povos Romá.

Analisando os depoimentos de profissionais da Educação Básica das instituições Anísio Coelho, Dom Idílio, José Coriolano Sobrinho e Altina Maria de Almeida, foi possível se observar a deficiência em formações pedagógicas que problematizem pautas antirracistas e de acolhimento às diferentes culturas. Todavia, todos os profissionais consideraram de extrema relevância a inserção de temáticas de acolhimento ao povo cigano para o ensino de História em suas respectivas instituições.

Analisando a perspectiva Calon sobre a educação escolar, foi possível se concluir que o povo Calon de Ouricuri considera como de extrema importância a permanência dos seus filhos nestas instituições. A ideia que perpassa aos diferentes depoimentos de homens e mulheres é que na escola, seus filhos terão uma oportunidade a mais de se destacar e se integrar na sociedade. Entretanto é preciso atentar para as dificuldades encontradas por estes grupos no ambiente escolar. É certo que as práticas anticiganistas ainda prevalecem em diferentes instituições, sejam por profissionais que compõem o corpo escolar, ou por seus pares e até mesmo outros indivíduos pertencentes à comunidade escolar. Desta maneira é imperativo que sejam construídas pontes que possibilitem o acolhimento do povo cigano nestes espaços.

A escola precisa estruturar suas práticas reconhecendo as diferenças étnicas que se estabelecem em seu entorno. Desta forma é necessário que estabeleçam estratégias desde o acolhimento de temáticas pertinentes à história e cultura desde grupos, como também que se permita ser um espaço de integração entre escola e comunidade. É importante que pessoas ciganas ocupem espaços no ambiente escolar, espaços de representação, para que os educandos possam se enxergar nesses locais, e desta maneira se motivem a permanecer na educação.

Outro fator importante que ganhou destaque na pesquisa está na participação das mulheres ciganas como protagonistas na interação com a comunidade escolar. As *Calins*, como são chamadas as mulheres ciganas, apresentam uma maior integração com as escolas em que seus filhos estão matriculados, acompanhando seu desempenho, participando das reuniões e festividades. Além disso, essas mulheres entendem que a educação escolar no contexto em que estão inseridas se revela de grande importância para a formação crítica e inserção social de seus filhos.

Por conseguinte, após analisar as problemáticas envolvidas nesse processo, é notório que tais discussões devam atravessar o campo teórico e se estabelecer na *práxis* dessas instituições. Dessa forma, esta pesquisa possibilitou a organização de uma cartilha com orientações para profissionais da Educação Básica que trabalhem com crianças ciganas, cujo objetivo se propõe desde a criação de estratégias embasadas em práticas interculturais, onde os saberes de seus ancestrais e a trajetória do povo cigano possam ser compartilhados, até estratégias que possibilitem a construção de uma memória positiva acerca da sua trajetória. Outra proposta se

estrutura a partir da gamificação. Utilizando a plataforma *Fortnite*, foi desenvolvido um jogo a partir de um conto narrado por um membro da comunidade Calon de Ouricuri, cujo título: *O menino do facão* procura apresentar a perspicácia, a inteligência e a resiliência do protagonista. A ideia deste projeto ancora-se na perspectiva de que, com a inserção de contos, lendas e mitos da comunidade Calon nas estratégias didáticas de suas escolas, os alunos possam se perceber como sujeitos ativos nos processos de ensino e aprendizagem.

Em conclusão, a presente pesquisa destaca a importância de debates e ações concretas que promovam a inclusão e valorização das minorias étnicas, especialmente dos povos ciganos no Brasil. Esperamos que as reflexões resultantes desta investigação inspirem práticas educativas antirracistas e democráticas, com o objetivo maior de transformar a realidade destes grupos, garantindo o seu acolhimento e reconhecimento na sociedade. É essencial que a educação assuma um papel central nessa transformação, contribuindo para um futuro mais justo e igualitário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGRA, Giarlan de Sá. **Ouricuri, Minha Cidade Nossa História**. Ouricuri: Âncora, 2018.

ALMEIDA, Djalмира Sá. Biografia de Brígida de Alencar. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/biografia-de-brigida-de-alencar/30155/>. Acesso em 26 jun. 2024

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: MartinClaret, 2002. (Coleção A Obra-Prima de Cada Autor, v. 25).

AMADO, Jorge. **Tocaia Grande**: A face obscura / Jorge Amado; posfácio de Mia Couto. — São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. **Da barraca ao túmulo**: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção. 2008. 292 p. (Tese de doutorado), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba: UFPR.

ASSIS, Francisco de; Presença dos povos ciganos em Pernambuco na Contemporaneidade. **32 RBA**, 2019. Disponível em: <https://www.32rba.abant.org.br>  
PRESENÇA DOS POVOS CIGANOS EM PERNAMBUCO NA CONTEMPORANEIDADE | by NEPE.UFPE | Afluência | Medium acesso 25/02/2024.

AUZIAS, CI . **Les Tsiganes, ou, Le destin sauvage des Roms de l'Est**: suivi de, Le statut des Roms en Europe. [s./.] Editions Michalon. 1995.

BIDASECA, Karina. Mujeres blancas buscando salvar a las mujeres color café de los hombres color café. Reflexiones sobre desigualdad y colonialismo jurídico desde el feminismo poscolonial. *In*: BIDASECA Karina; LABA, Vanesa Vazquez. **Feminismos y poscolonialidad**. Descolonizan do el feminismo desde y en América Latina. Buenos Aires: Ediciones Godot, 2011. p. 95-118.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BIȚU, Nicoleta; VINCZE, Enikő. Personal Encounters and Parallel Paths toward Romani Feminism. **Signs**, Chicago, v. 38, n. 1, p. 44–46 2012.

BOULOS JUNIOR, Alfredo. **História, Sociedade e Cidadania**. São Paulo: FTD, PNLD 2024.

DURANTE, Daniela Simiqueli. **Ciganos nas terras do Espírito Santo Representações sócio-políticas (1870-1936)**. 137 p. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais, Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, setembro, 2005.

\_\_\_\_\_. **O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Argentina: Vozes, 2005.

ESPÍNDOLA, Geraldo (compositor) RAÇA NEGRA (intérprete). **Vida Cigana**, 2000.

FEDERICI, Sílvia. **O Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva** (Coletivo Sycorax, trad.). São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FERNANDES, Ana Cláudia (editora responsável) Obra coletiva. **Araribá Mais História**. 9 ano. São Paulo: Editora Moderna, PNLD 2020.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos; OLIVEIRA Luciana de (organizadores). **Ciganos: olhares e perspectivas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 64 pp. ISBN 978-85-8316-007-6.

KARPOWICZ, Débora Soares. **Ciganos: História, Identidade e Cultura**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, setembro 2005.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre a colonialidade do ser: contribuições para o desenvolvimento de um conceito**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

MELO, Erisvelton Sávio Silva de. **Ciganos, novas tecnologias, redes de sociabilidade e identidade**. 250p. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Recife, 2015.

MENINI, Natally Chris da Rocha, **Os Assim chamados ciganos na capitania da Bahia (século XVIII)**. 2015. Dissertação, 90p. Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015.

MIGNOLO, W. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *In*: Lander, E. (Org.) **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais**. Buenos Aires, Argentina: Perspectivas latino-americanas, Colección Sur Sur, CLACSO, setembro 2005.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** - Dossiê: Literatura, língua e identidade. n 34, pp. 287-324, 2008.

MOONEM, Frans. Anticiganismo e políticas ciganas na Europa e no Brasil (2012). *In: Enciclopédia Digital Direitos Humanos* (www.dhnet.org.br). Último acesso em 07/08/2023.

\_\_\_\_\_. **Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil**. 3ª edição digital revista e atualizada. Recife, 2011.

\_\_\_\_\_, A História esquecida dos ciganos no Brasil. **Saeculum – Revista de História**, [S. l.], n. 2, p. 123–138, 1996.

\_\_\_\_\_, **Políticas ciganas no Brasil e na Europa**. Subsídios para encontros e congressos ciganos no Brasil. Recife, 2013.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

NICOLAE, Valeriu. Hacia una definición del antigitanismo. *In: Fundación Secretariado Gitano*. Número Especial sobre Antigitanismo – artículos de opinión, análisis y bibliografía. Madrid: FSG, 2016.

OLIVEIRA, Andersen Caribé; ALVES, Lynn. Não é somente mais um jogo de tiro! Call of Duty, uma relação possível entre jogos digitais e ensino de história. **XIII SBGames** Porto Alegre – RS, Brasil, Nov 12 - 14, 2014. SBC – Proceedings of SBGames 2014 | ISSN: 2179-2259.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: Ensino Fundamental**. Área de Ciências Humanas. Recife:2018.

PERPÉTUO, Lenilda Damasceno. **Quantas pedras no meio do caminho?** representações sociais acerca dos Povos Ciganos e a relação com o trabalho e a educação escolar na Etnia Calon. 2021. 266 f., il. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

PINHEIRO, Adevanir Aparecida. **O espelho quebrado da branquitude**. [s.l.] Appris Editora, 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RESTREPO, E., & ROJAS A. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Colombia: Ed. Universidad del Cauca, Popayán, 2012.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTANA, Luan; SONSA, Luíza (cantores e compositores). **Coração Cigano**. 2022.

SILVA, Phillipe, MEZACASA, Douglas, ALVES, Clarissa. Calin: uma proposta de estudo decolonial sobre as relações étnico-raciais e o anticiganismo no sistema de justiça brasileiro. **Argumenta Journal Law**, Jacarezinho – PR, Brasil, n. 32, p. 34-36, 2020.

SILVA, Flávio José de Oliveira. **O céu é meu teto, a terra, minha morada: Cultura e educação cigana no RN**. Tese. 167p. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SILVA JÚNIOR, Aluízio de Azevedo. **A liberdade na aprendizagem ambiental cigana dos mitos e ritos Kalon**– Cuiabá (MT): O Autor, 2009. 267 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença** – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

VAINFAS, Ronaldo *et al.* **História.doc**. 9 ano. São Paulo: Editora Saraiva, PNLD 2016.

WALSH, C.; CANDAU, V.; FERNANDES, L. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Education policy analysis archives**. [s.l.], v. 26, p. 83, jul 2018.

WALSH, C. Interculturalidad y colonialidad del poder: un pensamiento y posicionamiento "otro" desde la diferencia colonial. In: S. Castro-Gómez, & R. Grosfoguel. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: siglo del Hombre Editores. Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, 2007.

WALSH, C. Introducción. In: C.Walsh. **Pensamiento crítico y matriz colonial**. Quito: UASB-AbyaYala, 2005.

Zanoni, Elton Frias. **Gamificação, aprendizagem e ensino de História: construção de estratégias didáticas com ferramentas online** 2016. 151 p. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016.

## ENTREVISTAS COM CIGANOS

ANDRADE, Maria do Carmo. Entrevista IX [nov. 2023]. Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri, 2023. 1 arquivo mp3 (62:20 min.).

BONZANA, José Salvador e. Entrevista I [jul. 2023]. Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri, 2023. 1 arquivo mp3(75:40).

DA SILVA, Genival Pereira. Entrevista XI [nov. 2023] Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri, 2023. 1 arquivo mp3(45:35).

DA SILVA, Marciliano Pereira. Entrevista VII [set.2023]. Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri, 2023. 1 arquivo mp3 (29: 50.).

DA SILVA, Maria de Lurdes Alves. Entrevista V [set. 2023]. Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri, 2023. 1 arquivo mp3 (65:20 min.).

DA SILVA, Mikael Andrade. Entrevista VI [set. 2023]. Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri, 2023. 1 arquivo mp3(65:20min.).

FEITOSA, Maria Celina Pereira. Entrevista II [julho.2023]. Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri, 2023. 1 arquivo mp3 (62:05 min.).

FERNANDES FILHO, Roi Rogeres. Entrevista IV [ ago. 2023] Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri, 2023. 1 arquivo mp3 (110 min).

LACERDA, Maria Júlia. Entrevista X [nov. 2023) Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri, 2023. 1 arquivo mp3(45:20min.).

MARIANO, Lindinalva Luiza da Silva. Entrevista III [set.2023]. Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri, 2023. 1 arquivo mp3 (25:45 min.).

SÁ, Maria Liduína dos Santos. Entrevista VIII [nov.2023]. Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri, 2023 1 arquivo .mp3 (62:20 min.).

## **ENTREVISTAS COM PROFESSORES**

ALENCAR, Marilúcia Lopes de. Entrevista XII [ago. 2023] Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri,2023. 1 Arquivo mp3 (15:35 min).

ANDRADE, Manuel Carneiro de. Entrevista XVI [dez. 2023] Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri,2023. 1 Arquivo mp3 (20:25 min).

COELHO, Rute Rita. Entrevista XV [dez. 2023] Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri,2023. 1 Arquivo mp3 (38:40 min).

DA Costa, Sileide Ferreira. Entrevista XIV [dez. 2023] Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri,2023. 1 Arquivo mp3 (25:34 min).

SILVA, Arley Anderson Alves e. Entrevista XI [ago. 2023] Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri,2023. 1 Arquivo mp3 (30:34 min).

SILVA, Maria do Socorro. Entrevista XIII [dez.2023] Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri,2023. 1 Arquivo mp3 (30:34 min).

SILVA, Orlange Alice da Entrevista XIII [Dez 2023] Entrevistadora: Débora Barros dos Santos. Ouricuri,2023. 1 Arquivo mp3 (45:34 min).

## WEB REFERÊNCIAS

CATALOGO DE ESCOLAS. **INEP**. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/inep-data/catalogo-de-escolas> acesso 14/02/2024, acesso em 14/02/2024.

ESTATUTO DOS POVOS CIGANOS É APROVADO E VAI À CÂMARA. **Agência Senado**, 02/05/2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias> <https://www12.senado.leg.br/noticias>. Acesso em 20/08/2023.

FORTNITE. **Wikipedia**, Disponível em: [Fortnite – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortnite) Acesso 23/04/2024 .

GOVERNO MUNICIPAL INAURUGA A PRIMEIRA ESCOLA DOS POVOS CIGANOS. **Prefeitura do Altinho**, 21/03/2024. Disponível em : <https://altinho.pe.gov.br/v1/governo-municipal-inaugura-a-primeira-escola-dos-povos-ciganos/> Acesso 27/5/2024.

MONIZ, Mariana. Maria Gil: “Tenho em mim as vozes de quem me acompanha e de quem traduz as minhas vivências” **Gerador**, 08/04/2023. Disponível em [Gerador](#), acesso em 31/05/2024.

PAPUSZA BRONILAWA WAJS, **Culture.pl**. Polônia. Disponível em: <https://culture.pl/pl/tworca/papusza-bronislawa-wajs> - acesso 04/05/2024.

PORTO SEGURO TERÁ PROFESSORES CIGANOS NO MAGISTÉRIO PÚBLICO. **Radar News**, 25/08/2023. Disponível em : [Porto Seguro terá professores ciganos no quadro do magistério público - Radar News](#) Acesso 26/05/2024.

TRINDADE, Hiago. Dança cigana: Memória e resistências de um povo. **Brasil de Fato Paraíba**, 24 de maio de 2023. Disponível em : [Coluna | Dança cigana: memória e | Brasil de Fato - Paraíba \(brasildefatopb.com.br\)](#) Acesso : 20/04/2024.

VASCONCELOS, Grace. Trabalho do cuidado dos filhos é invisibilizado e sobrecarrega mulheres. **UFPB**, 12/08/2021. Disponível em: Trabalho do cuidado dos filhos é invisibilizado e sobrecarrega mulheres — Universidade Federal da Paraíba - UFPB Comitê de Políticas de Prevenção e Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres na UFPB- Acesso 22/03/2024.



Adobe Firefly

**História, Identidade e Cultura**





Pertence a: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Anotações: \_\_\_\_\_





# Ciganos

---

**História, Identidade e Cultura**





# Índice

- **1 – Apresentação..... 5**
- **2 – História dos povos ciganos no Brasil.....9**
- **3 – Perspectivas para uma educação antirracista. A interculturalidade real no cotidiano escolar.....11**
- **4 – O acolhimento da cultura cigana nas aulas de História como possibilidade de combate ao anticiganismo.....14**
- **5 – Sugestões de atividades e aulas em incentivo à cultura cigana.....16**
- **6 - Adaptação de habilidades de acordo com BNCC Ensino Fundamental anos finais para que possam ser utilizados para mencionar a presença cigana no Brasil.....61**
- **7- Sugestões de pesquisas complementares.....66**
- **Referências .....66**



# POVOS CIGANOS: HISTÓRIA, CULTURA E IDENTIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR

## 1 – APRESENTAÇÃO

A educação nos oportuniza o contato com um universo de vivências, imersos em diferentes grupos étnicos culturais, com suas respectivas ancestralidades, possibilitando uma visão mais profunda da sociedade e dos diferentes conjuntos que a permeiam.

Este material se apresenta como resultado da pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de História, o ProfHistória, cujo intuito encontra-se em oferecer estratégias que pautem o desentranhamento acerca da cultura dos povos *Romá* ou *Romani*, conhecidos genericamente como ciganos. Desta forma, a partir da construção desta cartilha, objetiva-se a elaboração de materiais que viabilizem novos caminhos a fim de se inserir a trajetória e cultura dos povos *Romá* como parte do currículo do ensino de História na Educação Básica no Brasil.

A motivação para essa pesquisa parte da minha vivência como professora da Educação Básica do município de Ouricuri-PE, desde o ano de 2016, onde me deparei com a existência de uma comunidade de ciganos da etnia *Calon*. Como professora de História, me interessei em conhecer a trajetória deste grupo, sua cultura e especificidades. Contudo, ao passo que demonstrava interesse em iniciar o projeto, colegas de trabalho manifestavam seus depoimentos de supostas experiências negativas, ancorados nos preconceitos enraizados na sociedade ouricuriense. Comentários como: “Ciganos são ingratos! Você quer mesmo se misturar com essa gente? Os ciganos aqui têm fama de barraqueiros, você quer mesmo contato com essa gente?”

No ano de 2019, participei do *II Seminário de Cultura e Planejamento para a Educação Escolar para Povos Ciganos*, na cidade de Glória do Goitá, região da Mata-Sul do Estado de Pernambuco. Nesta formação, organizada pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, tive a oportunidade de presenciar palestras e oficinas onde pude ter contato com informações mais precisas, o que me fez reacender o desejo de analisar a história dos povos ciganos de Ouricuri. Neste mesmo evento, conheci o Professor Francisco de Assis (Chiquinho), que me incentivou a desenvolver

o projeto. O professor Chiquinho também foi de extrema importância para a delimitação da referência bibliográfica, disponibilizando textos e dados que enriqueceram esta produção.

No ano de 2021 participei da seleção do ProfHistória, Programa de Mestrado para professores da Educação Básica, na URCA- Universidade Regional do Cariri, na cidade do Crato- CE. A partir de então, pude dar início à pesquisa, que culminou na elaboração deste texto, com o objetivo de possibilitar a introdução do ensino de história e cultura cigana na Educação Básica.

Temos leis como a Lei nº 10.639/2003<sup>30</sup>, alterada pela Lei nº 11.645/2008<sup>31</sup>, que se apoiam em uma política antirracista, cujas textos visam inserir o ensino da história e cultura dos povos africanos e indígenas e têm como objetivo oferecer propostas pedagógicas que caminhem junto à diversidade étnica e cultural na qual está apoiada a sociedade brasileira.

Também é importante destacar que a busca por equidade na Educação necessita de currículos compatíveis e flexíveis com as diferentes realidades presentes no nosso país. A equidade deve levar em consideração a variedade de culturas e etnias que compõem a identidade brasileira. Reconhecer a diversidade de experiências que os alunos trazem para a escola e as diferentes maneiras que eles têm de aprender é elemento imprescindível para estratégias didáticas de sucesso. Contudo, a busca pela equidade deve também estar pautada na inclusão de grupos minoritários, como indígenas, ciganos, quilombolas e o das pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola.

Nesse sentido, precisamos refletir por qual razão tais propostas e currículos são implantados de forma seletiva. Propostas que tendem a debater as questões raciais ainda são apresentadas de forma tímida, muitas vezes limitadas a uma data específica, como o dia dos Povos Originários (19 de abril) e o dia da Consciência Negra (20 de novembro).

As políticas educacionais brasileiras ainda estão condicionadas a uma lógica eurocêntrica e elitista, e são baseadas em uma perspectiva neoliberal que se apoiam

---

<sup>30</sup> Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

<sup>31</sup> Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

em uma visão da história dos vencedores, privilegiando as trajetórias das elites e lideranças políticas. Neste sentido se tornam essenciais abordagens que contemplem a decolonialidade. De acordo como o pensamento decolonial, a partir dos pensadores do Movimento Modernidade Colonialidade, (Dussel, Mingolo - 2005 - Langder) os conceitos de colonialismo/ colonialidade se tornam imprescindíveis para se analisar a constituição do sistema educacional no Brasil. No que se refere ao colonialismo, entendemos como as ações perpetuaram a dominação europeia sobre o então chamado Novo Mundo e, conseqüentemente, a lógica de dominação econômica do capitalismo em detrimento de uma formação humanizada.

Sobre o conceito de colonialidade, podemos compreendê-lo como tendo óticas distintas: a colonialidade do poder, do saber e do ser. Neste sentido, as estruturas coloniais se estabeleceram e se entranharam em todos os setores da sociedade. No contexto da colonialidade e do colonialismo este trabalho/produto problematiza a ação do colonialismo e seus efeitos sobre os povos ciganos, grupos étnicos que adentraram no território brasileiro atrelados ao processo de colonização. Temos, pois, a presença dos povos ciganos no Brasil como elemento preponderante para se compreender a atuação destes no processo de colonização do nosso país.

Os povos ciganos, também chamados de povos *Romá*, são divididos em três principais etnias: *Rom*, *Sinti* e *Calon*. Ao chegarem no continente europeu, eles foram recebidos com estranheza, a partir de uma visão racista e segregacionista presente na comunidade cristã europeia. Neste contexto, muitas narrativas foram propagadas a fim de se estigmatizar a população cigana. A cor escura de sua pele, como também atividades como *buena dicha* (leitura de mão), causaram estranheza na população europeia daquele período. Leis como o Decreto XXIV, de 1538, passara, a perseguir os ciganos sob pena de degredo em Angola. Outro exemplo de lei registrada no Brasil Colônia, no ano de 1761, estabelecida pelo Marques de Pombal, determinava que os ciganos deveriam viver civilizadamente, ou seja, de acordo com o padrão europeu. Junto as estas leis, inúmeras práticas segregacionistas, como as correrias, perseguições policiais no final dos séculos XIX e início do século XX foram impostas no território europeu e no Brasil, acarretando a construção de estereótipos que classificavam os povos ciganos como indivíduos desonestos e propensos a trapaças e toda sorte de ilicitudes.

Para justificar a segregação cigana, uma história amplamente propagada condicionava este grupo à itinerância por supostamente ter negado abrigo à Família Sagrada em sua passagem pelo Egito. Outra narrativa os associa à produção das cruzes que teriam sido utilizadas na crucificação de Jesus Cristo, ou, de ter roubado um destes artefatos. Outro mito propagado trata da suposta descendência de Caim, filho de Adão e responsabilizado pelo assassinato do seu irmão Abel, por este feito, toda descendência cigana seria condenada a ter uma vida de errância sem direito ao descanso.

Deste modo, entendendo a existência de indivíduos ciganos no contexto educacional, é de suma importância que tais indivíduos sejam reconhecidos como contribuintes para a construção desta nação, tendo a sua história reconhecida, suas tradições valorizadas e compartilhadas com as demais etnias presentes no sistema educacional brasileiro<sup>32</sup>.

Uma educação pautada na crítica às práticas educacionais excludentes e embasada a partir de estratégias interculturais se torna indispensável para a compreensão de diferentes culturas, etnias e ancestralidades presentes em uma comunidade escolar.

Neste momento da história, se tornam indispensáveis políticas que expliquem de forma significativa as ideias de uma educação antirracista, através de um olhar em que novas representatividades e a história dos antes excluídos possa ser utilizada como reforço para inserção de novas diretrizes a fim de se possibilitar o resgate do orgulho de grupos antes segregados, possibilitando a reafirmação, o orgulho e o pertencimento às respectivas identidades étnicas, oportunizando uma visão mais democrática no que se refere à diversidade étnico cultural presente no nosso contexto educacional.

Neste contexto, à luz dos pensamentos da escritora estadunidense Bell Hooks, uma pedagogia engajada, pautada na ideia da valorização da expressão do aluno,

---

<sup>32</sup> A diferença entre colonialismo e colonialidade é que o colonialismo tem seu entendimento limitado ao período específico da colonização, enquanto a colonialidade se refere ao vínculo entre o passado e o presente, no qual emerge um padrão de poder resultante da experiência moderna colonial. A colonialidade do saber se relaciona com a epistemologia e suas formas de reprodução de regimes de pensamento, enquanto a colonialidade do ser se refere à experiência vivida de colonização e seus impactos na linguagem e na visão de mundo dos povos colonizados.

Fonte: Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

pode ser uma estratégia pertinente aos educadores, a partir do ponto que as diferentes expressões e vivências são reconhecidas e compartilhadas. A escola deve ser um local que não demande apenas o “conhecimento científico”, mas que também as diferentes visões de mundo possam participar do processo de formação destes indivíduos. Para as comunidades ciganas, a presença dos seus saberes transmitidos pelos seus ancestrais, como também, também as suas vivências cotidianas, são de extrema importância para construção de um conhecimento contextualizado e significativo.

É importante salientar que comunidades ciganas no território brasileiro estão condicionadas a uma situação de extrema vulnerabilidade e invisibilidade, arraigadas ao anticiganismo<sup>33</sup> que dificulta severamente o seu processo de integração na sociedade.

É preciso se considerar a equidade cultural de todos os grupos, a fim de se estabelecerem condições para que distintas vivências e concepções de mundo sejam adotadas como aceitáveis e compartilhadas no ambiente escolar ofertando, assim, um olhar pluricultural que atenda às demandas existentes, respeitando a todos como contribuintes no processo de formação da nossa sociedade.

No ano de 2015 o Brasil deu um importante passo para a emancipação das comunidades ciganas. Naquele momento foram iniciados os debates acerca da implantação do Estatuto Cigano, que visa a regulamentação de marcos legais que garantam direitos integrais para a população cigana em diversas áreas, como cultura, esporte, lazer, educação, saúde, acesso à terra e trabalho. Atualmente o Estatuto Cigano segue aguardando a tramitação na Câmara dos Deputados. Espera-se que a discussão desta pauta colabore de forma intrínseca para a diminuição da segregação deste grupo.

## **2- HISTÓRIA DOS POVOS CIGANOS NO BRASIL**

Os diferentes povos ciganos presentes no Brasil (Rom, Sinti e Calon) se estabeleceram no nosso país em diferentes ondas migratórias. Acredita-se que o primeiro grupo étnico cigano a chegar ao país teria sido os *Calon*, ainda no século XVI,

---

<sup>33</sup> Poderia ser definido como “doutrinas ou atitudes hostis aos ciganos e que contra eles propõem medidas discriminatórias”. Ou então: “atitudes, atos ou políticas contrárias aos interesses e direitos ciganos” ( Moonen, Frans (1944 -2002 ) Anticiganismo: os Ciganos na Europa e no Brasil, 3ª edição digital revista e atualizada. Recife – 2011, P. 6).

na condição de degredados, mas desempenhado um importante papel no processo de colonização.

Os ciganos da etnia *Rom* são oriundos de regiões da Europa Central e do Leste Europeu, encontram-se no Brasil desde meados do século XIX e continuaram, como refugiados, a migrar para o país. Esses ciganos migraram de diferentes regiões da Europa e compartilham entre seus grupos mais de uma nacionalidade, incluindo a italiana, a checa, a romena, a húngara, a russa e a grega.

No que se refere aos ciganos *Sinti*, não há documentos que mencionem a sua chegada, entretanto acredita-se que estes chegaram no Brasil também durante a política migratória promovida no Segundo Reinado, período no qual europeus de diferentes etnias foram atraídos para o trabalho nas lavouras de café da região do Centro-Sul do país.

O grupo *Rom* é originário da Europa Oriental, encontrado em quase todo continente europeu e em inúmeras partes do mundo. É o mais numeroso, possuindo diversos subgrupos, como *Rudari*, *Ursari*, *Matchuaia*, *Lovari*, *Kalderash*. Cada um desses grupos apresenta suas próprias especificidades culturais, profissionais e linguísticas. A maioria, como os *Kalderash*, fala algum dialeto Romani com elementos do romeno, chamado de *vlox romani*. Outros falam romanês, como os *Rudari*, por exemplo. O grupo cigano *Rom* é um dos principais grupos presentes desde o século XIX no Brasil.

Os Ciganos *Sinti* são encontrados principalmente na Alemanha, Holanda, França, Itália, Áustria, Bélgica e, em menores concentrações, na Hungria, Eslováquia, República Tcheca, Rússia e ex-Iugoslávia. Na França, o termo *Manush* é aplicado aos *Sinti*, que também estão presentes em menor proporção na Itália, Holanda e Bélgica. Acredita-se que representantes do grupo *Sinti* tenham vindo ao Brasil na segunda metade do século XIX.

Por fim, o grupo *Calon* é originário dos países ibéricos. Os representantes desta etnia imigraram em grandes números para o continente americano (dos Estados Unidos à Argentina) e possuem concentrações na França, Alemanha e Grã-Bretanha. Falam geralmente espanhol ou português, Chib e Caló. Foram os primeiros a chegarem ao Brasil, como deportados de Portugal, a partir do século XVI, na condição de degredados. Eles compõem um grupo numeroso no país.

No contexto do processo de colonização, os povos ciganos da etnia *Calon* iniciaram um processo de migração para o Brasil na condição de degredados, sendo a primeira etnia Romani a adentrar o território brasileiro. Os mesmos eram tratados como indesejáveis na Península Ibérica, por outro lado, eram necessários ao processo de ocupação das colônias além-mar.

Na Europa moderna, a valorização do trabalho passou a se configurar como pré-requisito à visão de utilidade social. Desta forma, aqueles que não legitimavam este processo acabavam vulneráveis às leis de segregação social vigentes em Portugal a partir do século XV. Estas leis atribuíam àqueles que não estavam ligados a atividades remuneradas, ou não conseguiam renda devido à condição de extrema pobreza, o status de vagabundagem. Nessa categoria encontravam-se os “vadios”, “ladrões”, “vagabundos”, “homicidas”, “prostitutas”, mas também os chamados “ciganos” que, ao longo de toda a época moderna, foram condenados ao degredo pelas autoridades régias portuguesas (Menini, 2015, p. 2).

Ainda de acordo com a historiadora Nathaly Menini, as práticas de degredo eram classificadas como degredo colonial (envio de condenados para as colônias), degredo interno (envio de condenados para regiões inóspitas e afastadas dentro do território metropolitano) e degredo nas galés (trabalho forçado nas embarcações) (Menini, 2015, p 1).

Na *História dos Ciganos no Brasil*, Rodrigo Teixeira enfatizou que o primeiro cigano *Calon* a adentrar o Brasil no século XVI foi João da Torre ou João Torres, junto à sua esposa Angelina que, pelo fato de ser cigano, foi condenado inicialmente às Galés, tendo sua pena convertida ao degredo, pela justificativa de ser muito doente e fraco, ou inapto ao ofício das Galés. Contudo, não existem comprovações documentais que João tenha sobrevivido à viagem ou chegado ao território da Colônia. Compreende-se que foi em um contexto semelhante que, inúmeros grupos de ciganos pertencentes à etnia *Calon* passaram a migrar para o território brasileiro, contribuindo para o processo de colonização deste território.

Com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil em 1808, os ciganos participariam do crescimento do Rio de Janeiro, para aumentar o comércio de escravos de segunda mão na capital e interior, principalmente na região das Minas Gerais.

Neste contexto, alguns poucos grupos que conseguiram posses passaram a ser mais aceitos, chegando àqueles com o maior poder aquisitivo, a patrocinarem festas na Corte.

Outro grupo de ciganos que ganhou destaque nesse período foi o daqueles considerados artistas. Acredita-se que muitos indivíduos deste grupo tenham migrado junto à Família Real portuguesa e participaram das festividades reais, em especial uma no ano de 1810, quando um grupo executou variadas danças na comemoração do casamento da filha de D. João VI, D. Maria Teresa, com o infante espanhol D. Pedro Carlos.

Outro momento da história que marca a trajetória dos ciganos no Brasil se refere aos processos migratórios de meados do século XIX para o século XX, quando ciganos das etnias *Rom* e *Sinti* teriam migrado para o território brasileiro no processo resultante da substituição da mão de obra escrava.

Ademais, entende-se que a presença cigana no país foi de extrema importância, não apenas para a exploração e a formação econômica da nação, mas sobretudo, para a formação cultural. Neste sentido, espera-se que a inclusão de tópicos para o estudo da trajetória cigana no Brasil seja um elemento de extrema relevância para a ressignificação da sua história e para a diminuição de estereótipos e para o combate ao anticiganismo, como também possibilitem uma real integração destes povos na sociedade.

### **3- PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA. A INTERCULTURALIDADE REAL NO COTIDIANO ESCOLAR**

A prática do racismo nas escolas de Educação no Brasil se estabelece como um desafio para os profissionais da área, ao passo que estamos inseridos em um contexto pluricultural que desemboca em conjecturas que urge uma educação plural consoante à diversidade aqui presente.

É importante considerar mudanças significativas, como a Lei 10.630/03 que é, um importante marco para as instituições de ensino no Brasil. Contudo, ainda encontramos barreiras no que diz respeito à problematização de uma educação antirracista.

Diretrizes educacionais e currículos são elaborados abordando e sugerindo a prática de uma política antirracista nas escolas, mas é perceptível uma grande

dificuldade destas propostas adentrarem de forma mais efetiva no ambiente escolar. Por outro lado, a ideia de uma educação condicionada a um modelo único, padrão, arraigado a uma epistemologia pautada na ótica do colonizador ainda encontra raízes nas nossas instituições.

A educação não pode gerar conformidade e alimentar qualquer devaneio universalista (Rufino, 2021 p.10). Ela deve estar sobretudo aberta a novos caminhos, encontrando na diversidade não um problema, mas sim um baú cheio de possibilidades que contribuam para uma educação mais plural, condizente à sociedade real a qual estamos inseridos.

Uma educação crítica, que considera que a educação ocorre em outros espaços além da escola, interligada a uma pedagogia intercultural, que propõe a equidade e o compartilhamento mútuo entre as diferentes culturas, se torna imprescindível para que novas possibilidades se revelem, de forma mais eficiente, para propor um ensino de História que valorize a visão dos subalternizados da história e, sobretudo, ajude a perceber as implicações historicamente geradas neste processo.

Neste sentido, conclui-se que é preciso repensar os padrões epistemológicos impostos pela colonialidade. É necessário, sobretudo, se ponderar novos caminhos, considerando também aqueles que ocorrem para além do sistema formal de ensino. De acordo com a pensadora Equatoriana Catherine Walsh:

Essa pedagogia se opera além dos sistemas educativos (escolas e universidades), ela convoca os conhecimentos subordinados pela colonialidade do poder e do saber, dialoga com as experiências críticas e políticas que se conectam com as ações transformadoras dos movimentos sociais, é enraizada nas lutas e práxis de povos colonizados e é pensada com e a partir das condições dos colonizados pela modernidade ocidental. Assim, o pedagógico e o decolonial se constituem enquanto projetos políticos a serem construídos nas escolas, nas universidades, nos movimentos sociais, nas comunidades negras e indígenas, nas ruas etc. (Candau, Oliveira, Walsh, 2018, p. 5).

Segundo as ideias da historiadora Ana Carolina Pereira (2018, p. 95) “somos levados a perceber as complexas relações de poder que nos envolvem, notadamente as que decorrem da divisão sexual e racial do trabalho que remontam à experiência colonial iniciada no século XVI e são aprofundadas no século XIX”. Dentro deste contexto, a partir de um imperialismo intelectual que foi imposto ao longo dos séculos, vários grupos sociais acabaram sendo negligenciados pelas narrativas “oficiais”. Entre estes estão toda a diversidade das etnias ciganas que permeiam nossa sociedade.

A educação como instrumento de transformação social deve ser permeada por diretrizes que, através de uma pedagogia intercultural, possibilitem o surgimento de novos debates a fim de se estabelecerem práticas pedagógicas cada vez mais significativas e conectadas às necessidades da sociedade atual. Para Perez Gómez (1994; 2001), a escola deve ser concebida como um espaço ecológico de cruzamento de culturas com o objetivo de possibilitar abordagens mais precisas às vivências dos educandos. Identidade e cultura se entrelaçam para a elaboração de estratégias mais significativas.

Sobre o assunto é importante considerar as palavras de Rufino, importante pensador da pedagogia colonial:

A educação como descolonização está implicada a uma política de vida, ou seja, tem seus atos focados em contrariar os ditames da agenda dominante. A educação diz acerca de práticas cotidianas; pertencimentos coletivos; fortalecimento comunitário; ética responsiva; aprendizagens e circulação de conhecimentos que reposicionem e vitalizem os seres atravessados pela violência colonial (Rufino, 2021, p. 14).

Assim, é relevante considerar a elaboração de propostas de ensino que, a partir da visão dos povos subalternizados, atuem com consonância à diversidade cultural. Considerando este espectro, o estudo acerca dos povos ciganos se manifesta de forma iminente diante da invisibilidade destas etnias nas produções historiográficas.

Partindo do pressuposto de que a aprendizagem também se configura a partir da significância, é preciso considerar e refletir como os alunos das diversas etnias ciganas se comportam diante do ensino de História, uma vez que seus ancestrais são ignorados nas diversas coleções de livros/materiais didáticos presentes no sistema educacional brasileiro. O livro didático que muitas vezes é a principal fonte de pesquisa para professores e alunos, acaba por negligenciar a trajetória dos povos *Romá*. Analisando coleções do PNLD 2024 das editoras FTD (História Sociedade e Cidadania), Ática/Scipione/ Sarava (Jovens Sapiens), SM (Alpha), Moderna (Araribá, Expedições da História, Viver História, Se Liga na História e Superação) foi possível observar que a maior parte destas coleções apresenta de forma extremamente tímida e superficial a presença dos povos ciganos no decorrer do tempo e do espaço. Nas coleções aprovadas pela FTD História, Sociedade Cidadania e a Conquista da História, a presença cigana é mencionada de forma sucinta em todos os exemplares que correspondem aos anos finais do Ensino Fundamental, apontando uma tímida

evolução. Todavia, na coleção Alpha, da editora SM, as palavras cigano, Romá ou Romani sequer são citadas em todos os exemplares correspondentes aos anos finais.

Desta forma, se torna necessária a busca por outras fontes que oportunizem o conhecimento acerca das diferentes identidades étnicas que compõem o ambiente escolar. Neste sentido, o estudo e a valorização das diferentes identidades presentes no sistema educacional se torna elemento de extrema relevância. “

No que se refere à identidade, é importante analisar as palavras da pesquisadora Vera Maria Candau (2013, p.17):

A nossa formação histórica está marcada pela eliminação física do “outro” ou por sua escravização, que também é uma forma violenta de negação de sua alteridade. Os processos de negação do “outro” também se dão no plano do imaginário social. Neste sentido, o debate cultural na América Latina nos coloca diante da nossa própria formação histórica, da pergunta sobre como nos construímos socioculturalmente, o que negamos e silenciemos, o que afirmamos, valorizamos e integramos na cultura hegemônica.

O ensino de História deve se pautar em uma estrutura intercultural, de modo que todos os grupos que permeiam a sociedade se sintam contemplados como construtores da identidade nacional. Cabe à escola, como ambiente mais adequado ao rompimento de preconceitos, estabelecer mecanismos para a valorização em igual condição de todas as culturas presentes em seu ambiente.

Portanto, espera-se que, a partir de uma educação intercultural, que propõe um olhar do próprio grupo sobre si, e considera todas as manifestações culturais dignas de rememoração e comemoração, seja possível oferecer condições para que se promovam estratégias de ensino viáveis aos povos ciganos. Nesta conjuntura acredita-se que discussões como estas são de extrema importância para a promoção do conhecimento, o compartilhamento, o respeito e a valorização das diferentes vivências e identidades que nos conduzam a uma educação emancipadora a fim de se alcançar a equidade imprescindível à sociedade pluriétnica a qual estamos inseridos.

#### **4- O ACOLHIMENTO DA CULTURA CIGANA NAS AULAS DE HISTÓRIA COMO POSSIBILIDADE DE COMBATE AO ANTICIGANISMO**

Um dos grandes entraves propostos à Educação Básica, encontra-se na falta de práticas reais de combate à discriminação e racismo.

O conhecimento acerca das diferentes culturas presentes em uma sociedade é de extrema relevância para uma educação pautada na equidade.

Para o povo cigano, a permanência nas instituições de educação formal, e a falta de conhecimento a respeito de suas trajetórias muitas vezes se torna determinante para a permanência nas redes de ensino.

O anticiganismo, que se caracteriza pela aversão e por preconceitos, ainda permeia o ambiente escolar em diferentes localidades do país. É importante destacar que as comunidades ciganas desenvolvem, através de suas práticas cotidianas, uma estrutura educacional pautada em sua sabedoria ancestral. Neste sentido, é muito importante que a escola se apresente como um ambiente acolhedor, que desperte o interesse e o amor por aquele espaço.

Nesta conjuntura, se torna imprescindível conhecer a história e a cultura para depois desconstruir os falsos estereótipos atribuídos aos povos ciganos. Todavia, apenas com ações políticas e pedagógicas contínuas e incisivas é que se pode pensar em consideráveis alterações. É necessário se permitir ao assombro e sensibilidade para reconhecer o(s) outro(s) como sujeitos de direitos. Rodrigo Correia Teixeira, em sua obra: *Ciganos no Brasil, uma breve História* (2008), faz um apanhado sobre a trajetória dos ciganos no país, destacando a presença deste grupo étnico em Minas Gerais. Neste sentido, Teixeira atentou para a comum generalização feita dos povos ciganos:

Historicizar o cigano nos remete a compreendê-los na sua pluralidade e no seu excepcionalismo. Há uma generalidade reducionista ao se chamar de ciganos indivíduos e/ou comunidades com diferenças significativas entre si. Precisa-se, assim, tomar cuidado ao denominar "cigana" a identidade de grupos que chegaram ao Brasil deportados de Portugal, desde o século XVI e, ao mesmo tempo, a identidade de famílias oriundas dos Balcãs e da Europa Central, que chegaram ao país no final do século XIX. Trata-se de uma enganosa generalização, sem dúvida, pois que o espaço e o tempo modificam sensivelmente a constituição desses "sujeitos" (Teixeira, 2008, p. 2010).

É importante enfatizar que os povos ciganos fazem parte da História do Brasil desde o início da colonização. As primeiras menções feitas datam por volta do século XVI e as vindas ocorreram tendo por fato motivador o degredo. Posteriormente, em inúmeras ondas migratórias, os diferentes grupos étnicos Rom, Calon e Sinti, passaram a ocupar várias áreas da Colônia, desde sempre rodeados por preconceitos, discriminações e estigmas.

As características depreciativas atribuídas pelos não ciganos se construíram no decorrer do tempo, embasadas em mitos e narrativas de cunho religioso. Elas são fortemente usadas para justificar a segregação pela diferença de seus costumes e crenças. Neste contexto, a identidade cigana é associada à propensão a atividades ilícitas. Essas características aparecem como imutáveis, hereditárias, por isso o indivíduo, por ser cigano, estaria fadado a apresentar determinados atributos e, conseqüentemente, a desenvolver comportamentos desviantes.

Tendo em vista as visões estereotipadas, construídas acerca da comunidade cigana, podemos observar que, segundo Rezende:

Os ciganos têm sido retratados como estrangeiros, nômades, criminosos, grupo racial e grupo étnico. Ainda há considerável confusão e desacordo sobre a identidade precisa do grupo. “No imaginário gadjo, isto é, não- cigano, os ciganos são representados de diversas maneiras, através de imagens paradoxais. A imagem do cigano pode representar liberdade, alegria e tradição, ou, por outro lado, indolência, marginalidade e parasitismo” (Rezende, 2000, p. 7).

Nesta conjuntura, uma outra perspectiva do ensino de História se apresenta como elemento fundamental para romper barreiras geradas pelos preconceitos que permeiam a sociedade. Compreende-se que, através do estudo e do ensino da história dos povos ciganos e que, a partir de uma visão decolonial, possam se promover as condições necessárias ao empoderamento de grupos até então marginalizados.

Desta forma, a partir de uma intervenção decolonial/intercultural, espera-se combater a perpetuação de estereótipos negativos e futuras práticas discriminatórias contra esses grupos.

## **5- SUGESTÕES DE ATIVIDADES E AULAS EM INCENTIVO À CULTURA CIGANA**

### **CALENDÁRIO (VIVÊNCIA DO DIA DOS POVOS CIGANOS)**

A Educação Básica no Brasil é organizada, em seus diferentes níveis e modalidades de ensino, a partir de um calendário escolar. Neste calendário encontramos toda organização de períodos de formação, avaliações, reuniões com pais, feriados, recessos e datas comemorativas, que geralmente são celebradas junto à comunidade escolar. Contudo, muito do que ainda é possível se observar desse

calendário condiz com a priorização de uma educação ainda na visão do colonizador, baseada em uma história das elites sem que as minorias e comunidades tradicionais no Brasil tenham uma real valorização da sua trajetória na história.

Neste cenário, é preciso inserir a educação em um contexto que possibilite a vivência no universo de todas as culturas que permeiam uma determinada comunidade escolar. Aos povos ciganos foram estabelecidas pelo menos três datas que remetem às suas tradições e que precisam ser mencionadas e lembradas nas atividades escolares: 08 de abril, 24 de maio e 02 de agosto.

No dia 08 de abril é comemorado o Dia Internacional dos Povos Ciganos. Este dia foi estabelecido no ano de 1971 uma vez que foi nesta data que se realizou o Primeiro Encontro Internacional de Ciganos. O evento aconteceu em Orpington, nas proximidades de Londres, na Inglaterra. A partir de então a data foi institucionalizada pela ONU, como *International Romani Day*. No Brasil, os povos ciganos só passaram a figurar como minoria étnica a partir da constituição de 1988.

Já o dia 24 de maio foi estabelecido no ano de 2006 como o Dia Nacional dos Povos Ciganos em reconhecimento à contribuição dos povos ciganos na formação étnica do território brasileiro.

E no dia 02 de agosto rememora-se o genocídio dos povos ciganos, também chamado de Porajmos. Nesta data procura-se refletir acerca dos acontecimentos do holocausto cigano, considerado como o holocausto esquecido, lembrando o extermínio em massa de cerca de 500 mil ciganos a partir da política nazista instituída na Alemanha sob a liderança de Adolf Hitler.

A partir das informações apresentadas, é possível se construir um calendário cultural inserindo as datas que se referem a elementos da cultura ciganas, que junto ao dia destinado aos povos originários (19/04) e ao Dia da Consciência Negra (20/11) possam ser utilizadas como exemplo de pluralidade e equidade. Vale salientar que a preservação e rememoração de aspectos de diferentes culturas não devem estar apenas condicionadas a uma data específica, uma vez que tais relações de valorização e respeito devem se construir no cotidiano, todavia, a construção deste calendário tem por objetivo inserir os grupos ciganos e suas vivências em atividades que até então eram negligenciadas.

## RECURSOS:

MATERIAIS	CARGA- HORÁRIA	SÉRIES
<ul style="list-style-type: none"><li>• Projetor</li><li>• Notebook</li><li>• Quadro branco</li><li>• Texto impresso ou pincéis</li><li>• Cartolina ou colorset</li><li>• Colar imagens</li><li>• Fita adesiva</li></ul>	2 aulas (100 minutos)	A atividade pode ser desenvolvida em todas as turmas do Ensino Fundamental II, os anos finais (6º ao 9º ano)

## ROTEIRO:

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO E DURAÇÃO
Atividade 01	Estudo acerca das datas de rememoração e comemoração para os povos ciganos	45 minutos
Atividade 02	Produção (calendário)	45 minutos
Avaliação	Observação do professor e debate	10 minutos

## DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

### ATIVIDADE 01- PROBLEMATIZAÇÃO DATEMÁTICA

O professor deve explanar acerca do conceito de calendário, problematizando as razões para que determinadas datas constem nos calendários e outras não. Cabe ao professor provocar o debate e a reflexão dos alunos acerca das questões que determinam a elegibilidade para a comemorações de datas específicas, como também no que se refere à intensidade das comemorações.

Um exemplo para tais problematizações pode partir de comparações das comemorações de datas como o 7 de setembro (Dia da Independência do Brasil) e o 20 de novembro (Dia da Consciência Negra). Como também se faz importante o debate acerca da ausência de datas que tratem de elementos importantes da cultura cigana.

## ATIVIDADE 02- PRODUÇÃO DE CALENDÁRIO

Neste momento, o professor deve eleger, junto aos alunos, novas datas a serem inseridas no calendário escolar. Datas como os dias Nacional e Internacional dos Ciganos, dia do Orgulho Cigano e datas significativas para a comunidade cigana local. Após a escolha, os alunos junto com o professor, a partir dos recursos escolhidos para o desenvolvimento do projeto, devem produzir o calendário e fixar em sala de aula.

## AVALIAÇÃO

O objetivo da primeira atividade centra-se no reconhecimento, pelos estudantes, da necessidade de organização e inserção nas atividades escolares da história e cultura dos povos ciganos, compreendendo estes como merecedores de compartilhamento da sua memória histórica.

Para ler mais:



Livro – Como ser um professor antirracista (Bárbara Carine)

Livro – História dos ciganos no Brasil (Rodrigo Correia Teixeira)

Para assistir:



Dia Nacional do Cigano – pesquisadora da UFMG e casal falam sobre povos no Brasil ([youtube.com](https://www.youtube.com))

## **Podcast – Cultura Cigana**

O *podcast* se configura como um material desenvolvido no formato de áudio, semelhante a um programa de rádio. Contudo, o *podcast* se diferencia pelo fato de o material ficar disponível para que o consumidor escute quando quiser, uma vez que não é um programa ao vivo. Desta maneira o *podcast* se apresenta como um excelente recurso para o compartilhamento de conhecimentos. Desta forma, podemos compreender que o *podcast*, representa uma boa oportunidade de comunicação, com a proposta de levar mais informação e educar o público, além de produzir materiais que sejam criativos e entretendam o público, em formato de áudio.

Neste tópico, procura-se utilizar o *podcast* como uma estratégia para gerar informativos acerca de elementos relevantes à cultura *Romá*. A ideia é que professores e alunos elejam tópicos relevantes a serem discutidos sobre a comunidade cigana local. Como a trajetória das famílias até a cidade a qual fica situada a escola, como também elementos referentes à sua ancestralidade: as tradições como leitura de mão, funerais, danças, crenças religiosas, culinária, roupas entre outros.

Devido à necessidade do desenvolvimento de habilidades voltadas as questões tecnológicas, acredita-se que esta atividade se encaixe de forma mais significativa para alunos dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

### **RECURSOS:**

<b>MATERIAIS</b>	<b>CARGA- HORÁRIA</b>	<b>SÉRIES</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Roteiro para entrevistas</li><li>• Celulares ou gravadores de áudio</li><li>• <i>Notebook</i></li><li>• Caixa de som</li></ul>	<b>4 aulas (200 minutos)</b>	<b>9º ano, Fundamental II</b>

## ROTEIRO:

ATIVIDADES PREVISTAS	CARGA-HORÁRIA	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	50 minutos	Pesquisa sobre a história e cultura da comunidade cigana local	1 aula
Atividade 02	50 minutos	Divisão de grupo e sorteio de temas	1 aula
Atividade 03	50 minutos	Produção/gravação de <i>podcast</i>	1 aula
Atividade 04	50 minutos	Socialização de atividades produzidas e debate	1 aula

## DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

### ATIVIDADE 01 - CONCEITUAÇÃO DE *PODCAST*/ PROBLEMATIZAÇÃO DA HISTÓRIA DOS POVOS CIGANOS

No primeiro momento, o professor deverá explanar com seus alunos sobre a importância do estudo da história e cultura cigana da sua comunidade. Em seguida, o professor deverá explicar o conceito de *podcast* e o passo a passo para a produção. Neste momento, o professor deverá expor os temas a serem desenvolvidos.

### ATIVIDADE 02 - DIVISÃO DE GRUPOS E ORGANIZAÇÃO DE ROTEIRO

Nesta etapa, o professor deverá fazer sorteio dos temas e a divisão de grupos para pesquisa e produção. Após o sorteio, cada grupo deverá organizar o roteiro para a produção do *podcast*. Neste roteiro, o aluno deverá escolher um membro da comunidade cigana para que seja o entrevistado.

### ATIVIDADE 03 - PRODUÇÃO DE *PODCAST* E EDIÇÃO DE MATERIAL

Neste momento, os alunos deverão gravar o *podcast*, de preferência junto ao professor, para que o mesmo possa fazer as devidas intervenções.

## ATIVIDADE 04 - SOCIALIZAÇÃO DE *PODCAST*

A última etapa desta atividade consiste na socialização dos arquivos produzidos pelos alunos. Neste momento, o professor deverá provocar um debate acerca do conhecimento produzido.

### AVALIAÇÃO

Nesta atividade espera-se que alunos ciganos ou não-ciganos possam vislumbrar um conhecimento mais profundo acerca desta etnia. O professor deve observar se o aluno não-cigano, após realizar a atividade, pode comparar elementos semelhantes ou diferentes à sua cultura. Também se espera que o aluno se aproprie de forma mais significativa da pluriculturalidade presente em seu meio.

Para o aluno cigano, espera-se que participação de pessoas da sua comunidade em uma atividade escolar, possa ressignificar elementos do seu povo, reafirmando referências positivas presentes em sua comunidade.

Para ler mais:



Ensinando a Transgredir- Bell Hooks/ Que História você quer contar?  
Caminhos Para uma Educação Decolonial (Tatiana Fuly)

Para assistir:



Como fazer um podcast: 8 passos que vão te levar ao sucesso! ([mlabs.com.br](http://mlabs.com.br))

Documentário - CIGANOS: Povo Invisível ([youtube.com](https://www.youtube.com))

## Intercâmbio de Saberes

No estado de Pernambuco as duas maiores comunidades ciganas se encontram localizadas no sertão e são respectivamente Petrolina e Ouricuri. Além disso, outra grande concentração dos povos *Romá* está localizada na cidade de Souza, no estado da Paraíba. Contudo, no que tange ao contexto educacional, as cidades não se relacionam, mesmo com desafios semelhantes no processo de ensino-aprendizagem a povos *Romá*.

Partindo do pressuposto de que a troca de experiência em instituições de ensino com problemáticas semelhantes é de grande relevância para o sucesso no processo educativo, esta proposta objetiva um intercâmbio de saberes entre escolas de diferentes localidades que atendam crianças e adolescentes ciganos. Deste modo, os alunos ciganos das referidas instituições apresentam seus projetos de pesquisa abfim de se trocar experiências exitosas.

Desta forma, a atividade também possibilita aos docentes um diálogo no qual seria possível o compartilhamento mútuo de ideias. As trocas poderiam acontecer tanto no formato presencial como no virtual, dando aos estudantes conhecerem realidades semelhantes às suas, como também encontrar inspirações para desenhar seus futuros.

Os encontros devem ser realizados semestralmente, quando cada escola apresentaria experiências exitosas, promovendo o enriquecimento de saberes para docentes e discentes de forma mútua e significativa.

Os encontros podem ser organizados entre duas escolas e cada uma poderá apresentar 3 projetos voltados à valorização da contribuição dos povos *Romá* para a sociedade brasileira. O tempo de duração deverá ser ajustado às particularidades das pesquisas que serão expostas neste projeto.

### RECURSOS:

MATERIAIS	CARGA-HORÁRIA	SÉRIE/ANO
<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Notebook</i></li><li>• <i>Microfone</i></li><li>• <i>Projektor</i></li><li>• <i>Caixa de som</i></li><li>• <i>Rede de internet</i></li></ul>	2 horas/aulas	9º ano

## **ROTEIRO:**

<b>ATIVIDADES PREVISTAS</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>PREVISÃO/ DURAÇÃO</b>
<b>Atividade 01</b>	<b>Planejamento com os alunos para o intercambio dos saberes</b>	<b>100 minutos</b>
<b>Atividade 02</b>	<b>Realização de intercâmbio</b>	<b>150 minutos</b>
<b>Atividade 03</b>	<b>Produção de texto como relato de experiência vivida</b>	<b>100 minutos</b>

## **DESENVOLVIMENTO:**

### **ATIVIDADE 01: ORGANIZAÇÃO**

Neste momento, professores e alunos deverão eleger as atividades bem-sucedidas dentro dos projetos voltados à valorização da história e cultura cigana e organizar suas respectivas apresentações.

### **ATIVIDADE 02: INTERCÂMBIO DE SABERES**

Neste momento, os professores e alunos das diferentes comunidades deverão apresentar suas experiências.

### **ATIVIDADE 03: PRODUÇÃO DE RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Após a experiência de contato com outros alunos em situações semelhantes às suas, os alunos deverão produzir um relato de experiência com no mínimo 20 linhas, explanando acerca das semelhanças e diferenças que encontraram ao realizar o projeto.

## **OFICINA PARA A PRODUÇÃO DE REMÉDIOS CASEIROS (MEDICINA NATURAL)**

Esta proposta visa integrar de forma mais efetiva a comunidade cigana existente no município com a comunidade escolar na qual a atividade será desenvolvida.

Esta proposta pode ser realizada através de uma oficina para pais e alunos. A ideia é que se convidem indivíduos da comunidade cigana para ofertar ensinamentos acerca da produção de remédios caseiros que foram transmitidos através dos seus ancestrais e suas funcionalidades.

#### RECURSOS:

MATERIAIS	CARGA-HORÁRIA	SÉRIE/ANO
A critério do formador	2 aulas	Todos os anos do ensino Fundamental II

#### ROTEIRO 01: PARA PAIS E MEMBROS DA COMUNIDADE ESCOLAR

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	Explicação feita por indivíduo <i>Romá</i> sobre conhecimentos acerca de medicamentos naturais	1 aula (100 minutos)
Atividade 02	Produção de medicamentos naturais	1 aula

#### ROTEIRO 02: PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II.

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	Pesquisa sobre remédios naturais desenvolvidos pela comunidade cigana local	1 aula (50 minutos)
Atividade 02	Produção de medicamentos naturais	1 aula
Atividade 03	Socialização da produção em sala e suas funcionalidades	1 aula

## **PARA MEMBROS DA COMUNIDADE ESCOLAR**

A atividade proposta é ideal para reuniões ou encontros da família na escola. Cabe ao corpo docente da unidade escolar convidar uma pessoa cigana, a fim de ministrar a oficina. Após a explanação acerca das funcionalidades dos ingredientes propostos para a produção dos medicamentos caseiros, deverá se iniciar a produção dos mesmos.

## **PARA OS ALUNOS (CIGANOS E NÃO CIGANOS) DA UNIDADE ESCOLAR**

### **ATIVIDADE 01- EXPLANAÇÃO ACERCA DA RELEVÂNCIA DOS MEDICAMENTOS CASEIROS E SUA IMPORTÂNCIA NA HISTÓRIA.**

A ideia desta atividade concentra-se na troca de conhecimentos entre a comunidade cigana e os demais grupos étnicos que fazem parte da unidade escolar.

Em sala, o professor deverá explanar sobre a importância dos medicamentos caseiros, e como estes se caracterizam como elementos culturais para vários grupos étnicos no Brasil. Cabe ao professor problematizar como a medicina fitoterápica ou artesanal esteve presente em diferentes momentos da história. Cabe ao professor também, dividir a classe em grupos, que deverão ser compostos preferencialmente por um aluno cigano, que ficarão encarregados em conduzir o projeto. Caso não a sala não possua alunos ciganos o suficiente para compor cada grupo, é interessante que aqueles que estão no outro grupo façam a ponte entre seus colegas e a sua comunidade para que todos tenham a oportunidade de desenvolver o projeto.

### **ATIVIDADE 02- PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DOS MEDICAMENTOS**

De início, as crianças *Romá* deverão escolher pessoas de sua comunidade, ou parentes, que possuam conhecimentos acerca da produção e medicamentos caseiros. Em seguida, com seus respectivos grupos, devem organizar uma entrevista para compreender o processo de produção e a funcionalidade dos medicamentos naturais.

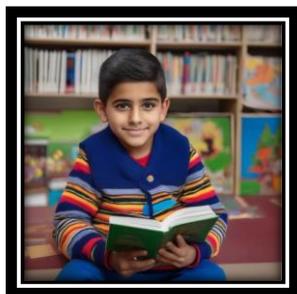
### **ATIVIDADE 03- SOCIALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Após a realização das entrevistas, os alunos deverão produzir os medicamentos que serão utilizados no momento de socialização do projeto. A última etapa da atividade consistirá na socialização da produção desenvolvida na aula anterior. Os discentes deverão apresentar em sala, qual medicamento foi produzido, qual a sua funcionalidade, como também apresentar o *Romá* que lhe auxiliou na pesquisa e desenvolvimento.

### **AVALIAÇÃO**

O objetivo desta atividade consiste no compartilhamento de saberes entre diferentes grupos étnicos presentes na comunidade escolar. Cabe ao professor observar se a percepção acerca deste compartilhamento foi assimilada pelos alunos. No momento final após a socialização da pesquisa, o professor deverá explicar para seus alunos sobre a importância de se resgatar estes conhecimentos, e a importância de se buscar diferentes saberes que estão presentes em uma mesma sociedade.

**Para ler mais:**



**Artigos Remédios naturais: o que são e como funcionam no organismo? - NE Sua fonte de Cultura POP (naoesqueci.com.br)**

**IV - MEDICINA MÁGICA DOS CIGANOS - A) Magia - B) Remédios Caseiros - c0 Homens Árvores - D) Cromotera | PDF | Árvores | Maçã (scribd.com)**

## BINGO HISTÓRICO

O bingo se apresenta como uma atividade lúdica e dinâmica na qual o educando se apropria de diferentes conceitos se divertindo. Para o ensino de História, o bingo pode auxiliar na aprendizagem, facilitando a compreensão de determinados tópicos.

Nesta atividade professor deverá apresentar informações que versem sobre as diferentes etnias ciganas, sua distribuição geográfica, a língua, a cultura etc. Após a devida explanação, o professor deverá executar o bingo com o objetivo de verificar a aprendizagem desenvolvida durante o processo.

### RECURSOS:

MATERIAS	CARGA-HORÁRIA	SÉRIES
<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Notebook</i></li><li>• Projetor</li><li>• Quadro-branco</li><li>• Pincel</li><li>• Cartelas impressas</li><li>• Tabela com perguntas a serem sorteadas</li><li>• Microfone</li><li>• Caixa de som</li><li>• Premiação</li></ul>	2 aulas (100 minutos)	6º e 7º ano do Fundamental II

### ROTEIRO

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	Explanação acerca das diferentes etnias do povo <i>Romá</i> e suas particularidades como: localização geográfica, língua e cultura	1 aula (50 minutos)
Atividade 02	Realização do bingo fica a critério do professor, se a premiação será pelas colunas ou apenas por cartelas fechadas	1 aula (50 minutos)

## **DESENVOLVIMENTO**

### **ATIVIDADE 01: APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA**

No primeiro momento o professor deverá apresentar aos docentes as diferenças culturais de cada etnia cigana, trazendo elementos como a concentração populacional no Brasil e no mundo, língua, costumes, culinária, vestimentas etc.

### **ATIVIDADE 02: O BINGO**

Após uma seleção prévia de conhecimentos acerca da cultura cigana, o professor deverá distribuir as cartelas que deverão apresentar conceitos e respostas aleatórias que posteriormente deverão ser sorteados pelo professor. Os papéis contendo os conceitos deverão ser depositados em uma urna ou saco plástico para posteriormente serem sorteadas. Por sua vez, as cartelas entregues aos alunos deverão conter as respostas das perguntas sorteadas pelo professor.

Em sala de aula, o educador irá sorteando aleatoriamente até que algum educando consiga alcançar a meta estabelecida pelo professor (coluna ou cartela completa). As crianças irão conferir se possuem a resposta para a pergunta sorteada pelo professor.

### **AVALIAÇÃO**

O objetivo da atividade centra-se no conhecimento, pelos estudantes, de elementos da cultura *Romá*, como também as suas particularidades. A dinâmica do jogo também é ideal para o desenvolvimento de habilidades com atenção, reflexão e agilidade dos educandos.

Para ler mais:



Jogos para dinamizar suas aulas de História (Ou outra disciplina) - ([ensinarhitoria.com.br](http://ensinarhitoria.com.br))

Revista Educação Pública - Bingo em sala de aula: ensino de História do Maranhão a partir de um recurso pedagógico ([cecierj.edu.br](http://cecierj.edu.br)).

## **CONSTRUÇÃO DE ÁRVORES GENEALÓGICAS A RESPEITO DAS FAMÍLIAS CIGANAS DA COMUNIDADE ESCOLAR**

Esta proposta visa apresentar as famílias ciganas de uma determinada cidade e sua ancestralidade. A ideia é que os educandos não ciganos que convivam com alunos ciganos investiguem a ancestralidade do colega *Romá*.

Tendo em vista que a árvore genealógica é a representação gráfica e simbólica do histórico da ancestralidade familiar de um sujeito, apresentando de forma organizada os seus descendentes e ascendentes, os estudantes devem realizar uma investigação acerca de dados dos ancestrais dos colegas que pertençam à etnia cigana e que são a base de formação das suas famílias.

Para fazer a árvore genealógica é necessário descobrir de onde vieram os seus ancestrais, o que deve ser feito buscando a origem dos sobrenomes do pai e da mãe ou mesmo através da oralidade, a partir das memórias dos mais velhos da comunidade.

Os estudantes ciganos devem solicitar apoio em casa para a coleta dessas informações. Como ponto de partida, o professor pode orientar os estudantes a buscarem o nome do ancestral mais antigo que se conseguiu os dados, e partir desta pessoa na busca de informações dos seus descendentes até chegar ao membro mais novo da sua família.

## RECURSOS

MATERIAIS	CARGA-HORÁRIA	SÉRIES
<ul style="list-style-type: none"><li>• Quadro</li><li>• Pinceis</li><li>• Papel madeira</li><li>• Cola</li><li>• Fita adesiva</li><li>• Projetor</li><li>• <i>Notebook</i></li><li>• Caixa de som</li></ul>	4 aulas (200 minutos)	6º e 7º ano do Ensino Fundamental

## ROTEIRO

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	Exposição oral do professor a respeito dos conceitos de ancestralidade; Exibição dos vídeos. (3) como fazer uma árvore genealógica da família (youtube)	
Atividade 02	Divisão de grupos e coleta de dados	2 aulas (100 minutos)
Atividade 03	Produção da árvore	2 aulas (100 minutos)

## DESENVOLVIMENTO

### ATIVIDADE 01

A partir da exposição oral e da exibição do vídeo pelo docente, os alunos podem ser divididos em grupos de até 5 componentes, onde receberão a missão da investigação da ancestralidade dos seus colegas. Na ausência de um educando cigano, poderá se investigar a ancestralidade de algum membro da comunidade cigana que se disponibilize a contribuir com a atividade. Nesta atividade seria interessante apresentar a cidade, estado e país de origem dos antepassados do sujeito investigado, para que se compreenda um pouco sobre a sua trajetória de vida.

## ATIVIDADE 02

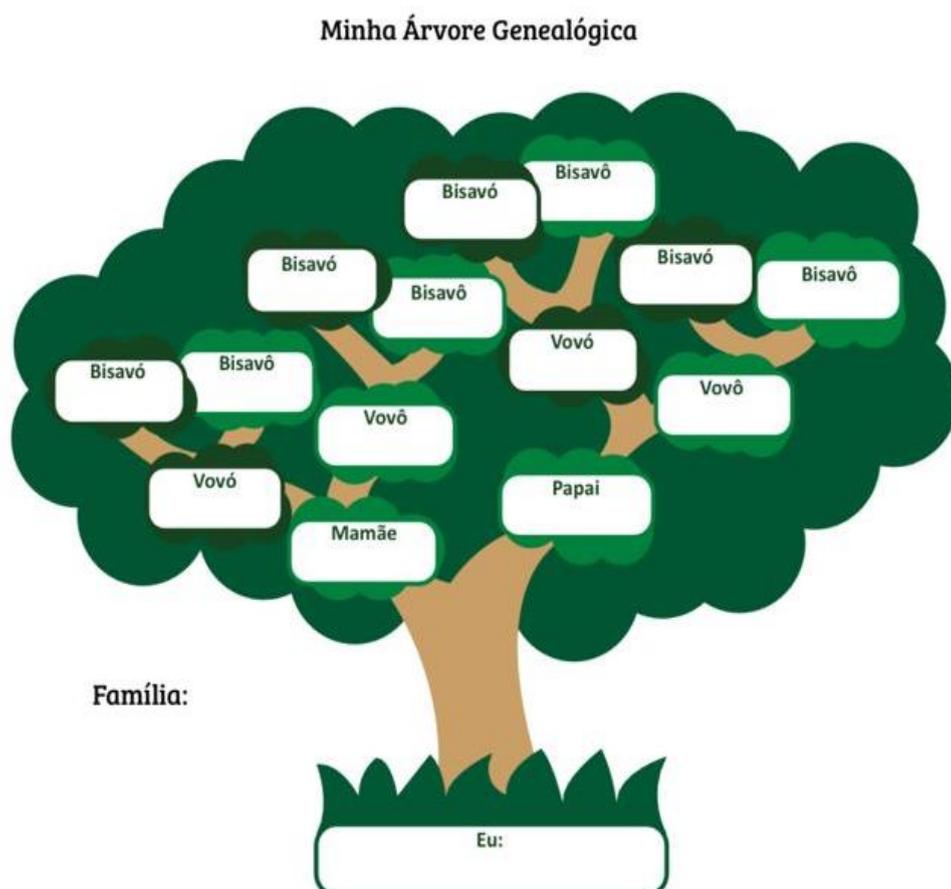
Neste momento o professor deverá organizar as equipes para que se possa estabelecer um aluno cigano para cada grupo. Na ausência de aluno cigano para todos os grupos, a ideia é se substitua esse aluno por indivíduo da etnia *Romá* que se disponibilize a participar deste projeto.

## ATIVIDADE 03

A partir da investigação, os alunos poderão ilustrar uma árvore já impressa pelo professor, como também desenhá-la em papel madeira ou cartolina.

## AVALIAÇÃO

Observar se os estudantes compreendem as especificidades da história de vida e a origem familiar de um indivíduo cigano. Analisar se os educandos são capazes de identificar o legado deixado por suas famílias ciganas e sua contribuição para a formação da sociedade, como também falar abertamente sobre aquilo que consideram como influências positivas e negativas na trajetória do indivíduo investigado.



## PRODUÇÃO DE MAPAS TEMÁTICOS

Este tópico propõe uma atividade interdisciplinar para a produção de mapas temáticos que apontem a localização, no Brasil e no mundo, dos chamados ciganos. A ideia é de se ilustrar mapas pré-elaborados com os diferentes grupos ciganos nas diferentes regiões do planeta.

Os mapas podem ser elaborados em diferentes escalas: locais, municipais, estaduais, por regiões, países, continentes. Desta forma, é possível se compreender a dispersão dos povos ciganos pelas diferentes regiões do mundo.

O projeto também poderá contemplar as divisões familiares de cada etnia *Romá* no planeta, como também os ofícios, a língua e a cultura de cada localidade.

## RECURSOS

MATERIAIS	CARGA – HORÁRIA	SÉRIES
<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Notebook</i></li><li>• Projetor</li><li>• Mapas impressos</li><li>• Papel madeira/cartolina</li><li>• Lápis de cor</li><li>• Pincéis</li><li>• Fita adesiva</li><li>• Cola</li></ul>	2 horas de aula	6º, 7º e 9º ano do Ensino Fundamental II

## ROTEIRO

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	Análise de mapas com a localização das diferentes etnias ciganas no Brasil e no mundo	2 aulas (100 minutos)
Atividade 02	Produção de mapas	2 aulas (100 minutos)

## **DESENVOLVIMENTO**

### **ATIVIDADE 01**

Esta estratégia se aplica a uma atividade interdisciplinar envolvendo as disciplinas de História e Geografia. Neste momento os professores das referidas disciplinas deverão expor aos alunos mapas temáticos sobre diferentes assuntos que apontem a dispersão do povo ciganos pelo mundo, as localidades as quais estão concentradas as diferentes etnias, línguas, famílias, ofícios etc. Cabe também aos docentes apresentar a comunidade nas cidades, estados e regiões do nosso país.

### **ATIVIDADE 02**

Após a exposição oral do professor, o segundo momento desta atividade consiste na ilustração de mapas temáticos, criando legendas para especificar os diferentes temas apresentados no mapa. Ao organizar grupos de 4 a 6 componentes, o professor deverá sortear ou distribuir as temáticas a serem expostas nos mapas. Esta estratégia será também de extrema importância para o desenvolvimento de habilidades básicas de cartografia, noções de tempo e espaço, como também exercitar desenvolvimentos relacionadas com o trabalho em equipe como gerenciamento do tempo, comunicação e resolução dos problemas.

Por fim, os mapas deverão ser expostos em sala ou nos corredores da escola, a fim de se divulgar de forma mais abrangente os tópicos estudados no decorrer das aulas.

Outra sugestão parte da ideia de que os mapas produzidos por alunos das turmas de 8º e 9º anos sejam socializados com alunos das turmas de 6º e 7º anos, e da mesma maneira, os alunos dos 6º e 7º anos socializarem com alunos dos 5º anos do Ensino Fundamental.

## AVALIAÇÃO

O professor deverá observar se a apropriação dos alunos sobre os conceitos aconteceu de forma significativa e contextualizada, possibilitando a compreensão e interpretação de habilidades geográficas da forma correta.

Para ler mais:



Mapas temáticos e suas informações geográficas- Planos de aula - 9º ano- Geografia ([novaescola.org.br](http://novaescola.org.br))

Para assistir:



COMO CRIAR UM MAPA TEMÁTICO | DICA PEDAGÓGICA  
([youtube.com](https://www.youtube.com))

Criando um mapa temático do zero no QGIS (mapa de biomas)  
([youtube.com](https://www.youtube.com))



## OFICINA CULTURAL- MINHA NAÇÃO CIGANA / VIVÊNCIA

***O céu é o nosso teto, a terra é a nossa pátria e a liberdade é a nossa religião***

Nessa oficina propõe-se ofertar a alunos ciganos e não ciganos um conhecimento acerca da origem, trajetória, grupos étnicos, e elementos culturais comuns aos povos ciganos no Brasil. Neste ciclo pode ser desenvolvido um estudo acerca da chegada dos povos ciganos no Brasil, as principais etnias que ocupam nosso país (*Rom, Sinti e Calon*), a respeito da dança, da bandeira, festas e de outros elementos. Também seria importante o convite de uma pessoa cigana da comunidade, a fim de compartilhar sua trajetória e costumes.

Outro fator importante e pouco conhecido é a bandeira representante dos povos ciganos



## RECURSOS

MATERIAIS	CARGA – HORÁRIA	SÉRIES
<ul style="list-style-type: none"><li>• Projetor</li><li>• Slides/ power point</li><li>• Quadro</li><li>• Cartolina/papel A4</li><li>• Lápis de cor</li><li>• Pincéis</li><li>• Tinta guache</li><li>• Papel crepom</li></ul>	2 horas de aula (100 minutos)	6º, 7º e 9º ano do Ensino Fundamental II

## ROTEIRO

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	Exposição oral sobre as tradições ciganas	25 minutos
Atividade 02	Estudo do significado e simbolismos presentes na bandeira cigana	25 minutos
Atividade 03	Pintura ou colagem da bandeira cigana	50 minutos

## DESENVOLVIMENTO

### ATIVIDADE 01

Este momento se direciona à apresentação da bandeira e explanação do seu significado, que pode ser de extrema relevância para a positivação e desentranhamento da visão de pessoas não ciganas, como também para a possibilidade de reforçar a identidade, gerando o orgulho a aluno que pertença aos povos *Romani*.

## **ATIVIDADE 02**

Nesta segunda etapa o professor deverá explicar acerca dos significados dos símbolos presentes na bandeira cigana. Caberá ao professor apresentar o simbolismo e suas respectivas significações.

## **ATIVIDADE 03**

Produção, Ilustração, pintura ou colagem da bandeira dos povos ciganos.

Os alunos, divididos em grupos ou individualmente, deverão colorir a bandeira cigana previamente impressa pelo professor. Em seguida, em parceria com os professores de língua portuguesa, os educandos deverão produzir uma poesia a respeito da bandeira *Romá*.

## **TEXTO DE APOIO**

### **A BANDEIRA COMO SÍMBOLO DE UM GRUPO, TEM UM SIGNIFICADO “ENCANTADO”**

Esta bandeira foi instituída como símbolo internacional de todos os ciganos do mundo no ano de 1971, pela *Internacional Gypsy Committee Organized no First World Romani Congress*, realizado em Londres. A roda vermelha no centro da bandeira simboliza a vida, representa o caminho a percorrer e o já percorrido. A tradição, como continuísmo eterno, sobrepõe-se ao azul e ao verde, com os seus aros representando a força do fogo, da transformação e do movimento. O azul representa os valores espirituais, a paz, a ligação do consciente com os mundos superiores, significando libertação e liberdade. O verde representa a Mãe Natureza, a terra, o mundo orgânico, a força da luz do crescimento vinculado com as matas, com os caminhos desbravados e abertos pelos ciganos; representa o sentimento de gratidão e respeito pela terra, de preservação da natureza pelo que ela nos oferece, proporcionando a sobrevivência do homem e a obrigação de ser respeitada pelo homem, que dela retira os seus suprimentos, devendo mantê-la e defendê-la.

## “TV FAMA” CIGANO

Em diversas sociedades, a convivência com alunos não ciganos nem sempre ocorre de forma salutar. Devido a consequências do anticiganismo, muitos jovens ciganos negam sua identidade por medo de sofrer com o racismo. Nestas circunstâncias a criação de uma memória positiva acerca do legado do povo cigano pode ser de grande importância para crianças e adolescentes que frequentam as unidades de ensino no Brasil.

Portanto, esta proposta tem como intuito apresentar pessoas consideradas famosas ou que se destacaram nos cenários econômicos, políticos e culturais e que pertençam aos povos ciganos. Propõe-se a criação de um mural, e neste expõem-se imagens de personalidades ciganas, sua história e sua contribuição para a sociedade.

No contexto internacional temos Elvis Presley, Charlie Chaplin, Michael Caine, Pablo Picasso, Shayne Ward como mais famosas representações. No Brasil temos os presidentes da república Washington Luis (Calon) Juscelino Kubitscheck (Rom), a escritora Cecília Meireles (Rom), o ator e comediante Dedé Santana (Sinti), o cantor Tayrone (Calon), a dupla sertaneja Edy Brito e Samuel (Calon), o cantor e compositor Benito de Paula, Renato Teixeira, o compositor Wagner Tiso (Sinti), a cantora Rosana e o Palhaço Carequinha (George Savalla Gomes) Deste modo, o professor poderá levar o material impresso para que os alunos possam construir o mural que, junto à imagem da personalidade, poderá incluir o resumo da biografia. Ademais, cabe ao professor inserir artistas ou outras personalidades da comunidade escolar e de sua região que também tenham ascendência cigana promovendo, assim, uma aproximação, e dando significância ao projeto.

## RECURSOS

MATERIAIS	CARGA – HORÁRIA	SÉRIES
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Projektor</b></li><li>• <b>Slides/ <i>Power point</i></b></li><li>• <b>Quadro</b></li><li>• <b>Cartolina/papel A4</b></li><li>• <b>Imagens impressas</b></li></ul>	<b>2 horas de aula (100 minutos)</b>	<b>6º, 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II</b>

## ROTEIRO

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	Exposição oral para apresentar as personalidades e intelectuais ciganos no Brasil e no mundo	2 aulas (100 minutos)
Atividade 02	Produção de mural com as personalidades	2 aulas (100 minutos)

## DESENVOLVIMENTO

### ATIVIDADE 01

Em um primeiro momento o docente deverá apresentar à sua turma imagens de personalidades ciganas reconhecidas através da mídia. Deve-se também apresentar a qual etnia *Romá* pertence e a sua biografia. Por fim, deve se promover um debate consultando alunos, quais destas personalidades inspiraram os alunos, e em seguida escolher quais personalidades irão compor o mural.

### ATIVIDADE 02

O professor deverá dividir a sala em grupos de até 5 componentes, distribuir o material, auxiliando na construção do mural. Para finalizar, os alunos deverão socializar sua produção com os demais colegas, enfatizando os motivo para a escolha dos seus homenageados no mural.

### AVALIAÇÃO

O objetivo desta atividade encontra-se na positivação em relação à memória cigana, com o objetivo de inspirar os alunos ciganos com novas referências, a fim de ressignificar a sua história. Para os alunos não ciganos, a proposta visa desenvolver

uma consciência positiva em relação ao povo cigano, a fim de se combater ações racistas e discriminatórias no ambiente escolar.

**Para ler mais:**



**O guia cigano - Catraca Livre**

**ciganos personalidades historia (ciganasdcoracao2.wixsite.com)**

**Revista Educação Pública - Bingo em sala de aula: ensino de História do Maranhão a partir de um recurso pedagógico. (cecierj.edu.br).**

**PUNHALGITANO.: CIGANOS FAMOSOS ...BRASILEIROS .  
(cezarinadevos.blogspot.com)**

**Para assistir:**



**Trabalhe com mais eficiência com o sistema operacional de trabalho (Work OS) da monday.com (youtube.com)**

**Especial Ciganos 1 - Conheça o fascínio do povo**

## PEÇA DE TEATRO- HOMENAGEM A PERSONALIDADES CIGANAS



Utilizando o aporte teórico da atividade do TV Fama, o professor poderá conduzir a uma nova atividade, organizando uma peça teatral em homenagem às personalidades ciganas no contexto nacional e internacional.

Como sugestão, o professor deverá escolher alunos ciganos para representar as personalidades e intelectuais. É ideal que a escolha seja feita junto ao aluno, considerando a personalidade que despertou a simpatia de cada aluno.

Como roteiro da peça, o professor pode sugerir um reunião fictícia onde estariam reunidas todas as personalidades ciganas, que profeririam frases que marcaram as suas trajetórias de vida.

O professor também poderá criar junto aos alunos seu próprio roteiro e enredo da peça.

### RECURSOS

MATERIAIS	CARGA – HORÁRIA	SÉRIES
<ul style="list-style-type: none"><li>• Projetor</li><li>• Slides/ <i>point</i></li><li>• Quadro</li><li>• Pincel</li></ul> <i>Power</i>	2 horas de aula (100 minutos)	6º, 7º e 9º ano do Ensino Fundamental II

## ROTEIRO

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	Exposição oral para apresentar as personalidades e intelectuais ciganos no Brasil e no mundo	2 aulas (100 minutos)
Atividade 02	Produção, roteiro para peça teatral em homenagem a personalidades Romá no Brasil e no mundo.	2 aulas (100 minutos)



Tayrone – Calon



Dedé Santana – Sinti



Juscelino Kubitschek – Rom



Cecília Meireles – Rom

## OFICINA DE DANÇA CIGANA- FESTIVAL DE DANÇA CIGANA

Nesta proposta sugere-se o resgate das atividades artísticas comuns às comunidades ciganas. Deste modo, em parceria com a comunidade escolar, procurar-se-á um artista cigano a fim de executar uma oficina de dança cigana para alunos ciganos e não ciganos. Ao final da oficina pode ser realizada uma culminância como competências entre distintos grupos ou inserir a oficina em uma atividade cultural já existente na escola.

### RECURSOS

MATERIAIS	CARGA – HORÁRIA	SÉRIES
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Projeto</b></li><li>• <b>Slides/Power point</b></li><li>• <b>Notebook</b></li><li>• <b>Quadro</b></li><li>• <b>Caixa de som</b></li></ul>	<b>2 horas de aula (100 minutos)</b>	<b>6º, 7º e 9º ano do Ensino Fundamental II</b>

### ROTEIRO

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
<b>Atividade 01</b>	<b>Exposição oral para apresentar a dança cigana para a turma</b>	<b>2 aulas (100 minutos)</b>
<b>Atividade 02</b>	<b>Ensaio</b>	<b>5 aulas (250 minutos)</b>

Um dos atributos mais significativos da cultura *Romá* com certeza é a dança. Nesta atividade cabe ao professor propor parceria com a comunidade cigana da localidade a qual a escola está inserida. O professor deve convidar de preferência alunas ciganas para protagonizarem a apresentação, uma vez que para algumas comunidades não é entendido como de bom grado a participação de pessoas não ciganas, sob a justificativa de apropriação cultural. O resultado do projeto deverá ser exposto para membros da escola ou para a comunidade escolar.

## DESENVOLVIMENTO

### ATIVIDADE 02

Consistirá nos ensaios direcionados para a socialização do projeto.

### ATIVIDADE 03

Consiste na socialização, exposição esta que poderá ocorrer em datas significativas para a cultura cigana, ou até mesmo em outros momentos propostos para atividades culturais na escola ou comunidade.

Para ler mais:



Coluna/Dança cigana: memória e/Brasil de fato-Paraíba.([brasildefatopb.com.br](http://brasildefatopb.com.br)). Danças ciganas-Proyekto Kheles Amensa-Ingrid Ramanush.([embaixadacigana.org.br](http://embaixadacigana.org.br)).

Para assistir:



(3) Videoaulas sobre dança cigana no mundo Proyekto Kheles Amensa-Ingrid Ramanush (Youtube).

## **TEXTO DE APOIO**

### **DANÇA DO PUNHAL**

A concepção do uso de elementos e seus simbolismos e significados está diretamente ligada à crença pessoal e até mesmo à invenção de pessoas que não são originárias de uma das diversas etnias ciganas. Essas invenções sobre simbolismos de elementos na dança chegam a tal ponto que até mesmo alguns fatos históricos foram deturpados. Por exemplo, a dança feita com punhais foi um enfrentamento que chegou a ocorrer em praças públicas, na Espanha, durante o século 16. Mas era realizado por prostitutas! Nunca uma cigana se prestaria a tal papel.

Hoje, vemos não ciganas realizando a tal "dança do punhal" e tentando justificar o injustificável: "afirmando que o punhal está ligado ao elemento ar e a terra e que simboliza a limpeza do ambiente e do corpo". É óbvio que isto está vinculado ao âmbito da crença, e que não tem nada a ver com cultura e etnia cigana. E finalizando, dentro da cultura cigana o punhal é um elemento simbólico exclusivamente masculino e está ligado à virilidade quando é empregado no ritual de batismo do menino (em alguns grupos ciganos).

### **DANÇA DO PANDEIRO**

Dentro da cultura cigana, ou melhor, por explicação cultural para a Dança do Pandeiro, temos o seguinte: no Leste da Europa é sabido que o inverno é muito rigoroso e o que predomina é uma visão desoladora de branco-gelo para todos os lados em que se olhe. Então, foi por esse motivo que ciganas, camponesas, da Hungria e Rússia passaram a receber a chegada da primavera, com saias multicoloridas, quando dançavam com alegria, ao som do pandeiro (que também era enfeitado com fitas coloridas). Aliás, pandeiro e colher de pau eram os instrumentos predominantes na região campestre. Mas vejam, não há nenhum significado místico nisso. O multicolorido nas saias e nas fitas do pandeiro era apenas uma forma de negar a falta de vida que a neve causava no visual.

## **DANÇA COM LEQUE/ABANICO**

Essa dança era originalmente praticada pelas ciganas da Espanha. Trazido para a Europa no século XV, através de comerciantes portugueses, o leque ou abanico criou raízes em Andaluzia. Naquela época era comum ver ciganos e ciganas dançando com seus abanicos/leques os palos de flamenco. O tempo passou e o abanico/leque virou apenas um complemento do traje feminino. E as ciganas desenvolveram uma linguagem mímica com o abanico:

- ao abanar suavemente na altura dos seios, dizia: procuro um namorado;
- ao abanar rapidamente na altura dos seios: sou comprometida;
- fechando o abanico/leque sobre a bochecha: eu gosto de você;
- fechar abruptamente o abanico/leque: eu te odeio.

Sendo assim, nada está relacionado com a visão mística que atribuem a este acessório.

## **DANÇA COM XALE/MANTÓN**

A utilização do *mantón* foi introduzida pelas ciganas de Sevilla, quando dançavam o ritmo de soleá por buleria. E esta introdução do *mantón* não atendia a nenhum apelo místico, mas sim, representava a possibilidade de dar mais graça aos movimentos de braço nesse palo do flamenco.

Um pouco da história do *mantón*: Reza a lenda que na época das colônias, cargas de tabaco chegavam à Sevilla, vindas das Filipinas. Este tabaco era embrulhado em grandes pedaços de seda, que não eram comercializadas por apresentarem falhas. Eram pedaços de seda cortados em quadrados, e a seda absorvia a umidade do tabaco, protegendo a mercadoria. As ciganas de Sevilla adicionaram franjas aos pedaços de seda. Que foram posteriormente chamados de *Mantones de Manila* (Manila é a capital das Filipinas). E estes foram enriquecidos pelas não ciganas ricas, com bordados formosos. Por sua vez, o xale utilizado pela cigana do Leste Europeu também atendia à mesma utilização.

E o mesmo vale para outros elementos e assessórios. Sempre existe uma explicação histórica e cultural, para sua utilização. O lado místico ou exotérico geralmente é inventado por não ciganos.

## **PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS CONTADAS PELA FAMÍLIA EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS**

Esta produção baseia-se no resgate de narrativas contadas em diferentes comunidades ciganas do Brasil, a fim de compartilhar a riqueza cultural destes grupos. Estas narrativas geralmente são transmitidas oralmente entre as comunidades, devido à sua cultura ser ágrafa.

Deste modo, propõe-se primeiramente a orientação aos alunos em relação à maneira pela qual devem proceder na pesquisa. Inicialmente, orienta-se aos alunos, de forma individual ou em grupo, a entrevistar uma pessoa cigana que possa lhes contar uma história famosa entre a comunidade, um “causo”, uma fábula, uma história familiar. Em seguida, a narrativa deverá ser gravada e transcrita pelos alunos. Ao final da transcrição o grupo ou o aluno, no formato digital ou manual, deverá produzir um Hq (História em Quadrinhos) para representar a sua pesquisa.

Para a conclusão do projeto, o professor poderá solicitar a apresentação da pesquisa em sala ou uma grande exposição para a comunidade escolar.

## **RECURSOS**

<b>MATERIAIS</b>	<b>CARGA – HORÁRIA</b>	<b>SÉRIES</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Projetor</li><li>• Slides/ <i>Power point</i></li><li>• Quadro</li><li>• Cartolina/papel A4</li></ul>	2 horas de aula (100 minutos)	6º, 7º e 9º ano do Ensino Fundamental II

## ROTEIRO

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	Aula expositiva com orientações para a produção de HQ	2 aulas (100 minutos)
Atividade 02	Exposição dos HQs e debates	2 aulas (100 minutos)

## PRODUÇÃO DE *TIKTOK*, *KWAI* OU CANAL NO *YOUTUBE* (EU SOU CIGANO E SIM OU NÃO?)

Na atualidade, a escola deve se debruçar em ações mais dinâmicas, principalmente aquelas que estão ligadas às plataformas digitais. As redes sociais e canais para dispersão de vídeos acabam por atrair a atenção de crianças e adolescentes, ocupando a maior parte de sua atenção.

Desta forma, esta proposta tem a intenção de combater o anticiganismo ou desconstruir estereótipos construídos e perpetuados ao longo da história. A população cigana, no decorrer da sua história, sempre foi alvo de narrativas que pré-determinavam seus indivíduos à propensão atividades ilícitas e costumes consideráveis inaceitáveis ao padrão cultural dominador, tidos como subalternizados. A ideia é que um canal criado nas plataformas citadas seja utilizado para informar ou desmistificar comunidades ciganas no Brasil, sendo posto em prática através de uma metodologia ativa, pondo o aluno como protagonista e desenvolvendo uma aprendizagem crítica, e significativa.

## SUGESTÃO DE TÓPICOS A SEREM DISCUTIDOS:

1. Festas ciganas.
2. Festas (Carnaval, São João, Natal) também são comemoradas pelos Ciganos?
3. Culinária
4. Eu sou cigano, tenho história, sou sujeito de direitos.
5. Sou cigano e tenho residência fixa.
6. Todo cigano cultua Santa Sara Khali?

7. Minha língua, minha ancestralidade!
8. Sou cigano como a mídia me representa?
9. Cigano é etnia, cigano não é fantasia!

## RECURSOS

MATERIAIS	CARGA – HORÁRIA	SÉRIES
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Celulares</li> <li>• Microfones</li> <li>• <i>Notebook</i></li> <li>• Rede de <i>Internet</i></li> </ul>	2 horas de aula (100 minutos)	6º, 7º e 9º ano do Ensino Fundamental II

## ROTEIRO

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	Debate acerca de temas elegíveis para a produção dos vídeos a serem divulgados nas redes sociais.	2 aulas (100 minutos)
Atividade 02	Produção de vídeo	2 aulas (100 minutos)

## DESENVOLVIMENTO

### ATIVIDADE 01

De início devem se organizar as pautas a serem debatidas nos vídeos do tik tok. Em seguida deverá se dividir os tópicos para os grupos, que organizarão suas apresentações. É importante que o professor observe se em cada grupo há instrumentos necessários(celulares) para a gravação dos vídeos.

### ATIVIDADE 02

Neste momento deverá ser realizada a gravação de vídeos. Seria interessante se o professor pudesse acompanhar o processo.

## **AVALIAÇÃO**

O objetivo desta atividade está no combate ao anticiganismo. Através das plataformas digitais frequentemente acessadas, a ideia é de disseminar informações, a fim de se minimizar o racismo comum a este grupo.

**Para ler mais:**



**Livro: O perigo da história única (Chimamanda Adiche)**

**Pedagogia do Tik Tik: Entenda como usá-la em sala de aula (lyceum.com.br).**

**Tik Tok, jovens e mídias: Uso das interfaes digitais no**

**Para assistir:**



**Como usar adequadamente o Tik Tok em sala de aula. (Youtube.com).**

**Vídeos em sala de aula? - Como trabalhar (Youtube.com).**

## **CONTOS CIGANOS / LEITURA, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS**

A partir da leitura de contos de origem cigana, procura-se compreender elementos presentes em sua cultura, como também aqueles que determinam a identidade dos povos ciganos. Outra proposta poderia caminhar para produção de curta metragens, peças teatrais que poderiam ser exibidas nas redes sociais, como também uma exposição para a comunidade escolar.

### **UM EXEMPLO DE CONTO CIGANO:**

#### **A ORIGEM DO POVO CIGANO**

Uma antiga lenda fala de um povo que habitava o subterrâneo de uma ilha fantasma, perdida no meio do Oceano Atlântico. Essa ilha era permanentemente encoberta por denso nevoeiro, e somente um dia a cada sete anos tornava-se visível. Os habitantes desse lugar viviam nas escuras profundezas, o que os tornava um povo privado de luz, do contato com diversos elementos da natureza e, sobretudo, da liberdade.

Os dias naquele lugar passavam sem que a população experimentasse qualquer fato novo, qualquer emoção, qualquer mudança numa entediante rotina. Predominavam a mesmice e a resignação.

E foi assim que um rapaz, quando perambulava pelo lugar, avistou uma claridade em um canto e resolveu segui-la. Ele viu uma estreita passagem. Curioso, decidiu seguir em frente. Arrastou-se pela fenda, caminhou, escalou, saltou, até que se viu na superfície nunca antes pisada.

A emoção que aquele homem sentiu, naquele momento é indescritível. Imagine uma vida inteira transformada de um instante para outro. Viu a claridade jamais experimentada. Surpreendeu-se com as árvores imensas e os arbustos, e os pássaros, e o boi, e as borboletas, e o ribeirão, e as nuvens. Ficou em pânico quando o sol desapareceu e a noite surgiu. E, com ela, uma misteriosa bola branca e arredondada. Ficou encantado com aquele manto bordado de muitos pontos luminosos, uns mais fortes, outros mais fracos. Caminhou, caminhou, até que, exausto, adormeceu.

Acordou com a claridade, e viu-se cercado de gente curiosa, mas amistosa.

Contou a sua história e ouviu a deles. Comeram, cantaram e dançaram em torno da fogueira, quando o céu novamente enegreceu.

Passada uma semana, a saudade de seu povo apertou. Ele prometeu voltar, mas embrenhou-se pelo mesmo caminho e retornou à profundidade.

De volta, foi recebido com festa, mas também com recriminação. Seu lugar era aquele e qualquer outro era proibido, devendo ser esquecido como um sonho mau.

Mas o rapaz falou:

- Como a claridade, o céu azul, as nuvens, as estrelas, o horizonte, podem ser maus?

Ele teve vontade de ter aquilo tudo como um direito e não como uma aventura proibida.

Logo, não apenas ele, como todos aqueles aos quais relatou sua maravilhosa experiência, foram tomados por uma onda de inconformismo e de curiosidade.

Queriam a luz, o sol, o verde, a liberdade.

Queriam a vida. E por ela foram até a divindade. Generosa e compreensiva, a divindade atendeu ao pedido daquela gente essencialmente boa e disse:

- Vocês estão livres para viver na superfície, mas existem condições: vocês não terão uma terra sua para que possam conhecer todas as terras. Serão errantes e terão carroças como casas. Terão, assim, uma vida de magia, alegria e encantamento. E serão filhos do vento, do sol, da lua e das estrelas.

E assim foi feito e surgiu o povo cigano.

Através deste conto, elementos comuns e positivos em relação à cultura cigana podem ser trabalhados em sala de aula a fim de possibilitar um interesse dos educandos em relação às origens.

Outra atividade interessante partiria da ilustração deste conto, relevante no sentido de desenvolver a autonomia, a criatividade e o interesse mais amplos na leitura e nas narrativas, ressaltando a importância das imagens em obras infanto-juvenis contemporâneas, demonstrando a relevância das instituições de ensino no sentido de

oferecer ao aluno estratégias viáveis e dinâmicas, a fim de se explorar as potencialidades deste objeto que integra elementos verbais e visuais.

## **GAMEFICAÇÃO DE CONTOS CIGANOS**

Nesta sugestão pretende-se apresentar contos ciganos que são transmitidos pelas diferentes comunidades e etnias ciganas do Brasil, transformando-os em jogos acessados através das diferentes plataformas digitais.

### **UM EXEMPLO DE CONTO CIGANO:**

#### **A CIGANA E O DEUS ARCO-ÍRIS**

Em tempos distantes, quando os ciganos eram perseguidos e massacrados por povos bárbaros, viviam desesperados e sem perspectivas, pois não tinham como se defender de tão acirrada perseguição. Os ciganos são pacíficos e não guerreiam. No lugar de armas portam seus violinos; no lugar de guerras, cantam suas canções e alegrias; no lugar de destruição, trazem a beleza de suas danças; no lugar de morte, os seus corações pulsam com a alegria de viver e de ser livre; e em lugar da fome, a mesa farta distribuída para todos.

Difícil para esse povo ter que agredir ou mesmo matar para se defender.

Assim, buscavam sempre bater em retirada, procurando a tão almejada paz, sem que para isso tivessem que recorrer à guerra.

Foi quando uma cigana, vendo o arco íris, pediu com toda a força de sua alma, desejosa de salvar os poucos que restavam de seu clã e o filho que esperava em seu ventre, dizendo:

- Deus do Arco-Íris, tu que atravessais os céus ligando a terra de uma extremidade a outra, eu a cigana te evoco e te imploro, nos salve e nos mostre a terra da paz.

E, se jogando ao chão, chorou copiosamente. A cigana no fundo de sua alma esperava receber uma resposta, quando percebeu que as cores do arco íris começavam a brilhar cada vez mais intensamente, alternando-se com rapidez. Era

como se fossem as cordas de um instrumento musical. E sons melódios começaram. Sua alma então se aquietou, uma imensa paz a invadiu, quando inesperadamente ouviu uma voz dizendo:

- Cigana, a sina de seu povo será se espalhar pelo mundo todo, povoar as terras mais distantes, representando-me em sua beleza. O céu será seu teto. A terra seu palco e seu lar. Eu ofuscarei a visão dos seus perseguidores para seu povo partir em segurança, mas o filho que você carrega em seu ventre ficará comigo.

Neste instante a cigana então segurou seu ventre com as mãos e gritou:

- Não, não me peça o meu maior tesouro, ó Deus do Arco-Íris, eu te peço não tire a vida do meu filho!

Novamente, então, seguiu dizendo a voz do alto:

- Cigana, se aquiete, seu filho não perderá a vida. Como um tesouro ele será guardado por mim. Ele fará com que minhas cores ganhem vida em suas vidas. Suas mãos estarão eternamente suprimindo todas as suas gerações com moedas de ouro, pois a ele será dado o pote encantado. Em minhas cores, que vocês passarão a usar, estará o encantamento e a magia. Seu filho encantado continuará para sempre animando as cores em suas almas e espíritos. Com o verde levarão a esperança e a fartura; com o vermelho, a vida, o entusiasmo e o vigor; com o amarelo, a realeza e a riqueza; com o azul levarão a serenidade e a intuição; com o laranja, a energia, a vitalidade e a emotividade; com o violeta levarão a transmutação e perseverança; com o rosa, o amor, a beleza, a moralidade e a música.

E então, como num passe de mágica, a cigana viu seu filho flutuando em direção ao arco íris. Ele ficou envolto por suas cores cintilantes, formando-se em sua cabecinha cachinhos de cabelos dourados, que caíram em forma de moedas de ouro.

Desde então, os ciganos se dispersaram pelo mundo, levando o encanto de suas roupas coloridas e a atração pelo ouro, conhecendo em suas almas e no relato de seus antepassados que o colorido de suas roupas na realidade é o colorido de suas vidas que eles tanto amam e que o brilho do ouro é o brilho do tesouro mais valioso que é o dom de viver. No final do arco-íris existe um pote de ouro inesgotável para trazer sorte, dinheiro e felicidade. Para perpetuar a união e o amor pela vida e a liberdade que são os maiores tesouros.

As moedas caem na região onde migraram as diversas etnias. As moedas deverão ser direcionadas a um mapa e deverão ser alocadas onde surgiram as etnias *Rom, Sinti e Calon* no mapa-múndi.

Outro exemplo seria um jogo de tabuleiro tipo Ludo (fubica) que deverá direcionar as etnias a suas regiões de origem;

Também pode ser feito um jogo mostrando o processo de migração das três etnias para o Brasil e as regiões deste país a quais se direcionaram.

### **CONTO: O MENINO DO FACÃO**

#### **HISTÓRIA NARRADA POR: JOSÉ SALVADOR E BONZANA, COMUNIDADE CALON DE OURICURI- PE.**

Em um reino distante existiu o menino do facão. Existia uma família formada por um pai viúvo e seus 3 filhos: João, que era o menino do facão, José e Antônio. José e Antônio eram muito preguiçosos. Só viviam na sombra. Mas João, que era o menino do facão, era muito participativo. Um certo dia, no final de uma tarde, o pai estava trabalhando sozinho. Muito cansado resolveu chamar os três para uma conversa.

O pai: Antônio, José, João vem aqui, tu queres a minha bênção em trabalhar mais eu, ou quer a minha maldição e ir embora da minha casa?

José e Antônio falaram: Queremos a maldição e vamos embora.

O pai indagou o outro filho: E tu João?

João Respondeu: Eu quero a bênção do Senhor.

O pai, satisfeito com a decisão de João, falou: Então vá pegar a enxada e vá trabalhar.

Enquanto isso, os outros irmãos juntaram os poucos pertences que possuíam e foram embora.

João, com a bênção do pai, começou a trabalhar. Uma certa hora, o pai disse:

João eu vou aqui tomar água. Contudo, João resolveu fugir e acompanhou os outros irmãos.

Quando chegou, já era de noite, João encontrou seus outros irmãos dormindo, trepados em cima de uma árvore à beira da estrada. João, sem saber, se encostou embaixo do tronco do pau, e ficou lá. Os irmãos o viram.

José então gritou: Não estou acreditando que é tu, não!

João, respondeu: Eu mesmo!

Eles disseram: Sobe, João!

João disse: Subo não.

De repente João percebeu que um velho fradre se aproximava com a vela na mão. E seguiu pela estrada.

José e Antônio começaram a dizer: Sobe aqui, João que a fera da mata vai te comer.

João Retrucava: Come nada.

João, muito esperto, acompanhou aquele fradre. Era o fradre com a vela. Quando chegou próximo a um lajedo o fradre disse: Abre-te porta principal. Um lado do lajedo abriu. Abre porta viciosa, a outra abriu.

E João, anotando tudo nas ideias, como é que entrava, como é que fechava. Chegando lá meio mundo de ouro, de diamante. O fradre foi até uma gaveta que estava em um armário de ouro, puxou uma caixinha, tirou uma toalha e disse: pronto toalha, coloca aí toda a comida boa, bebida boa, que eu quero comer agora. A toalha que era mágica, e vupt, colocou toda comida mais deliciosa do mundo rapidamente em cima de uma mesa de prata.

João, vendo a fantástica cena, correu e foi chamar os irmãos.

Chegando lá na árvore, João disse: Desçam daí José e Antônio, que acolá tem meio mundo de coisas. Tem um monte de ouro e diamante.

Ao chegar no grande lajedo, os irmãos de João contestaram.

José falou: Ué, João, cadê esse meio mundo de coisa?

João disse: Prestem atenção e falou: Abre-te porta principal, e a porta abriu, abre-te porta viciosa e a outra abriu. Quando entraram, se deparam com uns quartos

que estavam repletos de diamante e cheios de ouro. Os irmãos José e Antônio correram para pegar e encheram os sacos de diamantes e ouro.

Eles falavam: venham João pegar, e João continuou de braços cruzados. Sem pegar um sequer. Ao final João falou: Vocês estão amaldiçoados de pai, voltem lá e implorem o perdão. Eu estou abençoado, não vou levar nada disso não, só quero levar uma coisa que tenho aqui, foi lá e pegou a toalha.

Os irmãos de João, José e Antônio retornaram à casa do seu país, carregando muito ouro e joias. Enquanto isso, João seguiu viagem no caminho contrário.

Chegando em certa altura da estrada, João estava faminto, de repente lá na frente, João avistou um homem fazendo uma refeição com pequeno frango. João disse: Ei seu zé, me dê comida?

O homem respondeu: Não menino, você está de olho na minha comida.

João Respondeu: Não, que eu tenho aqui.

Prontamente João estendeu a toalha e expôs toda a sua comida.

Impressionado como João espalhou aquela comida e bebida boa, o homem ficou imaginando como poderia enganar João e poderia tomar aquela toalha e pensou: Eu vou ter que pegar essa toalha, pensou o homem e falou para João:

Homem: Menino, vamos trocar essa toalha?

João disse: Nada, como? O senhor não tem nada que eu queira e quer que eu troque esta toalha?

O homem falou: Tenho sim, menino, eu tenho um facão.

João debochou: Oxe, esse facão velho?

O Homem disse: Preste atenção, menino, quer que eu roce 5 tarefas de terra agora?

O homem deu a ordem e o facão roçou rapidamente toda a mata ao redor. João ficou impressionado e falou: Eu troco com o senhor, mas o senhor tem que me prometer que vai me sustentar toda a estrada, até chegar à cidade, de comida.

O homem aceitou a proposta de João e a troca foi efetivada; João recebeu o facão e entregou a toalha; O homem e João seguiram na estrada para a cidade. João sentiu fome e pediu comida ao homem. O homem debochando de João, respondeu: Saia daqui menino! Trato é trato.

João ficou refletindo sobre a situação e ficou pensando o que o facão poderia fazer e resolveu agir.

João falou: Facão velho, vá lá naquele homem e transforme ele em 3 rolas, e livre minha toalha.

O facão prontamente executou a tarefa solicitada por João, cortou o homem. Em seguida João pegou a toalha e seguiu caminho.

Ainda no caminho, João avistou outro homem, um senhor de idade e que parecia ser um mago. João gritou: Oi seu Zé, espere por mim. O Velho mago olhou para João e: Saia daqui você está querendo meu peru com farofa que tenho aqui

João respondeu: Não por isso que eu tenho o que comer aqui. O mago indagou: Pois onde está? João novamente estende a toalha e muitos alimentos saborosos aparecem rapidamente.

O homem, impressionado, pensou: Que isso! Deve ser mágico. Eu vou ter que tomar essa toalha de qualquer jeito. O homem se direcionou para João e perguntou:

Menino, tu não queres trocar esta toalha nesta aliança?

João não expressou contentamento com a troca e o mago continuou a falar: Tu estás enganando, tu queres ver o que a minha Aliança faz? O Mago então ordenou: Oh aliança, construa um rico castelo! Rapidamente ela criou um castelo dos mais ricos que existem na parte da terra;

João, impressionado com o feito mágico da aliança, rapidamente aceitou a troca. João falou: Aceito a troca, mas com a condição do senhor me sustentar de comida até chegar à cidade;

O Mago aceitou a troca e ambos seguiram viagem justos pela estrada a caminho da cidade. Durante o percurso, João sentiu fome e pediu comida ao homem. O homem também se negou e disse: Que história de comida! Troca é troca, não vou lhe esperar, você é muito lento.

João, chateado com a trapaça, novamente ordena seu facão: Facão, vá e lá e corte esse homem em quatro rolas. O facão mais uma vez obedeceu ao desejo de João. Assim João ficou com a aliança, a toalha e o facão.

Chegando na cidade, tinha o casamento da filha do rei. João, como sempre muito observador, ficou um tempo por ali, por João bradou: Oxe e há festa há 9 dias, pois eu garantia que eu sustentava os 9 dias e as 9 noites e não faltava comida.

A história rapidamente chega nos ouvidos do rei.

O rei indignado com a audácia de João, falou eu mato esse menino se eu não quiser.

Mandou seus guardas pegarem João, que o capturaram e levaram até o rei.

Chegando ao castelo do rei e contestado por tamanha audácia, João, ousado como sempre, observando os salões do reino falou: Emendem todas as mesas que tiver neste castelo. E em seguida ordenou: pronto Toalha, 9 dias e 9 noites de boa comida e boa bebida para todo esse povo.

Impressionado com o feito de João, o rei deu sua filha mais nova para se casar com João.

João deu a aliança à filha mais velha e um castelo lindo se formou.

Momentos após a grande festa do casamento de João com a filha mais nova do rei, o monarca chamou seu novo genro para conversar e falou: João, agora você vai dormir na casa das galinhas.

João revoltado, retrucou: e é seu rei?

Rei: pois não! A uma filha você deu um castelo e pela outra você não fez nada. Siga para a casa das galinhas.

João, chateado, caminhou para o galinheiro com a sua esposa, mas no percurso começou a pensar. Até o canto do galo eu resolvo esse problema.

João aguardou ansiosamente pelo canto do galo, e quando aconteceu, ordenou que a aliança voltasse para seu dedo. O castelo se desfez, a filha mais velha do rei, assustada caiu em cima de uma tábua. Em seguida, João ordenou que fosse

construído um lindo castelo para viver com sua amada. Longe de toda maldade e trapanças.

Com este conto, pode se estimular a ideia é de se produzir um jogo que leve o protagonista João até a cidade, completando algumas tarefas. A parte da violência com o facão poderá ser substituída pela decifração de alguns enigmas, concluindo o jogo na cidade, se casando com a filha do rei.

Outro Exemplo de Conto.

### **Conto João Menigote**

#### **Conto Narrado pelo Cigano Calon Genival, Ouricuri- PE.**

Existia na cidade um amarelo. O nome dele é João Menigote. Ele era jogado, sem pai nem mãe e o restante da família não lhe dava muita atenção. Um certo dia, João que não tinha nada para comer foi convidado por um primo para um almoço.

Ficou todo feliz e disse: Vou Para um almoço que meu primo me chamou.

Chegando lá na casa do almoço, sentou e começou a comer. Ao lado dele começou a juntar uns mosquitos. Ele matou os mosquitos um a um o que juntou, 7 mosquitos. Juntou todos na mesa e contou todos de 1 a 7.

Ele tinha um chapéu grande, e quando chegou em casa ele escreveu no chapéu, na frente e atrás, João Menigote, aquele que matou 7 em um golpe. Não matou mais porque o alfange era curto.

Um dia ele foi na cidade, e onde passava todos liam o que estava escrito: João Menigote que matou 7 num golpe, só não matou mais porque o alfanje era curto. Todos olhavam e pensava, vish esse amarelo é perigoso. O homem nunca tinha matado ninguém, só que como ele escreveu no chapéu, as pessoas pensavam que ele tinha matado 7 pessoas. A história se espalhou e chegou a um Rei muito rico que tinha um inimigo, o inimigo dele era muito perigoso. No caminho para o seu castelo do rei dava uma légua e meia de travessia e nas estrada era repleta de cruz de um lado a outro de pessoas que o pistoleiro teria assassinado. Não dava muitas braças e já tinha uma cruz. Aí a História chegou ao rei, que pediu para levar João Menigote até ele, que ficou impressionado com o que estava escrito em seu chapéu.

João foi até o rei, chegou se sentou

O rei falou: quero ter uma conversa com você!

João falou: Pois pronto. João nunca tinha matado ninguém pois era muito medroso.

O rei falou: Eu quero fazer um acordo com você. Eu tenho 3 filhas, e muitas terras e riqueza e quando você fizer a batalha que eu quero, você vai escolher uma das minhas três filhas para casamento e lhe darei muitas riquezas.

João fascinado pela beleza das filhas do rei e pela possibilidade de ficar rico. Falou: Pode mandar as ordens, seu rei.

O rei disse. Quero que você vá matar Barrabaz da Morte

João falou: Só se for agora, meu rei.

O rei falou e o que você precisa: Quero um Rifle, quero um punhal, quero uma corda de laçar e quero uma cartucheira. Ai amarrou tudo no corpo e foi.

João: à noite eu irei cumprir a missão.

O rei olhando a figura de João Menigote , sem acreditar muito em sua capacidade e falou: Amarelo, amarelo.

João respondeu: Quem está falando é João Menigote, aquele que matou 7 em um golpe. Só não matou mais porque o alfange era curto.

O rei falou: Se você cumprir com minha missão, tudo que tenho lhe pertencerá,

João saiu à noite, mas por ser muito medroso, tudo que via dava um grito. Via uma folha se balançando e gritou uiii

Andando na estrada se deparou com a grande quantidade de cruzeiros saltitava de horror, ao ultrapassá-las.

Após andar uma légua e meia no escuro, encontrou a moradia do pistoleiro. Era uma figura sinistra. Um homem alto, gordo do bigode bem grosso. João ficou trêmulo, pegou as armas e foi a porta do temido homem.

A esposa do pistoleiro percebe a figura de João na porta e fala: Marido, estão batendo na porta lhe chamando.

O pistoleiro Barrabaz respondia: Não é nada não, deixa para lá.

João insistia a bater, e a esposa do pistoleiro tornava a chamá-lo

O pistoleiro respondia: Oxe, venha se deitar.

Após João insistir batendo na porta, o pistoleiro resolveu se levantar.

O pistoleiro foi até a porta, viu João que rapidamente se escondeu atrás de uma grande moita de pimenteiras que tinha no jardim do pistoleiro.

João mesmo tremendo de medo do assustador pistoleiro, calculou suas ações. Preparou o laço e apontou rifle. Quando o pistoleiro se aproximou, João jogou o laço, derrubou o pistoleiro, apontou o rifle e esbravejou:

João: Fique quieto! Aqui é João Menigote que matou sete num golpe, só não matou mais porque o alfange era curto. Colocou o rifle nas costas do pistoleiro e mandou ele seguir e gritava:

Não olhe para trás senão você morre. Aos poucos João foi imobilizando o pistoleiro com a corda, sempre pedindo que não olhasse para trás, pois João estava morrendo de medo. Caso o pistoleiro olhasse para trás, João sairia correndo de medo.

Com o sujeito laçado, João seguiu na estrada em busca do Castelo do rei, caminhando cerca de uma légua e meia. Chegando lá encontrou um mourão para amarrar boi, amarrou o cara bem amarrado e foi chamar o rei.

Chegou ao castelo do rei e chamou para ver o seu prisioneiro.

O rei que não colocava muita fé em João se espantou: mas é João que está aqui

João respondeu: Sou eu mesmo, seu rei

O rei perguntou e cadê o homem?

João respondeu tá amarrado ali fora.

Todos saíram correndo para ver o feito sem muito acreditar, quando de repente se depararam com a figura de Barrabaz amarrado no mourão.

Todos gritaram: esse é João Menigote que matou sete num golpe. Só não matou mais porque o alfange era curto.

O rei extremamente agradecido, tirou a coroa da sua cabeça e colocou na de João e disse: A partir de agora, o rei da cidade será você, João Menigote. Quero que você

escolha uma das minhas três filhas para se casar. Tem a mais velha a do meio e a mais nova, qual você quer?

João desde o primeiro contato já tinha se encantado com a mais nova, devido seus lindos cabelos cacheados e olhos de mel.

João prontamente respondeu: Quero a mais nova:

João se casou com a filha mais nova do rei e passou a ser o novo rei da cidade.

João Menigote é o rei da cidade, a notícia chega até a família de João que vai eufórica ao seu casamento.

Lá chegando, a tia dele emocionada com as conquistas de João fala: Meu sobrinho, não sabia que você era assim.

João responde: Era sim minha tia, só não queria fazer mal a ninguém.

A tia disse: meu sobrinho, se soubéssemos da sua coragem teríamos lhe dado mais valor.

João todo orgulhoso da sua proeza fala: Agora sou o rei da cidade.

Os dias que se passaram com uma grande festa em comemoração ao casamento de João Menigote. Com muita fatura, festejaram por sete dias e sete noites onde todos gritavam: João Menigote que matou sete num golpe. E só não matou mais porque o alfange era curto.

## RECURSOS

MATERIAIS	CARGA – HORÁRIA	SÉRIES
<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Notebook</i></li><li>• <i>Rede de Internet</i></li></ul>	2 horas de aula (100 minutos)	6º, 7º e 9º ano do Ensino Fundamental II

## ROTEIRO

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	Organização de roteiro do jogo	2 aulas (100 minutos)
Atividade 02	Produção do jogo.	A definir

Para ler mais:



Nova escola box / Tutorial: Como criar jogos em plataformas digitais.

Para assistir:



Como criar jogos educativos on line (Sugestão para aulas remotas). (Youtube.com).

(3) Como usar o Kaboot - Tutorial completo 2023 - Youtube.

## DIA DA MULHER CIGANA

Esta proposta tem como cerne a exaltação das mulheres ciganas em suas contribuições para a sociedade. Desta forma, a ideia baseia-se em homenagear mulheres ciganas da comunidade escolar (mãe, avós, tias, irmãs), procurando estabelecer relação com o protagonismo destas no processo de ensino/aprendizagem.

Uma sugestão viável seria a realização de palestras sobre a saúde da mulher, prevenção de doenças e ofertas de serviços e exames. Também poderia ser realizado

um momento no qual se procure ofertar cursos profissionalizantes ou oficinas com o fim de possibilitar uma maior integração das mulheres ciganas na sociedade.

## RECURSOS

MATERIAIS	CARGA – HORÁRIA	SÉRIES
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Projetor</li> <li>• Slides/ <i>Power point</i></li> <li>• Quadro</li> <li>• Cartolina/ papel A4</li> </ul>	2 horas de aula (100 minutos)	6º, 7º e 9º ano do Ensino Fundamental II

## ROTEIRO

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	Momento para a organização das atividades propostas as mulheres ciganas da comunidade	2 aulas (100 minutos)
Atividade 02	Realização do evento	4 aulas (200 minutos)

## DESENVOLVIMENTO

### ATIVIDADE 01

No primeiro momento, alunos e professores da unidade escolar deverão organizar um plano de ação a fim de se determinar quais atividades irão ser ofertadas às mulheres ciganas da comunidade. Como sugestão, poder-se-ia ofertar junto com a Secretaria de Saúde do município palestras sobre saúde da mulher, palestras com psicólogos, assistência odontológica, distribuição de contraceptivos entre outros.

Também poderiam ser ofertadas ações como organização e orientação acerca dos documentos, e um dia de beleza, com parceria da comunidade escolar. A escola também poderia organizar um mural com fotos destas mulheres ciganas, homenageando-as como mulheres incríveis.

## ATIVIDADE 02

Para a culminância do projeto, sugere-se que ocorra em um turno da escola, para que haja tempo suficiente para acolher todas as mulheres ciganas que estejam no evento.

## ESTUDO DO ESTATUTO DOS POVOS CIGANOS

No Brasil, os debates acerca da proteção às minorias étnicas ainda dividem opiniões. A população afrodescendente, indígena e comunidades tradicionais ainda caminham na luta em prol da aquisição e manutenção dos seus direitos.

Neste contexto emerge a problemática dos povos ciganos, que ainda se encontram na luta pela aquisição de direitos básicos e políticas públicas do governo. Nessa perspectiva, o Estatuto dos Povos Ciganos tramita na tentativa de assegurar o mínimo de humanidade a estas etnias.

De acordo com Ministério da Igualdade Racial:

Projeto de Lei n. 1387/2022, que visa estabelecer o Estatuto dos Povos Ciganos. A iniciativa legislativa, teve autoria do senador Paulo Paim (PT/RS) em sua versão inicial e busca regular os direitos e a inclusão integral dessa comunidade.

O Estatuto Cigano visa a regulamentação de marcos legais que garantam direitos integrais para a população cigana em diversas áreas, como cultura, esporte, lazer, educação, saúde, acesso à terra e trabalho. Além disso, o estatuto prevê ações para a promoção da igualdade étnico-racial e a realização urgente de estudos demográficos para qualificar os dados sobre a diversidade cigana no Brasil. ([Ministério da Igualdade Racial Participa da Audiência Pública sobre o Estatuto dos Povos Ciganos](#) [Ministério da Igualdade Racial \(www.gov.br\)](#)) Acesso dia 28/10/2023.

Neste sentido, propõe-se a realização de um estudo em sala de aula sobre as leis no Brasil, sobre as garantias constitucionais, dada a população cigana e, sobretudo, acerca do estatuto cigano.

Após a exposição em *slide*, *Power point* ou quadro branco, o professor poderá desenvolver um *quiz*, ou plataformas digitais como *Kahoot*, a fim de se consolidar o estudo desenvolvido.

## RECURSOS

MATERIAIS	CARGA – HORÁRIA	SÉRIES
<ul style="list-style-type: none"><li>• Projetor</li><li>• Slides/ Power point</li><li>• Quadro</li><li>• Cartolina/ papel A4</li></ul>	2 aulas (100 minutos)	6º, 7º e 9º ano do Ensino Fundamental II

## ROTEIRO

ATIVIDADES PREVISTAS	DESCRIÇÃO	PREVISÃO/DURAÇÃO
Atividade 01	Exposição oral e estudo do Estatuto do Cigano	2 aulas (100 minutos)
Atividade 02	Realização do evento	2 aulas (100 minutos)
Atividade 03	Realização do evento	2 aulas (100 minutos)

## DESENVOLVIMENTO

### ATIVIDADE 01 / EXPOSIÇÃO ORAL

Exposição oral e estudo do texto do Estatuto Cigano, analisando os benefícios que poderão ser concedidos à população cigana no Brasil. Também é importante que se ofereça um debate para observar a criticidade dos alunos em relação ao assunto.

### ATIVIDADE 02 / QUIZ: 6º E 7º ANO

Para os alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental é interessante que se aplique uma atividade lúdica para testar o conhecimento adquirido após a exposição

oral. Desta forma, o professor poderá utilizar um quiz desenvolvidos em plataformas como Kahoot, Word Wall e até mesmo no *Google Forms* como aporte para o momento.

*LINK PARA EXEMPLO QUIZ:*

<https://create.kahoot.it/share/estatuto-cigano/bcd553c5-90d6-47d0-a981-12152942b407>.

### **ATIVIDADE 03 / PRODUÇÃO DE CORDEL: ALUNO DO 8º E 9º ANO**

Para o professor das turmas de 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, o debate deve se aprofundar analisando todos as implicações históricas que permeiam a trajetória dos povos ciganos. Pode-se debater em relação à grande dificuldade do povo cigano no que se refere a acesso a direitos fundamentais, como também analisar em relação às vivências da comunidade cigana no Brasil.

Também é importante debater acerca das políticas de exclusão ainda presentes no continente europeu, em especial na Romênia, Espanha e Portugal. Deve-se apresentar o Porjarmo, holocausto do povo cigano na segunda Guerra Mundial que não é exposto e problematizado quanto o genocídio judeu.

Para os alunos do ano é interessante que se proponha a organização de um cordel como instrumento avaliativo. O cordel poderá ser feito em grupos ou individualmente, e devem expor o entendimento dos alunos e suas análises e críticas acerca do Estatuto dos Ciganos e suas particularidades. Para esta atividade seria interessante a interdisciplinaridade com Arte e português, solicitando um aporte teórico destas disciplinas no que se refere à sua estruturação

### **AValiação**

O objetivo desta atividade parte do reconhecimento da população cigana como sujeito de direitos, como também a respeito da criticidade que deve despertar-se em relação a dificuldade de acesso aos direitos fundamentais para a população cigana.

Para ler mais:



**QUIZ EM METODOLOGIAS ATIVAS: SUPORTE NO ENSINO APRENDIZAGEM**

**TRABALHO\_EV117\_MD1\_SA19\_ID7810\_17092018214720.pdf (editorarealize.com.br) QUIF - Quiz Digital de História: Um Estudo de Viabilidade- Acesso 9128-23413237-2-DR (ifto.edu.br)**

Para assistir:



**Tutorial Para elaboração de Quiz kahoot :  
(3) Como usar o Kahoot - Tutorial Completo 2023 -  
YouTube**

**Tutorial para Quis no WordWall Como fazer um QUIZ no  
WORDWALL - Tutorial Completo (youtube.com)**

**Tutorail para Quis no google Forms : Como Criar Jogos e**

**6 - ADAPTAÇÃO DE HABILIDADES DE ACORDO COM BNCC ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS PARA QUE POSSAM SER UTILIZADOS PARA MENCIONAR A PRESENÇA CIGANA NA HISTÓRIA**

<b>ANO</b>	<b>UNIDADE TEMÁTICA</b>	<b>OBJETO DE CONHECIMENTO</b>	<b>HABILIDADE</b>	<b>TÓPICOS A SEREM DEBATIDOS</b>
<b>6º</b>	<b>Lógicas de organização pública</b>	<b>Passagem do mundo antigo para o mundo medieval</b>	<b>Identificar e analisar diferentes formas de contato</b>	<b>Diáspora dos povos ciganos e migração</b>
		<b>A fragmentação do poder político na Idade Média</b>	<b>Adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços</b>	
		<b>O papel da religião cristã dos mosteiros e da cultura na Idade Média</b>	<b>Descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado</b>	<b>Propagação de narrativas preconceituosas; Processo de segregação</b>
<b>7º</b>	<b>O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias</b>	<b>A construção da ideia de modernidade e seus impactos na concepção de História A ideia de 'Novo Mundo' ante o Mundo Antigo: permanências e rupturas de saberes e práticas na emergência do mundo moderno</b>	<b>Explicar o significado de 'modernidade' e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia</b>	<b>Os ciganos na Europa moderna</b>
	<b>A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano</b>	<b>A conquista da América e as formas de organização política dos indígenas e europeus: conflitos, dominação e conciliação</b>	<b>Descrever as formas de organização das sociedades americanas no tempo da conquista com vistas à compreensão dos mecanismos de alianças,</b>	<b>Presença cigana Calon no processo de conquista da América; Degredo e políticas de segregação racial</b>

			<b>confrontos e resistências</b>	
	<b>Lógicas comerciais e mercantis da modernidade</b>	<b>As lógicas mercantis e o domínio europeu sobre os mares e o contraponto oriental</b>	<b>Caracterizar a ação dos europeus e suas lógicas mercantis visando ao domínio no mundo atlântico</b>	<b>Presença dos povos ciganos nas atividades mercantis</b>
<b>8º</b>	<b>O mundo contemporâneo: o Antigo Regime em crise</b>	<b>Revolução Industrial e seus impactos na produção e circulação de povos, produtos e culturas</b>	<b>Analisar os impactos da Revolução Industrial na produção e circulação de povos, produtos e cultura</b>	<b>Os ciganos e a Revolução Industrial</b>
	<b>O mundo contemporâneo: o Antigo Regime em crise</b>	<b>Rebeliões na América Portuguesa: as conjurações mineiras e baiana</b>	<b>Explicar os movimentos e as rebeliões da América portuguesa, articulando as temáticas locais e suas interfaces com processos ocorridos na Europa e nas américas</b>	<b>Ciganos no ciclo da Mineração</b>
	<b>Os processos de independência nas Américas</b>	<b>Família Real Portuguesa no Brasil e o processo de independência</b>	<b>Analisar o processo de independência em diferentes países latino-americanos e comparar as formas de governo neles adotadas</b>	<b>Presença cigana no Brasil no contexto de 1808. Quem eram os ciganos que vieram com o Conde de D. João VI? Quais funções?</b>
	<b>O Brasil do século XIX</b>	<b>Brasil: Primeiro Reinado. O período Regencial e as contestações ao poder central O Brasil Segundo Reinado, política e economia A Lei de Terras e seus desdobramentos</b>	<b>Identificar e analisar o equilíbrio das forças e os sujeitos envolvidos nas disputas políticas durante o Primeiro e o Segundo Reinado</b>	<b>Brasil no contexto do Segundo Reinado</b>

		na política do Segundo Reinado Territórios e fronteiras: a Guerra do Paraguai		
	O Brasil do século XIX	A produção do imaginário nacional brasileiro: cultura popular, apresentações visuais, letras e o Romantismo no Brasil	Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX	O racismo implícito nas apresentações atribuídas aos ciganos nas obras literárias; Problemizar a combinação de estereótipos e a propagação do anticiganismo literários
	Configurações do mundo no século XIX	Pensamento e cultura do século XIX: darwinismo e racismo O discurso civilizatório nas Américas, o silenciamento dos saberes indígenas e as formas de integração e destruição de comunidades e povos indígenas A resistência dos povos e comunidades indígenas diante da ofensiva civilizatória	Identificar as sanções e os significados dos discursos civilizatórios, avaliando seus impactos negativos para os povos indígenas originários e as populações negras nas Américas	Conceito e debates sobre a inferioridade da raça cigana
9º	O nascimento da República ao Brasil e os processos históricos até a metade do século XX	Imigração e a chegada dos ciganos Rom e Sinti ao Brasil	Identificar as transformações ocorridas no debate sobre a questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de	Participação dos povos ciganos Rom e Sinti no processo de migração

			abordagem em relação ao tema	
	<b>Totalitarismo e conflitos mundiais</b>	<b>A emergência do fascismo e do nazismo. A segunda guerra mundial, judeus e outras vítimas do holocausto</b>	<b>Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (no holocausto)</b>	<b>Porajmos - O holocausto cigano esquecido Problematizar a morte de mais de 500 mil ciganos Rom e Sinti nos campos de concentração nazista</b>
	<b>Totalitarismos e conflitos mundiais</b>	<b>A Organização das Nações Unidas (ONU) e a questão dos Direitos Humanos</b>	<b>(EF09HI16) Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação</b>	<b>Invisibilidade dos povos ciganos em relação aos direitos humanos</b>
	<b>Modernização, ditadura civil militar e redemocratização: o Brasil após 1946</b>	<b>O Brasil da era JK e o ideal de uma nação moderna: a urbanização e seus desdobramentos em um país em transformação</b>	<b>(EF09HI17) Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946</b>	<b>Jk: Um cigano Rom e um projeto desenvolvimentista para o Brasil</b>
	<b>Os anos 1960: revolução cultural? A ditadura civil-militar e os processos de resistência</b>	<b>Os anos 1960: revolução cultural? A ditadura civil-militar e os processos de resistência</b>	<b>(EF09HI21) Identificar e relacionar as demandas indígenas e quilombolas como forma de contestação ao modelo</b>	<b>Invisibilidade dos ciganos no Brasil durante a ditadura militar; problematizar a ausência de dados referentes aos povos Romani no Brasil</b>

	<b>As questões indígena e negra e na ditadura</b>	<b>As questões indígena e negra e a ditadura</b>	<b>desenvolvimentista da ditadura</b>	
		<p>O processo de redemocratização</p> <p>A Constituição de 1988 e a emancipação das cidadanias (analfabetos, indígenas, negros, jovens etc.)</p> <p>A história recente do Brasil: transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais</p> <p>Os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira</p> <p>A questão da violência contra populações marginalizadas</p> <p>O Brasil e suas relações internacionais na era da globalização</p>	<p>(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo</p> <p>(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas</p>	<p>Constituição de 1988 e os povos ciganos;</p> <p>Mito da Democracia Racial e o Anticiganismo no Brasil;</p> <p>Estatuto Cigano e a luta por direitos</p>
	<b>A História Recente</b>	<p>Os conflitos do século XXI e a questão do terrorismo,</p> <p>Pluralidades e diversidades identitárias na atualidade, as pautas dos povos indígenas no século XXI e suas formas de inserção no</p>	<p>(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência</p>	<p>Ciganos na atualidade;</p> <p>políticas de segregação a povos ciganos na Europa;</p> <p>O anticiganismo no Brasil e suas implicações</p>

## **7- SUGESTÕES DE PESQUISAS COMPLEMENTARES**

### **CANAIS E PERFIS DO INSTAGRAM:**

Ciganos História e Identidade;

Coletivo Humano Sul Fluminense;

Dispositivo Ciganagens;

Instituto Cigano do Brasil – ICB.

### **YOUTUBE:**

#### **DOCUMENTÁRIOS E CONFERÊNCIAS**

[Antigo documentário - Aldeia dos CIGANOS em Ouricuri, Pernambuco, Brasil | 09/2008 -](#)

[Arquivo A: Povo nômade \(ciganos\) \(youtube.com\).](#)

['Calón, povo cigano no DF \(2016, 20- Canal E SEDF\) - Direção: Cristiane Portela - YouTube](#)

[- YouTube.](#)

[Calon conta, Calon canta - Narrativas Ciganas - YouTube](#)  
[Povos ciganos \(arquivonacional.gov.br\) Habitar/Habitat: Ciganos \(youtube.com\).](#)

[Cine Debate Presente Cigano - YouTube.](#)

[Documentário - CIGANOS: Povo Invisível - YouTube.](#)

[Documentário: POVO CIGANO DE SOUSA | O direito em suas mãos - YouTube.](#)

[I Seminário Nacional Povos Ciganos e suas narrativas: direitos humanos e políticas públicas](#)

[Mulheres ciganas, saúde sexual e reprodutiva: um guia profissional - YouTube.](#)

[Qual a origem dos ciganos? - YouTube.](#)

[ROMANI - A Língua dos Ciganos - YouTube.](#)

[SUBJETIVIDADES EM TRÂNSITO: DIÁSPORA E CIGANAGENS - YouTube](#)  
YouTube.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BOULOS JUNIOR, Alfredo. **História, Sociedade e Cidadania**. São Paulo: FTD, PNLD 2024.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 17.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, setembro, 2005.

\_\_\_\_\_. **O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Argentina: Vozes, 2005.

FERNANDES, Ana Cláudia (editora responsável) Obra coletiva. **Araribá Mais História**. 9 ano. São Paulo: Editora Moderna, PNLD 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. A educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins, 2017.

LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais, Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, setembro 2005.

MENINI, Natally Chris da Rocha, **Os Assim chamados ciganos na capitania da Bahia (século XVIII)**. 2015. Dissertação, 90p. Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil**. 3ª edição digital revista e atualizada. Recife, 2011.

\_\_\_\_\_, A História esquecida dos ciganos no Brasil. **Sæculum – Revista de História**, [S. l.], n. 2, p. 123–138, 1996.

\_\_\_\_\_, **Políticas ciganas no Brasil e na Europa**. Subsídios para encontros e congressos ciganos no Brasil. Recife, 2013.

PEREIRA, Ana Carolina Barbosa. Precisamos falar sobre o lugar epistêmico na Teoria da História. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 88 - 114, abr/jun. 2018.

REZENDE, Dimitri Fazito Almeida. **Transnacionalismo e Etnicidade** – A Construção Simbólica do Romanesthàn (nação cigana). 2000. 192p. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Departamento de Sociologia e Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

VAINFAS, Ronaldo *et al.* **História.doc**. 9 ano. São Paulo: Editora Saraiva, PNLD 2016.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

WALSH, C.; CANDAU, V.; FERNANDES, L. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Education policy analysis archives**. [s.l.], . 26, p. 83, jul 2018.

## PRODUTO 2 - JOGO O MENINO DO FACÃO



Entrando no serviço de streaming de jogos Xbox Cloud Gaming em qualquer dispositivo com acesso a internet pelo site:



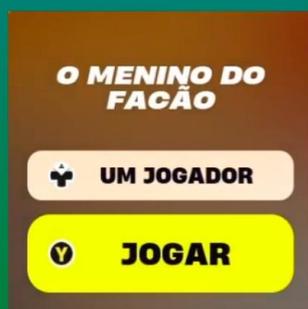
Procure pelo jogo Fortnite no catálogo ou clicando no ícone de lupa e escrevendo Fortnite, selecione e clique na opção entrar, entre com sua conta Microsoft se não tiver uma crie gratuitamente, após entrar clique jogar.

Aguarde o carregamento do jogo na nuvem, na tela inicial do jogo selecione o ícone de lupa e insira o código de 12 dígitos no espaço correspondente 7143-1115-0099 ou busque pelo nome O Menino do Facão

**ZAIT  
Studios**



Com o código ou nome inserido seleccione o mapa.



Conclua o processo seleccionando a opção "Jogar" para entrar no mapa.

**ZAIT**  
Studios

## **Jogo O Menino do Facão**

Inspirado em uma narrativa transmitida entre a Comunidade Calon de Ouricuri, o jogo tem como objetivo de inserir elementos da cultura cigana nas atividades escolares.

Para acessar o serviço de streaming de jogos Xbox Cloud Gaming em qualquer dispositivo com conexão à internet, acesse o site oficial [www.xbox.com/pt-BR/play](http://www.xbox.com/pt-BR/play). No catálogo, ou utilizando o ícone de busca, localize o jogo Fortnite ao digitar seu nome na barra de pesquisa. Após encontrá-lo, selecione e clique na opção "Entrar". Caso não possua uma conta Microsoft, siga as instruções para criar uma gratuitamente.

Após efetuar o login, clique na opção "Jogar". Aguarde o carregamento do jogo em nuvem. Na tela inicial do Fortnite, selecione o ícone de lupa e insira o código de 12 dígitos 7143-1115-0099 no campo apropriado, ou busque pelo nome "O Menino do Facão". Com o código inserido, selecione o mapa correspondente para iniciar o jogo.

Na plataforma, estarão disponíveis tanto a opção de acesso ao jogo quanto um vídeo explicativo que apresenta o conto no qual o jogo foi baseado.

## APÊNDICE A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE REGIONAL DO  
CARIRI - URCA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** COMUNIDADE CALON NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE OURICURI. UMA PROPOSTA PARA UMA INTERVENÇÃO INTERCULTURAL/DECOLONIAL.

**Pesquisador:** DEBORA BARROS DOS SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 73058123.3.0000.5055

**Instituição Proponente:** Ambulatório de Enfermagem em Estomaterapia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.391.204

#### Apresentação do Projeto:

Este trabalho problematiza a presença, na comunidade escolar, de estudantes da etnia Calon na Cidade de Ouricuri, localizada no sertão de pernambucano. A motivação para esta análise partiu da percepção, como docente no município, da marginalização econômica e cultural da população Calon de Ouricuri. Os discursos perpetuados acerca da comunidade cigana são marcados por ideias genéricas, associando-os à violência e a toda sorte de ilícitudes. A sociedade brasileira é marcada, dentre outras formas de discriminação e preconceito, pelo anticiganismo. Os povos ciganos fazem parte da História do Brasil desde o início da colonização. As primeiras menções feitas datam por volta do século XVI e as vindas ocorreram através do degredo. As características depreciativas atribuídas pelos não ciganos são embasadas em mitos e narrativas de cunho religioso e usadas para justificar a segregação. A identidade cigana é associada a atividades ilícitas e essas associações ocorrem nas representações (nas letras de músicas, nas telenovelas e no cinema) e, sobretudo, nas práticas de exclusão no cotidiano. No entanto, é necessário que o ensino de História ofereça aos estudantes e professores condições para a desconstrução das práticas de racismo, estigmatização e preconceitos étnicos. A partir da construção de uma proposta de ensino baseada em uma intervenção decolonial/intercultural, espera-se contribuir para o combate à perpetuação de estereótipos e práticas discriminatórias. Intenciona-se estimular o desenvolvimento de estratégias mais efetivas para o fortalecimento da identidade Calon, minimizando estereótipos e possibilitando uma prática pedagógica libertadora e transformadora.

**Endereço:** Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1161  
**Bairro:** Pimenta **CEP:** 63.105-000  
**UF:** CE **Município:** CRATO  
**Telefone:** (88)3102-1212 **Fax:** (88)3102-1291 **E-mail:** cep@urca.br

UNIVERSIDADE REGIONAL DO  
CARIRI - URCA



Continuação do Parecer: 6.391.204

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:** Apresentar à comunidade escolar de Ouricuri - PE a história e cultura dos povos ciganos a partir do ensino de História em uma perspectiva intercultural/decolonial, que possibilite combater os preconceitos presentes sobre a comunidade cigana Calon desta comunidade.

**Objetivo Secundário:** Investigar a história dos povos ciganos Calon na cidade de Ouricuri- PE; Apontar estratégias didáticas acerca da história e cultura dos povos ciganos; Analisar a relação das mães calin, e seu protagonismo no processo de ensino- aprendizagem; Produzir material (cartilha impressa e digital) em uma perspectiva intercultural/decolonial, a fim de se oferecer um ambiente menos nocivo e acolhedor aos povos ciganos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

A referente pesquisa será desenvolvida levando em consideração o aparato legal que normatiza as pesquisas envolvendo seres humanos submetidas à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), estabelecidos pelas Resoluções nº 466/12 e Resolução nº 510/16. Deste modo, caso este projeto venha a ser aprovado, será iniciada a coleta de dados, respeitando tais resoluções. As possibilidades de riscos para os participantes são mínimas, visto que serão observados todos os pressupostos legais. Toda pesquisa apresentará seu desenvolvimento de forma presencial, na residência do entrevistado ou na Escola Anísio Coelho localizada na Rua Jose Jaime Alves do Amaral São Braz Ouricuri - PE. A cada envolvido na pesquisa serão assegurados o seu direito à livre participação e confidencialidade de sua participação, caso assim seja sua opção. No entanto é importante frisar que os participantes estarão sujeitos a cansaço ou desconforto pelo tempo utilizado para a realização da entrevista.

**Benefícios:**

Na compreensão que o espaço escolar é multicultural, depreende-se que se estabeleçam estratégias diversas a fim de se construir formas democráticas e emancipatórias que contemplem todos os diferentes grupos que estão envolvidos nesta dinâmica. Tendo em vista a necessidade urgente de estratégias que coloquem em pauta uma educação antirracista, entende-se que a formação de professores se torna imprescindível no sentido de suprir as demandas presentes na nossa realidade. Deste modo, os benefícios esperados desta pesquisa serão proporcionar reflexões sobre a prática docente e contribuir positivamente na formação professores em uma perspectiva antirracista sob um viés decolonial para o município de Ouricuri - PE e para

**Endereço:** Rua Cel. Antônio Lutz, nº 1161  
**Bairro:** Pimenta **CEP:** 63.105-000  
**UF:** CE **Município:** CRATO  
**Telefone:** (88)3102-1212 **Fax:** (88)3102-1291 **E-mail:** cep@urca.br

UNIVERSIDADE REGIONAL DO  
CARIRI - URCA



Continuação do Parecer: 6.391.204

aqueles que visem uma educação no mesmo caminho.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto de dissertação relevante.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

- 1) Folha de rosto corrigida apresentada e adequada.
- 2) Riscos e benefícios corrigidos apresentados no TCLE, projeto e Plataforma Brasil adequados.
- 3) Orçamento apresentado e adequado.
- 4) Cronograma corrigido apresentado e adequado.
- 5) TCLE corrigido apresentado e adequado.
- 6) Forma de coleta de dados apresentada.
- 7) Projeto apresentado.

**Recomendações:**

Sem recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisadora dirimiu todas as pendências identificadas em pareceres anteriores. O relatório final da pesquisa deverá ser enviado ao CEP/URCA, conforme artigo 28 da Resolução 510/2016.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2158458.pdf	19/09/2023 20:19:02		Aceito
Outros	PROJETOCOMPLETOPRONTO.pdf	19/09/2023 20:16:15	DEBORA BARROS DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodetalhadoPRONTO.pdf	19/09/2023 20:14:34	DEBORA BARROS DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPRONTO.pdf	19/09/2023 20:13:32	DEBORA BARROS DOS SANTOS	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_6276974.pdf	19/09/2023 20:10:30	DEBORA BARROS DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	20230724_12284001assinado.pdf	19/09/2023 20:07:24	DEBORA BARROS DOS SANTOS	Aceito

Endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1161  
 Bairro: Pimenta CEP: 63.105-000  
 UF: CE Município: CRATO  
 Telefone: (88)3102-1212 Fax: (88)3102-1291 E-mail: cep@urca.br

UNIVERSIDADE REGIONAL DO  
CARIRI - URCA



Continuação do Parecer: 6.391.204

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CRATO, 05 de Outubro de 2023

---

**Assinado por:**

**CRISTIANE RODRIGUES VIEIRA**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1161

**Bairro:** Pimenta

**CEP:** 63.105-000

**UF:** CE

**Município:** CRATO

**Telefone:** (88)3102-1212

**Fax:** (88)3102-1291

**E-mail:** cep@urca.br

## APÊNDICE B - TCLE- TERMO



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ  
SECRETARIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA - SECITECE  
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Débora Barros dos Santos, RG: 20075434878 SSP/CE, discente da Universidade Regional do Cariri URCA, estou realizando uma pesquisa intitulada COMUNIDADE CALON NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE OURICURI - PE. UMA PROPOSTA PARA UMA INTERVENÇÃO INTERCULTURAL/DECOLONIAL, que visa analisar a trajetória dos povos ciganos da etnia Calon na cidade de Ouricuri, estado de Pernambuco. Os dados serão coletados por meio da realização de entrevistas narrativas, que serão gravadas, apenas com a gravação de voz .

Para isso, estou desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: elaboração e execução de entrevistas com indivíduos da comunidade Calon do bairro São Braz, localizado em Ouricuri - PE, como também com professores e gestores da escola de Ensino Fundamental Anísio Coelho, a fim de compreender as implicações da relação entre ciganos e não ciganos no contexto educacional da cidade. Serão 15 pessoas entrevistadas: 10 pessoas ciganas (5 ciganos sem ligação com a escola e 5 pais de alunos da Escola Anísio Coelho) e 5 professores/ gestores da referida escola.

Dividiremos os roteiros das entrevistas da seguinte forma: iniciaremos o trabalho com 5 indivíduos da etnia cigana Calon que residem nos bairro São Braz , onde está localizada a Escola Anísio Coelho, como também no Bairro Nossa Senhora de Fátima, pedindo que estes descrevam a sua trajetória até a chegada à cidade de Ouricuri-PE, como também que descrevam aspectos de sua cultura. Em seguida trabalharei com mais 5 mulheres da etnia cigana Calon que tem seus filhos matriculados na Escola Anísio Coelho, solicitando aos entrevistados que façam um breve relato sobre como é ser cigano, descrevendo um pouco das suas vivências na cidade de Ouricuri- PE. Adiante, questionaremos como eles compreendem a educação formal e como esta se faz ou não presente em suas vidas. Nas entrevistas com professores e gestores da Escola Anísio Coelho, analisaremos como se dá a sua relação com alunos ciganos e seu conhecimento acerca da cultura cigana. Estima-se que essas entrevistas durem em média duas horas (02 h) e serão realizadas nas residências dos/as entrevistados/as e na Escola Municipal Anísio Coelho. Ao final do processo serão elaborados materiais de suporte ao professor, pautados em uma

Rua Cel. Antônio Luis Pimenta, Crato- CE. CEP 63100-000 Fone: (88) 312 1212 ramal 2424 E-mail  
cep@urca.br

perspectiva decolonial/intercultural e em uma perspectiva antirracista, esclarecendo elementos particulares da cultura cigana, com a finalidade de oferecer estratégias de ensino mais acolhedoras aos indivíduos da comunidade cigana. Este material será ofertado em dois formatos: cartilha impressa e e-book, uma vez que os dois formatos se constituem como as formas mais democráticas de acesso ao material.

Por essa razão, você está sendo convidado (a) a participar dessa pesquisa. Todas as informações que o(a) Sr.(a) nos fornecer serão utilizadas apenas para fins desta pesquisa. Sua participação consistirá em prestar informações por meio de entrevistas presenciais gravadas na sua residência, ou na Escola Municipal Anísio Coelho, Bairro São Braz, Ouricuri-PE. Os áudios serão analisados, transcritos e utilizados e em seguida será submetido ao Comitê de Ética.

Este termo foi elaborado conforme a Resolução CNS 466/2012, entendendo que: “Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados!” Considera-se que sua participação lhe expõe a um mínimo riscos de saúde, pois estará sujeito a cansaço ou desconforto pelo tempo utilizado na realização das entrevistas e gravação de áudios. Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens, não recebendo, para tanto, qualquer tipo de remuneração. Sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária.

Como benefício, o(a) Senhor(a) estará contribuindo com o fortalecimento das práticas pedagógicas no ensino de História e estas poderão servir como forma de reivindicação de políticas públicas municipais efetivas que venham a contribuir com a formação permanente dos profissionais que atuam com esse componente curricular.

Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados, pode procurar Débora Barros dos Santos, endereço Rua João da Cruz Neves, nº 218, Bairro Nossa Senhora Aparecida, Salgueiro - PE, CEP: 56.000-000, telefone para contato (87) 988490868 e e-mail: [debruca@hotmail.com](mailto:debruca@hotmail.com) ou [debora.barros1986@urca.br](mailto:debora.barros1986@urca.br), nos seguintes horários 07h as 18h, de segunda a sexta.

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, da Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antônio Luiz, 1161, 1º andar, Bairro Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1212, ramal 2424, Crato CE.

Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deverá, preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

**TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o(a) Sr.(a) Maria do Socorro Silva, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, e está ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Ouricuri-PE, 10 de Dezembro de 2023.

Debona Barros dos Santos

Assinatura do Pesquisador

M<sup>a</sup> do Socorro da Silva

Assinatura participante



Impressão dactiloscópica

**APÊNDICE C – QUESTIONÁRIOS DESTINADOS A CIGANOS E PROFISSIONAIS  
DA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE OURICURI- PE**

<b>Perguntas Realizadas Em Entrevistas a comunidade Cigana.</b>
Por qual motivo vocês resolveram se estabelecer aqui em Ouricuri?
Há quanto tempo vocês residem aqui em Ouricuri?
Como foi a reação dos não ciganos quando vocês vieram morar aqui em Ouricuri?
A qual grupo étnico vocês pertencem? Rom Sinti ou Calon?
Vocês preservam as tradições culturais: A língua, Dança, casamentos, festas, a leitura da sorte?
Vocês possuem alguma característica religiosa comum a todo grupo?
Como o povo Calon se relaciona com a morte?
Seus filhos e filhas frequentam a escola? Qual a importância da escola para a comunidade Calon?
Qual a relação de vocês com a Comunidade escolar?
Já sofreram algum tipo de preconceito em Ouricuri pelo fato de pertencer ao povo cigano?
Você considera importante a presença da História e Cultura do seu povo nas atividades escolares?

<b>Perguntas Realizadas aos profissionais da Educação.</b>
Antes de iniciar a entrevista, eu gostaria que você falasse um pouco sobre sua trajetória na educação básica de Ouricuri.
Tendo em vista a existência de uma comunidade cigana da Etnia Calon (Kalon) em Ouricuri, como você analisa a relação deste público com a escola?
Como você observa a questão identitária? Os alunos em sua maioria falam abertamente sobre suas etnias?
Você já observou algum tipo de preconceito a pessoas Ciganas, seja na comunidade de modo geral ou na comunidade escolar? Se sim, cite um exemplo.
Como professor (a) da educação básica em Ouricuri, discorra um pouco acerca da sua convivência com a comunidade cigana?
Dentro do que se estabelece na LDB, no Currículo Pernambuco e demais diretrizes para a educação básica, é possível afirmar que na sua comunidade escolar há propostas de ensino voltadas a uma pedagogia intercultural, ou seja, estratégias de ensino que valorize e respeite as diversas etnias e culturas existentes na comunidade?
Você considera as políticas de ensino presentes no município como eficazes a integração/ socialização dos alunos ciganos na educação básica de Ouricuri?